KURT VONNEGUT JR.



GALÁPAGOS



Boa leitura!

Acesse o QR code (ou este link) e confira um mapa exclusivo da viagem do *Bahía de Darwin*, o Cruzeiro Ambiental do Século.

KURT VONNEGUT JR.

GALÁPAGOS

TRADUÇÃO
Livia Koeppl



Aleph

Em memória de Hillis L. Howie
(1903-1982), naturalista amador,
um homem bondoso
que me levou, assim como meu melhor amigo, Ben Hitz,
e também outros rapazes
de Indianápolis, Indiana,
para conhecer o Velho Oeste americano
no verão de 1938.
O sr. Howie nos apresentou a indígenas de verdade,
e nos fez dormir ao relento toda noite,
e enterrar nosso excremento;
ele nos ensinou a montar um cavalo,
e nos contou o nome de muitas plantas
e animais,
e o que eles precisavam fazer
para sobreviver
e se reproduzir.
Uma noite, o sr. Howie quase nos matou de medo,
de propósito,
gritando como um gato selvagem perto do nosso acampamento.
Um gato selvagem de verdade gritou de volta.

“Apesar de tudo, ainda acredito que, no fundo, as pessoas são realmente boas.”

— Anne Frank (1929-1945)

Sumário

Livro um: Era assim

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

Livro dois: E ficou assim

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

Livro um

Era assim

1

Era assim:

Um milhão de anos atrás, em 1986 d.C., Guayaquil era o principal porto da limitada democracia sul-americana do Equador, cuja capital, Quito, localizava-se no alto da cordilheira dos Andes. Guayaquil ficava dois graus ao sul do Equador, a linha imaginária do planeta que depois nomeou o país. Um lugar sempre muito quente, muito úmido também, pois a cidade fora construída na Zona de Convergência Intertropical, em um pântano com inúmeras nascentes pelas quais fluíam as águas misturadas de diversos rios que drenavam as montanhas.

Esse porto se situava a vários quilômetros do mar aberto. Jangadas de matéria vegetal obstruíam com frequência as águas turvas, engolfando estacas e cabos de ancoragem.

Como o cérebro dos humanos era muito maior naquela época do que é hoje, corria mais risco de ser enganado por mistérios. Um desses mistérios, em 1986, questionava como tantas criaturas incapazes de nadar grandes distâncias tinham conseguido chegar às ilhas Galápagos, arquipélago de picos vulcânicos a oeste de Guayaquil, que é separado do continente por mil quilômetros de águas muito profundas e muito geladas vindas da Antártica. Quando os humanos descobriram tais ilhas, lagartixas, iguanas, ratos-do-arroz, lagartos de lava, aranhas, formigas, besouros, gafanhotos, ácaros e carrapatos já viviam lá, sem falar nas tartarugas gigantes terrestres.

Com que transporte chegaram até lá?

Muitas pessoas satisfaziam o próprio cérebro gigante com esta resposta: tais criaturas haviam se deslocado em jangadas naturais.

Outras pessoas, no entanto, argumentavam não apenas que as jangadas se encharcavam de água e apodreciam tão rapidamente que jamais alguém vira uma no mar, mas também que a corrente entre as ilhas e o continente as transportaria, rústicas como eram, para o norte, e não para o oeste.

Ou então alegavam que todas aquelas criaturas, marinheiras de primeira viagem, haviam atravessado uma ponte natural ou nadado curtas distâncias entre um ponto de apoio e outro, e que essas formações naturais acabaram desaparecendo sob as ondas do oceano. Contudo, até 1986, cientistas, usando os próprios cérebros gigantes e seus aparelhos habilidosos, mapearam o relevo oceânico. Não havia um traço sequer, disseram eles, de qualquer tipo de massa de terra intermediária.

Outras pessoas, naquela época de cérebros gigantes e pensamentos mirabolantes, garantiam que as ilhas, em algum momento, fizeram parte do continente, do qual se separaram por alguma catástrofe estupenda.

Mas as ilhas não pareciam ter se separado de nada; eram, evidentemente, o resultado de jovens vulcões que haviam vomitado bem ali onde estavam. Muitos deles eram tão recém-nascidos que pareciam prestes a explodir de novo a qualquer momento. Em 1986, uma grande quantidade de corais sequer havia germinado, nem existiam praias de lagoas azuis e areia branca, regalias que muitos humanos costumavam considerar prenúncios do pós-vida.

Agora, um milhão de anos depois, vislumbram-se praias de areia branca e lagoas azuis. Porém, no momento em que esta história começa, elas ainda eram feios domos e montes, cones e espirais de lava frágil e abrasiva, de cujas

rachaduras, crateras, cavidades e vales não transbordava solo superficial ou água doce, mas somente cinzas vulcânicas finas e secas.

Outra teoria dessa época era a de que o Deus Todo-Poderoso criara todas aquelas criaturas bem ali, onde os exploradores as tinham encontrado, e, portanto, não haviam necessitado de qualquer meio de transporte.

Outra teoria ainda remetia ao fato de que os animais tinham alcançado terra firme em pares, descendo pela Arca de Noé.

Se de fato existiu uma Arca de Noé, e talvez tenha existido, eu poderia chamar minha história de "A segunda Arca de Noé".

2

Há um milhão de anos, não havia mistério algum em como um norte-americano de 35 anos chamado James Wait, que não conseguia nadar nem uma braçada, faria para viajar do continente sul-americano até as ilhas Galápagos. Com toda a certeza, ele não se agacharia numa jangada vegetal de matéria orgânica esperando que tudo desse certo. Ele, portanto, apenas comprou uma passagem no hotel onde estava, no centro de Guayaquil, para um cruzeiro de duas semanas na viagem inaugural de um novo navio de passageiros denominado *Bahía de Darwin*, o termo espanhol para "Baía de Darwin". Essa primeira viagem às Galápagos, com a bandeira do Equador hasteada, fora divulgada ao mundo no ano anterior como o "Cruzeiro Ambiental do Século".

Wait viajava sozinho. Prematuramente careca, era rechonchudo, a pele num tom desagradável, similar à crosta de uma torta de lanchonete barata, e usava óculos, o que lhe permitiria muito bem alegar estar na casa dos 50, caso visse alguma vantagem nisso. Queria parecer inofensivo e tímido.

No momento, ele era o único cliente no bar do Hotel El Dorado, situado na ampla *calle* Diez de Agosto, onde reservara um quarto. E Jesús Ortiz, o bartender, um jovem de 20 anos descendente de orgulhosos nobres incas, teve a impressão de que aquele homem melancólico e com ar de desamparo, que alegava ser canadense, fora assolado por alguma terrível tragédia ou injustiça. Era mesmo um desejo de Wait que todos pensassem o mesmo dele.

Jesús Ortiz, uma das pessoas mais gentis desta minha história, sentia mais pena do que desprezo pelo solitário turista. Achava triste, exatamente como

Wait queria, que o sujeito tivesse desembolsado muito dinheiro na butique do hotel em um chapéu de palha, chinelos de corda trançada, shorts amarelos e uma camiseta de algodão azul, branca e roxa, que ele vestia naquele momento. Ortiz pensou que Wait aparentava considerável dignidade quando chegara do aeroporto num terno de executivo. Mas ali, depois de gastar uma bolada, transformara-se num palhaço, numa caricatura de turista norte-americano nos trópicos.

A etiqueta de preço ainda estava costurada na bainha da nova camiseta chamativa de Wait, e Ortiz, muito polidamente e em bom inglês, avisou-o disso.

— Ah! — exclamou Wait.

Ele sabia que a etiqueta estava ali, e queria que permanecesse ali. Mas, continuando uma farsa de constrangimento e autozombaria, pareceu disposto a arrancá-la. Em seguida, como se abatido por alguma tristeza da qual tentava fugir, aparentemente se esqueceu de removê-la.

Wait era um pescador, e a etiqueta de preço, a isca, uma forma de encorajar estranhos a conversarem com ele, dizendo, de um jeito ou de outro, o que Ortiz havia falado:

— Com licença, *señor*, mas não pude deixar de notar que…

Wait se registrou no hotel usando o nome que constava no passaporte canadense falsificado: Willard Flemming. Ele era um vigarista extremamente bem-sucedido.

Ortiz não corria perigo com ele, ao contrário de uma mulher que aparentasse ter um pouco de dinheiro, sem marido e já fora da idade fértil. Até então, Wait cortejara e se casara com dezessete mulheres desse tipo, e depois de limpar as caixas de joias, os cofres e as contas bancárias de todas, desaparecia.

Ele era tão bom nisso que acabou ficando milionário. Abrira, usando nomes diferentes, poupanças que lhe rendiam juros em bancos por toda a

América do Norte, e nunca fora preso por crime algum. Pelo que sabia, ninguém estava em seu encalço. Concluiu que, para a polícia, ele era só um em meio a dezessete maridos infiéis, cada qual com um nome diferente, e não um único criminoso reincidente cujo nome verdadeiro era James Wait.

É difícil acreditar, atualmente, que as pessoas fossem tão brilhantemente desonestas quanto James Wait, mas então me lembro de que o cérebro de quase todo ser humano adulto naquela época pesava cerca de três quilos! Não havia limites para a concepção e a execução dos planos malignos dessas máquinas pensantes superdimensionadas.

Então pergunto, embora não haja ninguém aqui para me responder: há alguma dúvida de que os antigos cérebros de três quilos significariam imperfeições quase fatais na evolução da raça humana?

Uma segunda pergunta: naquela época, exceto pelos nossos circuitos nervosos hiperelaborados, a quem cabia a responsabilidade por todos os males que víamos ou dos quais ouvíamos falar em absolutamente toda parte?

Minha resposta: não havia outro responsável. O planeta era bastante inocente, exceto por aqueles cérebros gigantes.

3

O Hotel El Dorado era um alojamento turístico de cinco andares, novo em folha, construído com blocos de cimento simples. Possuía as dimensões e a atmosfera de uma estante de livros envidraçada, sendo alto, amplo e pouco profundo. Em cada quarto havia uma parede de vidro do teto ao chão virada para o oeste — em direção à zona portuária para embarcações de calado profundo, dragadas na foz do rio a uma distância de três quilômetros.

No passado, o comércio do porto fervilhara, e navios de todas as partes do planeta traziam carnes, grãos, vegetais, frutas, veículos, roupas, maquinarias, eletrodomésticos etc.; e levavam, numa troca justa, café equatoriano, cacau, açúcar, petróleo, ouro e artesanato indígena, incluindo chapéus "Panamá", que sempre foram fabricados no Equador, e não no Panamá.

No entanto, naquele momento apenas dois navios estavam ancorados, enquanto James Wait continuava sentado no bar, bebericando rum e Coca-Cola. Na verdade, ele não era acostumado a beber, pois, dependendo da astúcia necessária para sobreviver, não podia se dar ao luxo de causar um curto-circuito alcoólico nos delicados interruptores de seu grande computador craniano. O drinque dele representava um mero acessório teatral — como a etiqueta de preço na camiseta ridícula.

Ele não estava apto a julgar a normalidade ou não da situação no porto. Até dois dias atrás, nem sequer ouvira falar de Guayaquil, e era a primeira vez na vida que visitava um lugar abaixo da linha do Equador. Até onde sabia, o El Dorado não era diferente de todas as hospedarias sem personalidade nas

quais se refugiara no passado — em Moose Jaw, Saskatchewan, em San Ignácio, México, em Watervliet, Nova York etc.

Wait escolhera o nome da cidade onde estava naquele exato momento num balcão de informações do Aeroporto Internacional Kennedy, na cidade de Nova York. Empobrecido depois de abandonar sua 17ª esposa — uma viúva de 70 anos de Skokie, Illinois, nos arredores de Chicago —, Guayaquil lhe parecera o último lugar em que ela pensaria em procurá-lo.

Aquela mulher era tão feia e imbecil que provavelmente nunca deveria ter nascido. E, ainda assim, Wait fora a segunda pessoa a se casar com ela.

Além do mais, ele não ficaria muito tempo no El Dorado, pois comprara uma passagem para o "Cruzeiro Ambiental do Século" do agente de viagens de um guichê no saguão do hotel. Era fim de tarde, e lá fora fazia um calor infernal. Não havia brisa, mas ele não se importava, pois estava dentro do hotel, com ar-condicionado, e, de qualquer modo, logo estaria longe. O *Bahía de Darwin* estava programado para zarpar no dia seguinte ao meio-dia, sexta-feira, 28 de novembro de 1986, um milhão de anos atrás.

A baía que inspirara o nome do navio em que Wait embarcaria se espalhava ao sul da ilha de Genovesa, parte das Galápagos. Wait, que nunca ouvira falar do lugar, esperava que fossem como o Havaí, onde já estivera em lua de mel, ou como Guam, onde já se escondera, com vastas praias de areia branca, lagoas azuis, palmeiras ondulantes e nativas bronzeadas.

O agente de viagens lhe entregara um folheto que descrevia o cruzeiro, mas Wait ainda não tinha dado uma olhada nele. Estava largado à sua frente, no bar. O folheto era verdadeiro ao informar que a maior parte das ilhas era proibida, e alertava os futuros passageiros, coisa que o agente de viagens não fizera a Wait, sobre a necessidade de condições físicas boas, botas resistentes e roupas grossas, considerando que caminhariam com dificuldade em terra e escalariam rochas usando as mãos e os pés, como uma infantaria anfíbia.

O nome da Baía de Darwin homenageava o grande cientista inglês Charles Darwin, que visitou Genovesa e várias das ilhas vizinhas durante cinco semanas em 1835, quando ainda era um rapaz comum de 26 anos, nove anos mais jovem que Wait. Na época, Darwin, um naturalista não remunerado, seguiu viagem a bordo do *Beagle*, navio de propriedade de Sua Majestade, numa expedição cartográfica que daria a volta ao mundo em cinco anos.

O folheto do cruzeiro, que pretendia deleitar mais os amantes da natureza do que os caçadores de prazeres, reproduzia a descrição do próprio Darwin de uma típica ilha de Galápagos, extraída de seu primeiro livro, *A viagem do Beagle*:

> *Nada poderia ser menos convidativo que a primeira impressão. Eis uma superfície desigual, de lava basáltica negra, projetada em vagas de contornos angulosos e atravessada por grandes fendas, coberta por todo os lados de arbustos anões semimurchos, que dão poucos sinais de vida. A superfície árida e ressequida, aquecida pelo sol do meio-dia, produzia na atmosfera uma sensação abafada e opressora, como a de um fogão: imaginávamos que até os arbustos cheiravam mal.*

Darwin continuou:

> *A superfície inteira […] parece ter sido permeada, como uma peneira, por vapores subterrâneos: aqui e ali a lava, embora suave, havia sido soprada em grandes bolhas; e em outras partes, o topo das cavernas, de aspecto similar, caiu, deixando partes circulares com extremidades escarpadas.*

Lembrava vividamente, ele escreveu, *"[…] aquelas regiões de Staffordshire onde abundavam grandes fundições de ferro*".

No bar do El Dorado havia um retrato de Darwin — na verdade, a reprodução ampliada de uma gravura em aço — emoldurado por prateleiras e garrafas, apresentando-o não como um jovem nas ilhas, mas como um imponente pai de família da Inglaterra, com uma barba tão exuberante quanto uma guirlanda natalina. As camisetas à venda na loja do hotel

estampavam o mesmo retrato, e Wait comprara duas delas. Retratavam a aparência de Darwin quando finalmente amigos e parentes o convenceram a registrar por escrito suas concepções de como, em todos os lugares, as formas de vida, incluindo ele mesmo, amigos, parentes e até a rainha, chegaram daquele jeito ao século 19. Foi assim que ele redigiu a obra científica mais abrangente e influente produzida na época dos cérebros gigantes. Ela possibilitou, mais do que qualquer outra obra, o fortalecimento das opiniões voláteis das pessoas sobre como identificar sucesso ou fracasso.

Imagine só! E o título do livro resumia o conteúdo impiedoso: *A origem das espécies por meio da seleção natural ou A preservação das raças favorecidas na luta pela vida*.

Wait nunca lera o livro, nem nunca ouvira falar de Darwin, embora, de tempos em tempos, conseguisse se passar por um homem culto. Estava considerando a possibilidade de dizer, durante o "Cruzeiro Ambiental do Século", que era engenheiro mecânico em Moose Jaw, Saskatchewan, e que sua esposa morrera recentemente de câncer.

Na realidade, Wait concluíra a educação formal depois de passar dois anos aprendendo reparo e manutenção de automóveis na escola profissionalizante do ensino médio de sua cidade natal, Midland, Ohio. Na época ele morava no quinto lar adotivo de uma série de lares pelos quais passou, pois era basicamente um órfão, resultado de uma relação incestuosa entre pai e filha, que abandonaram a cidade juntos e para sempre assim que ele nasceu.

Quando já tinha idade para fugir, Wait pediu carona até a ilha de Manhattan. Lá ele ficou amigo de um cafetão que o ensinou a ser um michê homossexual bem-sucedido, a manter etiquetas de preço nas roupas, a apreciar de verdade seus amantes sempre que possível etc. Wait já fora um sujeito muito bonito.

Quando a beleza começou a se esvair, ele virou instrutor de dança de salão num estúdio. Era um dançarino nato, e haviam lhe contado, lá em

Midland, que seus pais também tinham sido excelentes dançarinos. Provavelmente herdara deles a noção de ritmo. E foi no estúdio de dança que ele conheceu, cortejou e se casou com a primeira das dezessete esposas até então.

Durante toda a infância, Wait fora punido severamente pelos pais adotivos por qualquer coisinha. Achavam que, como filho de uma união incestuosa, ele acabaria se tornando um monstro imoral.

Então, lá estava o monstro no Hotel El Dorado, feliz, rico e saudável, até onde sabia, e ansioso para testar mais uma vez suas habilidades de sobrevivência.

A propósito, assim como James Wait, eu também já fui um adolescente fugitivo.

4

O anglo-saxão Charles Darwin, de fala suave e cavalheiresco, observador impessoal, assexual e inexpressivo em seus livros, era um herói na fervilhante, entusiasmada e poliglota Guayaquil, afinal era o responsável pelo *boom* turístico. Se não fosse por Darwin, não haveria um Hotel El Dorado ou um *Bahía de Darwin* para acomodar James Wait. Não existiria sequer uma butique para vesti-lo de modo tão extravagante.

Se Charles Darwin não tivesse declarado as ilhas Galápagos maravilhosamente instrutivas, Guayaquil seria apenas mais uma cidade portuária imunda e quente, e as ilhas valeriam tanto para o Equador quanto os aterros de entulho de Staffordshire.

Apesar de Darwin não ter mudado as ilhas, alterou a opinião das pessoas sobre elas. Isso mostra como opiniões simples costumavam ser importantes na época dos cérebros gigantes.

Na verdade, opiniões simples, ainda que sujeitas a repentinas reviravoltas, eram tão capazes de governar as ações das pessoas quanto provas científicas, estas sem mudanças súbitas. Logo, as ilhas Galápagos podiam ser o inferno num momento e o céu no outro, Júlio César podia ser um estadista num momento e um açougueiro no outro, o dinheiro equatoriano de papel podia ser trocado por comida, abrigo e roupas num momento e forrar o fundo de uma gaiola de pássaros no outro, e o universo podia ter sido criado por Deus Todo-Poderoso num momento e por uma grande explosão no outro etc.

Graças à redução da capacidade intelectual, as pessoas não se desviam mais do propósito principal da vida pela ação dos duendes da opinião.

Pessoas brancas descobriram as ilhas Galápagos em 1535, quando um navio espanhol, depois de varrido de seu curso por uma tempestade, acabou encontrando-as. Ninguém vivia lá, nem existia indício de qualquer assentamento humano na região.

Esse navio azarado só queria levar o bispo do Panamá até o Peru sem perder de vista a costa sul-americana. Mas daí veio a tempestade, que o arrastou em direção ao oeste, sempre ao oeste, onde a opinião humana predominante insistia haver apenas mar e mais mar.

No entanto, cessada a tempestade, os espanhóis descobriram que tinham levado o bispo a uma região que materializava o pesadelo de qualquer marujo, na qual os pedacinhos de terra eram uma chacota, desprovida de lugar seguro para ancorar, de sombra, de água doce, de frutas pendentes ou mesmo de humanos de qualquer natureza. O navio estava parado, e a comida e a água, quase no fim. O oceano se assemelhava a um espelho. Então, resolveram descer um escaler e rebocaram a embarcação e o líder espiritual para longe dali.

Os espanhóis não reivindicaram as ilhas, o que equivaleria a reivindicar o inferno. E durante os três séculos inteiros que se seguiram à reavaliação da opinião humana em permitir que o arquipélago aparecesse nos mapas, nenhuma outra nação desejou possuí-lo. Até que, em 1832, o Equador, um dos menores e mais pobres países do planeta, pediu a outros povos do mundo que compartilhassem com ele esta opinião: as ilhas deveriam fazer parte do Equador.

Ninguém contestou. Na época, a opinião pareceu inofensiva e até mesmo engraçada. Era como se o Equador, num acesso de demência imperialista, anexasse ao seu território uma nuvem passageira de asteroides.

No entanto, depois de breves três anos, o jovem Charles Darwin começou a persuadir as pessoas de que os animais e plantas excêntricos que haviam encontrado um jeito de sobreviver nas ilhas as tornavam extremamente

valiosas, se as pessoas olhassem aquele cenário da mesma forma que ele, ou seja, de um ponto de vista científico.

Apenas uma palavra descreve com precisão a mudança que Darwin causou nas ilhas, que passaram de inúteis a inestimáveis: *mágica*.

Sim, e quando James Wait chegou a Guayaquil, tantas outras pessoas interessadas em história natural já haviam passado por lá, a caminho das ilhas, para ver o que Darwin tinha visto, sentir o que Darwin tinha sentido, que três navios de cruzeiro viviam ancorados permanentemente na cidade, e dentre eles o mais novo era o *Bahía de Darwin*. A cidade também estava repleta de muitos hotéis turísticos modernos — dentre eles, o mais novo era o El Dorado —, e lojas de lembrancinhas, butiques e restaurantes para turistas espalhavam-se por toda a *calle* Diez de Agosto.

No entanto, o negócio era o seguinte: quando James Wait chegou lá, uma crise financeira mundial, uma repentina reavaliação das opiniões humanas quanto ao valor do dinheiro, das ações, dos títulos e das hipotecas etc., ou seja, dos pedaços de papel, já arruinara os negócios turísticos não apenas no Equador, mas também em praticamente todo o mundo. Como resultado, apenas o El Dorado continuava aberto em Guayaquil, e o *Bahía de Darwin* virou o único navio de cruzeiro ainda equipado para navegar.

O El Dorado só continuava aberto porque servia de ponto de encontro para as pessoas que haviam comprado passagens para o "Cruzeiro Ambiental do Século", pois o hotel pertencia à mesma companhia equatoriana que construíra o navio. Mas, naquele momento, a menos de 24 horas de o cruzeiro partir, só seis hóspedes, incluindo James Wait, ocupavam o hotel de duzentos leitos. Os outros cinco eram:

*Zenji Hiroguchi, 29 anos, gênio japonês da computação;

Hisako Hiroguchi, 26 anos, casada com *Zenji e professora de ikebana, a arte japonesa de arranjo de flores, em estado avançado de gravidez;

*Andrew MacIntosh, 55 anos, viúvo, financista norte-americano e aventureiro, herdeiro de uma fabulosa riqueza;

Selena MacIntosh, 18 anos, filha de *Andrew MacIntosh, cega de nascença;

E Mary Hepburn, 51 anos, viúva, norte-americana de Ilium, Nova York, a quem praticamente ninguém no hotel tinha visto, pois permanecera em seu quarto, no quinto andar, onde fizera todas as refeições desde que chegara, sozinha, na noite anterior.

Os dois nomes marcados com asteriscos são de pessoas que morreriam antes do pôr do sol. A propósito, aproveito para explicar que o recurso dos asteriscos permeará toda a minha história, funcionando como um alerta aos leitores de que alguns personagens enfrentarão, em breve, o derradeiro teste darwiniano de força e inteligência.

Eu também estava lá, mas perfeitamente invisível.

5

O *Bahía de Darwin*, apesar de também condenado, ainda não está pronto para receber um asterisco na frente do nome. O sol se poria mais cinco vezes antes de os motores pararem para sempre, e demoraria mais dez anos até que ele alcançasse o fundo do oceano. Não era apenas o maior, o mais novo, o mais veloz e mais luxuoso cruzeiro marítimo ancorado em Guayaquil, mas também o único projetado especificamente para turismo nas Galápagos, e destinava-se, no momento em que assentaram a quilha, a um movimento permanente de ir até as ilhas e voltar, ir até as ilhas e voltar.

O navio fora construído em Malmö, na Suécia, e eu mesmo trabalhei nele. A tripulação reduzida de equatorianos e suecos que o levou de Malmö a Guayaquil disse que a tempestade enfrentada pela embarcação no Atlântico Norte seria a última borrasca que ele aguentaria.

No *Bahía de Darwin* havia restaurante, auditório, discoteca e hotel flutuante para cem convidados pagantes, além de radar, sonar e um navegador eletrônico que mostrava continuamente a posição do barco na face da Terra, em até cem metros. Era tão completamente automatizado que uma pessoa sozinha na ponte de comando, sem ninguém na casa das máquinas ou no deque, seria capaz de dar partida nele, levantar as âncoras, colocá-lo em movimento e pilotá-lo como se fosse um carro de família. E ainda contava com 85 instalações sanitárias e doze bidês, telefones nas cabines e na ponte de comando, os quais, via satélite, conseguiam ligar para outros telefones em qualquer lugar.

E televisões, para que as pessoas se informassem com as notícias do dia.

Os proprietários, dois irmãos alemães que moravam em Quito, diziam com orgulho que o navio jamais perderia contato com o resto do mundo. Mal sabiam eles.

O navio tinha setenta metros de comprimento.

O *Beagle*, que transportou Charles Darwin, o naturalista não remunerado, tinha apenas 28 metros de comprimento.

Quando o *Bahía de Darwin* foi lançado ao mar, em Malmö, 1100 toneladas métricas de água salgada precisaram se deslocar para outro local. Na época, eu já havia falecido.

Quando o *Beagle* foi lançado ao mar em Falmouth, na Inglaterra, apenas duzentas e quinze toneladas métricas de água salgada se deslocaram.

O *Bahía de Darwin* era um navio de metal com motor.

O *Beagle,* um veleiro de madeira que carregava dez canhões para afastar piratas e selvagens.

Os dois antigos navios de cruzeiro com os quais o *Bahía de Darwin* deveria competir haviam saído da jogada antes mesmo do início da concorrência. Embora ambos tivessem vendido com bastante antecedência todas as passagens, devido à crise financeira, foram devastados por cancelamentos. Agora estavam ancorados nos cafundós de um pântano, fora da vista da cidade, longe de qualquer estrada ou habitação. Os proprietários tinham removido dos navios todos os aparelhos eletrônicos e outros objetos de valor, antecipando um prolongado período de anarquia.

Afinal, o Equador, assim como as ilhas Galápagos, era quase todo formado por lava e cinzas, e, portanto, incapaz de alimentar os nove milhões de habitantes. Uma nação falida, sem condições de comprar comida de países com um solo arável abundante; como resultado, o porto de Guayaquil parou, e as pessoas começaram a morrer de fome.

Negócio era negócio.

Os países vizinhos, Peru e Colômbia, também estavam falidos. O único navio na costa de Guayaquil, com exceção do *Bahía de Darwin*, era um enferrujado cargueiro colombiano, o *San Mateo*, abandonado ali por falta de recursos para comprar comida e combustível. Estava ancorado longe da praia havia tanto tempo que uma enorme jangada de matéria vegetal se formara em torno do cabo de ancoragem. Um bebê elefante conseguiria chegar às ilhas Galápagos em uma jangada natural daquele tamanho.

México, Chile, Brasil e Argentina estavam igualmente falidos, bem como a Indonésia, as Filipinas, o Paquistão, a Índia, a Tailândia, a Itália, a Irlanda, a Bélgica e a Turquia. Todas as nações estavam subitamente na mesma situação que o *San Mateo*: incapazes de comprar até mesmo itens básicos com seu dinheiro de papel e suas moedas, ou com promessas escritas de pagamento futuro. Pessoas com qualquer sustento para vender, conterrâneos e até mesmo estrangeiros recusavam-se a trocar bens por dinheiro. De repente, viam-se dizendo àqueles que nada mais tinham para trocar além de papéis com representações de riquezas:

— Acordem, seus idiotas! O que faz vocês pensarem que papel é tão valioso?

Ainda havia bastante comida, combustível etc. para todos os humanos do planeta, por mais numerosos que fossem, mas milhões e milhões começaram a morrer de inanição. O mais saudável deles conseguiria ficar sem comer por cerca de quarenta dias, e depois disso a morte viria buscá-lo.

E essa fome era resultado direto dos cérebros gigantes, assim como a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

Tudo estava na cabeça das pessoas. Elas tinham simplesmente mudado de opinião quanto à riqueza em papel, mas, para todos os efeitos práticos, o

planeta também poderia ter sido desviado bruscamente de sua órbita por um meteoro do tamanho de Luxemburgo.

6

Essa crise financeira, que jamais aconteceria nos dias de hoje, foi praticamente a última de uma série de catástrofes mortíferas do século 20 originadas inteiramente nos cérebros humanos. Aliás, considerando a violência das pessoas contra si mesmas e seus semelhantes, inclusive contra todos os outros seres vivos, um visitante de outro planeta talvez presumisse que o meio ambiente estava arruinado, e que as pessoas viviam em frenesi porque a Natureza tentava aniquilá-las.

Contudo, há um milhão de anos, o planeta era tão úmido e nutritivo quanto hoje — e singular, nesse sentido, em toda a Via Láctea. Na verdade, a única coisa que havia mudado era a opinião das pessoas sobre o lugar.

Dou crédito à humanidade daquela época: cada vez mais indivíduos diziam que os próprios cérebros eram irresponsáveis, indignos de confiança, medonhamente perigosos, completamente ilusórios. Basicamente, não prestavam.

No microcosmo do Hotel El Dorado, por exemplo, a viúva Mary Hepburn, que vinha fazendo todas as refeições no quarto, amaldiçoava em voz baixa o próprio cérebro pelo conselho que lhe dava, que era cometer suicídio.

— Você é meu inimigo — sussurrava ela. — Por que eu iria querer um inimigo tão terrível dentro de mim? — Ela fora professora de biologia no ensino médio da escola pública de Ilium, em Nova York, cidade agora extinta, durante um quarto de século, e, portanto, já se familiarizara com a estranhíssima história da evolução de uma criatura, agora extinta, chamada

pelos seres humanos de "alce-irlandês". — Se me pedissem para escolher entre ter um cérebro como você ou a galhada de um alce-irlandês — disse ela ao próprio sistema nervoso central —, eu escolheria a galhada.

Esses animais possuíam galhadas do tamanho de lustres de salões de baile. Eram exemplos fascinantes, Mary costumava dizer aos alunos, de como a natureza era tolerante com equívocos claramente ridículos de evolução. O alce-irlandês sobreviveu dois milhões e meio de anos, apesar de a galhada ser pesada demais para luta ou defesa, além de impedi-lo de procurar por comida em florestas cerradas e arbustos densos.

Mary também ensinava que o cérebro humano era o mais admirável mecanismo de sobrevivência já produzido pela evolução. Mas, naquele momento, o próprio cérebro gigante a encorajava a pegar o saco de polietileno que envolvia um vestido vermelho de gala em seu armário em Guayaquil e colocá-lo em volta da cabeça, privando as células de seu corpo de oxigenação.

Antes disso, no aeroporto, depois do voo de Quito para Guayaquil, o maravilhoso cérebro de Mary havia entregado a um ladrão uma mala com todos os artigos de higiene e as roupas que ela usaria no hotel. Era sua bagagem de mão do voo de Quito para Guayaquil. Ao menos lhe sobrara o conteúdo da mala despachada, o qual incluía o vestido de gala no armário, destinado às festas do *Bahía de Darwin*. Também lhe restara o traje e a máscara de mergulho, as nadadeiras pé de pato, dois maiôs, um par de botas resistentes para caminhada e um uniforme de combate para operações em terra do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, excedente de guerra, o qual ela usava naquele momento. Quanto à calça que vestira durante o voo para Quito, o cérebro gigante a convencera de enviá-la para a lavanderia do hotel, levando-a também a acreditar nas palavras do gerente de olhar tristonho de

que com certeza a teria de volta pela manhã, antes do café da manhã. Porém, para constrangimento do sujeito, a calça também desaparecera.

Mas a pior coisa que seu cérebro havia feito, além de recomendar que ela se suicidasse, fora insistir que viajasse a Guayaquil, apesar de todas as notícias sobre a crise financeira do planeta, apesar da quase certeza de que o "Cruzeiro Ambiental do Século", com reservas esgotadas apenas um mês antes, seria cancelado por falta de passageiros.

A máquina pensante colossal de Mary também conseguia ser bastante mesquinha. Ela a impedia de descer até o saguão usando o uniforme de combate, argumentando que todos ali, mesmo que o hotel estivesse praticamente vazio, a achariam ridícula numa roupa como aquela. Seu cérebro lhe dizia:

— Vão rir de você pelas costas e achar que você é louca e patética, e de qualquer forma sua vida está arruinada. Você perdeu o marido, o emprego de professora e não tem nenhum filho ou motivo para viver, então use o saco plástico e acabe logo com esse seu sofrimento. Existe alguma coisa mais fácil que isso? O que seria menos indolor? O que faria mais sentido?

Dando o devido crédito ao cérebro de Mary: até aquele momento, ele não era inteiramente culpado por 1986 ter sido um ano tão perfeitamente horrível. Começara muito promissor, com Rob, o marido de Mary, aparentando boa saúde e seguro no trabalho de encarregado de manutenção de máquinas na GEFFCo, a principal indústria de Ilium, com a fundação Kiwanis oferecendo a Mary um banquete e uma placa em celebração aos 25 anos de distinção em docência, os alunos dando a ela o título de professora mais popular por doze anos seguidos.

No início de 1986, ela dissera a Roy:

— Ah, Roy, nós temos tanto a agradecer, somos tão mais sortudos que a maioria das pessoas. Quero chorar de felicidade.

E ele, abraçando-a, retrucou:

— Bom, então chore.

Ela tinha 51 anos, e ele, 59, e ambos apreciavam profundamente as atividades ao ar livre, gostavam de caminhadas, de esquiar, escalavam montanhas, faziam canoagem, corriam, andavam de bicicleta e nadavam; o corpo dos dois era jovial e esbelto. Não fumavam nem bebiam, e comiam sobretudo frutas e vegetais frescos, e um pouquinho de peixe de vez em quando.

Também cuidavam muito bem do dinheiro, dando a ele, em termos econômicos, o mesmo tipo de alimentação saudável e exercícios que se proporcionavam.

A história de sabedoria fiscal que Mary tinha com Roy, é claro, seria adrenalina pura se contada a James Wait.

E sim, James Wait, o estripador de viúvas, especulava sobre Mary Hepburn sentado no bar do El Dorado, embora ainda não a tivesse conhecido pessoalmente, nem soubesse ao certo quão estável financeiramente ela era. Ele havia visto o nome de Mary no livro de registros do hotel e perguntara ao jovem gerente como ela era.

Wait gostou do pouco que o gerente conseguiu contar. A tímida e solitária professora do andar de cima, embora mais jovem do que todas as viúvas que ele arruinara até então, lhe pareceu uma presa natural. Ele iria persegui-la à vontade durante o "Cruzeiro Ambiental do Século".

Se me permitem, gostaria agora de inserir uma observação pessoal: quando estava vivo, meu cérebro gigante me dava conselhos com frequência quanto à minha sobrevivência ou à sobrevivência da raça humana, os quais nem sequer podem ser descritos caridosamente como questionáveis. Por exemplo: ele fez com que eu me alistasse no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos e lutasse no Vietnã.

Valeu mesmo, cérebro gigante.

7

As moedas nacionais dos seis hóspedes do Hotel El Dorado, quatro norte-americanos, um deles alegando ser canadense, e dois japoneses, ainda valiam tanto quanto ouro em todos os lugares do planeta. Repito: o valor do dinheiro era apenas imaginário. Como a natureza do próprio universo, a utilidade dos dólares americanos e dos ienes só existia na cabeça das pessoas.

E se Wait, que nem sabia da crise financeira, tivesse aprimorado seu disfarce de canadense a ponto de trazer dólares canadenses para o Equador, não teria sido tão bem recebido como fora. Embora o Canadá não estivesse falido, em cada vez mais lugares, inclusive lá mesmo, a imaginação das pessoas as deixava infelizes em trocar alguma coisa realmente útil por dólares canadenses.

Um declínio semelhante em valor imaginário ocorria com a libra esterlina, o franco francês e o suíço, e o marco alemão. Enquanto isso, o sucre equatoriano, moeda criada em homenagem a Antonio José de Sucre (1795-1830), um herói nacional, valia menos que uma casca de banana.

Em seu quarto, Mary Hepburn se perguntava se tinha um tumor cerebral e se não era por isso que seu cérebro lhe dava, o tempo todo, os piores conselhos possíveis. Tal suspeita era natural, pois um tumor desse tipo havia matado seu marido Roy, apenas três meses atrás. No entanto, não bastou matá-lo. Primeiro confundiu a memória e destruiu a razão do homem.

Ela também se indagou quando o tumor começara a agir no marido, e se não fora o responsável por Roy reservar passagens para o "Cruzeiro

Ambiental do Século" no promissor mês de janeiro daquele último e terrível ano.

Eis como Mary descobriu que o marido havia reservado passagens para eles no cruzeiro: numa tarde, ela saiu do trabalho e voltou para casa achando que Roy estaria na GEFFCo. Ele saía do trabalho uma hora depois dela. Mas lá estava Roy, já em casa, e Mary descobriu que o marido saíra ao meio-dia. Era um homem que adorava o trabalho com maquinaria e que nunca ficara mais de uma hora sem trabalhar em seus 29 anos de GEFFCo — nem por doença, pois nunca adoecia, nem por qualquer outro motivo.

Ela perguntou se ele estava doente, no que ele respondeu que nunca se sentira melhor na vida. Mostrava-se orgulhoso de si, Mary pensou, como um adolescente cansado de ser bonzinho o tempo todo. Roy era um homem de poucas e bem escolhidas palavras, nunca insensato ou imaturo. Mas naquele momento, inacreditavelmente, ele dizia com uma expressão vazia, para combinar, como se ela fosse uma mãe repressora:

— Faltei.

Só o tumor diria aquilo, pensava Mary já em Guayaquil. E o tumor não poderia ter escolhido um dia pior para aquela alegre vadiagem, pois na noite anterior houvera uma nevasca, e, no dia seguinte inteiro, vendaval com granizo. E Roy ficara caminhando pela rua Clinton, a principal de Ilium, parando de loja em loja para contar aos vendedores que estava "faltando".

Então Mary tentou se alegrar com a situação, dizer com sinceridade que era hora de relaxar um pouco e se divertir, embora sempre se divertissem bastante aos finais de semana e nas férias, e também no trabalho, tanto quanto possível. Um miasma, porém, anuviou a inesperada escapulida. O próprio Roy parecia intrigado durante o jantar, antecipado para o fim da tarde. E isso foi tudo. Ele não achou que faria aquilo novamente, e ambos poderiam esquecer o incidente, lembrando-se dele, talvez, de vez em quando para dar risada.

Mas então, pouco antes da hora de dormir, enquanto contemplavam as brasas incandescentes na lareira de pedra que Roy construíra com as próprias mãos calejadas, ele disse:

— Tem outra coisa.

— Como assim "tem outra coisa"? — perguntou Mary.

— Sobre esta tarde — ele respondeu. — Fui também à agência de viagens.

Havia apenas uma agência desse tipo em Ilium, e ela não ia muito bem das pernas.

— E? — ela disse.

— Reservei uma coisa para nós — ele retrucou, com a expressão de quem tenta se lembrar de um sonho. — Já está tudo pago. Cuidei de tudo. Está feito. Em novembro, eu e você voaremos para o Equador, onde vamos embarcar no "Cruzeiro Ambiental do Século".

Roy e Mary foram os primeiros a responder ao anúncio publicitário da viagem inaugural do *Bahía de Darwin*, quando o navio se resumia ainda a uma quilha e a uma pilha de projetos em Malmö, Suécia. O agente de viagem de Ilium acabara de receber um pôster anunciando o cruzeiro. Estava colando-o na parede com fita adesiva quando Roy Hepburn entrou pela porta.

Se me permitem, farei uma interrupção para inserir uma observação pessoal: nessa época, eu trabalhava como soldador em Malmö fazia um ano, mas o *Bahía de Darwin* ainda não tinha se materializado a ponto de precisar dos meus serviços. Eu perderia literalmente a cabeça por aquele gigante de aço só quando a primavera chegasse. E agora eu te pergunto: quem é que nunca perdeu a cabeça na primavera?

Mas continuemos:

O cartaz da agência de viagens de Ilium mostrava um pássaro bastante esquisito parado na borda de uma ilha vulcânica, contemplando um belo e branco navio a motor em movimento. O pássaro era preto, talvez do tamanho de um pato grande, porém com o pescoço tão longo e flexível quanto uma cobra. O mais estranho de tudo, no entanto, era que ele aparentemente não tinha asas, o que constituía uma quase verdade. Essa espécie de pássaro era endêmica das ilhas Galápagos, isto é, só existia lá e em mais nenhum outro lugar do planeta. As asas minúsculas e retraídas, coladas ao corpo, permitiam que a ave nadasse tão rápido e profundamente quanto um peixe. Essa era uma forma muito melhor de pegar peixes do que esperá-los aparecer na superfície para então pular sobre eles com o bico escancarado, como faziam tantos outros pássaros. Esse pássaro extremamente bem-sucedido foi chamado pelos seres humanos de "cormorão-das-galápagos", e conseguia ir aonde estavam os peixes; não precisava esperar que cometessem um erro fatal.

Em algum momento da linha evolutiva, os ancestrais desse pássaro devem ter começado a questionar o valor das asas, assim como em 1986 os seres humanos começavam a questionar seriamente a conveniência de cérebros gigantes.

Se Darwin estiver certo a respeito da Lei da Seleção Natural, os cormorões com asas pequenas, nadando longe da costa como barcos pesqueiros por causa delas, devem ter apanhado mais peixes que o mais esplêndido de seus ancestrais aviadores. Daí eles acasalaram entre si, e os filhotes de asas pequenas se tornaram pescadores ainda mais eficientes etc.

O mesmo tipo de coisa aconteceu com as pessoas, não com relação a asas, é claro, pois nunca as tiveram, mas com relação a mãos e cérebros. Elas não precisam mais esperar o peixe mordiscar a isca no anzol, ou cometer a tolice de cair numa rede ou algo do tipo. Hoje, quem quiser um peixe simplesmente vai atrás dele como um tubarão no vasto mar azul.

Hoje em dia é muito fácil.

8

Naquele mês de janeiro, havia uma série de motivos que poderiam levar Roy a não comprar passagens para o cruzeiro. Já era evidente que uma crise econômica mundial se aproximava e que o povo do Equador estaria morrendo de fome quando o navio zarpasse. Além disso, tinha a questão do trabalho de Mary. Como ela ainda não sabia que em breve seria demitida, forçada a uma aposentadoria precoce, não compreendia de que modo, em sã consciência, conseguiria tirar três semanas de folga no final de novembro e começo de dezembro, bem no meio do semestre.

Acrescentava-se a isso outra coisa. Embora nunca tivesse visitado as ilhas, Mary estava bastante entediada do arquipélago de Galápagos. Com uma profusão de filmes, slides, livros e artigos sobre ele, que usara repetidamente em suas aulas, não imaginava encontrar lá nada de surpreendente. Mal sabia ela.

Mary e Roy nunca tinham viajado para o exterior durante todo o tempo em que ficaram juntos. Se fossem chutar o balde e fazer uma viagem realmente glamorosa, ela pensou, preferiria conhecer a África, onde a vida selvagem era muito mais empolgante e as estratégias de sobrevivência, muito mais perigosas. No final das contas, quando tudo já foi dito e feito, as criaturas das ilhas Galápagos não passavam de um grupo bastante desinteressante se comparadas a rinocerontes, hipopótamos, leões, elefantes, girafas etc.

A perspectiva da viagem a fez confessar a uma amiga bem próxima:

— De repente me bateu uma vontade de nunca mais ver um patola-de-pés-azuis na vida!

Mal sabia ela.

De qualquer modo, Mary silenciou suas apreensões a respeito da viagem ao conversar com Roy, certa de que ele mesmo perceberia que fora vítima de uma leve disfunção cerebral. Contudo, em março, Roy parou de trabalhar, e Mary soube que seria demitida em junho. A sincronia dos eventos com o cruzeiro soava, enfim, realista. E a viagem ocupava um espaço, na imaginação cada vez mais instável de Roy, como "… a única coisa boa pela qual devemos aguardar ansiosos".

Eis o que aconteceu com os empregos de ambos: a GEFFCo mandou embora praticamente toda a sua mão de obra, tanto os operários quanto o pessoal administrativo, a fim de modernizar a gestão em Ilium. Uma empresa japonesa, a Matsumoto, estava fazendo o serviço, e também era a responsável por automatizar o *Bahía de Darwin*. Era a mesma companhia na qual trabalhava ⋆Zenji Hiroguchi, o jovem gênio da computação que se hospedaria com a esposa no Hotel El Dorado na mesma época que Mary.

Quando a Matsumoto Corporation concluiu a instalação de computadores e robôs, precisava de apenas doze seres humanos para controlar tudo. Assim, os jovens em idade de procriar, ou pelo menos com sonhos ambiciosos para o futuro, foram embora da cidade em massa. Como Mary Hepburn diria ao completar 81 anos, duas semanas antes de ser engolida por um imenso tubarão-branco, foi "como se o Flautista de Hamelin tivesse passado pela cidade". De repente, quase não restavam mais crianças a quem se ensinar, e a cidade faliu por falta de contribuintes. Assim, o colégio de Ilium formaria sua última turma em junho.

Em abril, Roy foi diagnosticado com um tumor cerebral inoperável. O "Cruzeiro Ambiental do Século", portanto, tornou-se o sonho que o mantinha vivo.

— Pelo menos vou durar até lá, Mary. Novembro… não é tanto tempo assim, né?

— Não — ela respondeu.

— Posso segurar as pontas até lá.

— Talvez você viva por anos, Roy — respondeu Mary.

— Só quero fazer o cruzeiro — ele disse. — Só quero ver pinguins na linha do Equador — continuou. — Isso já vai estar bom pra mim.

Embora Roy se confundisse cada vez mais a respeito de muitas coisas, estava certo sobre a existência de pinguins nas ilhas Galápagos. Eram criaturinhas magricelas sob os trajes de garçom de restaurante. Tinham que ser assim. Se fossem envoltos por camadas de gordura, como seus parentes nas massas de gelo flutuante ao sul, a meio mundo de distância, seriam assados vivos quando viessem à praia para botar ovos ou cuidar dos filhotes.

Como os cormorões-das-galápagos, os ancestrais dos pinguins também haviam abandonado o glamour da aviação, escolhendo pegar mais peixes.

Sobre o desconcertante entusiasmo, um milhão de anos atrás, em delegar o máximo possível de atividades humanas às máquinas: o que mais seria isso senão outra constatação das pessoas de que seus cérebros não prestavam?

9

Enquanto Roy Hepburn agonizava, junto, aliás, com toda a cidade de Ilium; enquanto ambos, homens e cidades, eram destruídos por uma evolução hostil, para dar lugar a uma humanidade mais saudável e feliz, o cérebro gigante de Roy o persuadiu a achar que fora um marinheiro nos testes de explosões atômicas dos Estados Unidos no Atol de Bikini, um lugar tão equatorial quanto Guayaquil, em 1946. Assim, Roy resolveu que queria processar seu próprio governo em milhões de dólares, pois, segundo ele, a radiação que absorvera o impedira de ter filhos com Mary, além de ter lhe causado câncer cerebral.

Roy de fato se alistara na Marinha, mas, fora isso, seu processo contra os Estados Unidos da América era um caso perdido, pois ele nascera em 1932, coisa que os advogados da nação facilmente comprovariam. Afinal, tinha apenas catorze anos na época da suposta exposição.

Esse anacronismo não o impediu de conservar memórias vívidas das terríveis atrocidades que seu governo o obrigara a cometer contra os chamados "animais inferiores". Como Roy mesmo contou, havia trabalhado praticamente sem qualquer assistência, primeiro fincando estacas no chão por todo o atol, depois amarrando diferentes tipos de animais nelas.

— Acho que me escolheram — ele disse — porque os animais sempre confiaram em mim.

Isso era verdade: todos os animais confiavam em Roy. Embora não tivesse recebido nenhuma educação formal depois do ensino médio e do programa de aprendiz da GEFFCo, e embora Mary possuísse um diploma de mestrado

em zoologia pela Universidade de Indiana, Roy se dava muito melhor com animais do que ela. Por exemplo, comunicava-se com os pássaros imitando a linguagem deles, algo que Mary jamais faria, pois, notoriamente, seus ancestrais, de ambos os lados da família, tinham amusia, uma incapacidade patológica de reproduzir sons musicais. Não havia um só cachorro ou animal de criação, nem mesmo um cão de guarda da GEFFCo ou uma porca com leitões, por mais feroz que fosse, que não ficasse amigo dele em cinco minutos ou menos.

Logo, eram compreensíveis as lágrimas de quando Roy se lembrava de ter amarrado animais nas estacas. Esse experimento cruel evidentemente fora realizado em animais como ovelhas, porcos, vacas, cavalos, macacos, patos, galinhas e gansos, mas com certeza não no zoológico descrito por Roy. Segundo seu relato, ele havia amarrado pavões, leopardos-das-neves, gorilas, crocodilos e albatrozes nas estacas. No cérebro gigante de Roy, Bikini se tornou o exato oposto da Arca de Noé. Um casal de cada espécie animal fora levado até ali para ser uma bomba atômica.

O detalhe mais louco nessa história, embora para ele não parecesse loucura nenhuma, era o seguinte:

— Donald estava lá — disse Roy.

Donald era um golden retriever macho que provavelmente perambulava pela vizinhança de Ilium naquele exato momento, talvez bem diante da residência dos Hepburn, e tinha apenas quatro anos de idade.

— Fazer tudo aquilo foi muito difícil — Roy continuou —, mas a pior parte foi amarrar Donald numa daquelas estacas. Tentei adiar até não poder mais. Amarrar Donald na estaca foi a última coisa que precisei fazer. Ele deixou que eu o amarrasse e depois lambeu minha mão e abanou o rabinho. E eu lhe disse, e não me envergonho de contar que chorei: "Adeus, velho amigo. Agora você vai para um mundo diferente. Sem dúvida será um mundo melhor, pois nenhum outro pode ser tão ruim quanto este".

Quando Roy começou a fazer esses espetáculos, Mary ainda lecionava todos os dias e ainda afirmava aos poucos alunos restantes que deviam agradecer a Deus pelos cérebros gigantes.

— Vocês preferiam ter um pescoço de girafa, a capacidade de camuflagem do camaleão, o couro do rinoceronte ou a galhada do alce-irlandês? — perguntava a eles etc.

Ficava repetindo a mesma lenga-lenga de sempre.

Depois voltava para casa, para Roy e para suas demonstrações de como o cérebro podia ser enganoso. Ele nunca chegou a ser hospitalizado, exceto por um breve período, para fazer exames. E era dócil. Proibido de dirigir, entendeu o motivo e não pareceu magoar-se quando Mary escondeu as chaves de seu jipe. Chegou a dizer até que talvez fosse melhor vendê-lo, considerando que aparentemente não iriam mais acampar com tanta frequência. Portanto, Mary não precisou contratar uma enfermeira para ficar de olho em Roy enquanto trabalhava. Os aposentados da vizinhança ficaram felizes em ganhar alguns trocados para fazer companhia a ele e garantir que não se machucasse de jeito nenhum.

Sem dúvida, Roy não lhes causava problemas. Assistia bastante à televisão e gostava de brincar por horas, nunca saindo do quintal, com Donald, o golden retriever que supostamente morrera no Atol de Bikini.

Porém, quando Mary deu o que seria sua última aula sobre as ilhas Galápagos, parou por cinco segundos, no meio de uma frase, acometida por uma dúvida que, se expressa em palavras, sairia mais ou menos assim: "Talvez eu seja apenas uma mulher louca que saiu vagando pelas ruas, acabou entrando nesta sala de aula e começou a explicar os mistérios da vida a estes jovens. E eles acreditam em mim, apesar de eu estar totalmente enganada a respeito de tudo".

Ela duvidou, também, de todos os supostos excelentes professores do passado, que, embora tivessem cérebros saudáveis, mostraram-se tão

equivocados quanto Roy sobre o que realmente estava acontecendo.

10

Quantas ilhas Galápagos existiam há um milhão de anos? Havia treze grandes, dezessete pequenas e 318 ilhotas minúsculas, algumas não passando de um punhado de rochas que se elevavam a um ou dois metros da superfície do oceano.

Hoje existem catorze grandes ilhas, sete pequenas e 326 pequeninas ilhotas. E também muita atividade vulcânica. Arrisco uma brincadeira: os deuses continuam zangados.

E a ilha mais ao norte, tão solitária, tão afastada das demais, ainda é Santa Rosália.

Sim, e um milhão de anos atrás, em 3 de agosto de 1986, um homem chamado ⋆Roy Hepburn jazia em seu leito de morte, na casa pequenina e compacta em Ilium, Nova York. No fim, o que ele mais lamentava era não ter tido filhos com a esposa, Mary. E nem sequer podia encorajá-la a tentar gerar filhos com outra pessoa tão logo morresse, pois ela não ovulava mais.

— Nós, os Hepburn, estamos tão extintos quanto os dodôs — afirmou ⋆Roy, e começou a divagar, elencando os nomes de muitas outras criaturas que haviam se tornado estéreis, galhos sem folhas na árvore da evolução. — O alce-irlandês — disse. — O pica-pau-bico-de-marfim — continuou. — *Tyrannosaurus rex* — acrescentou etc., etc. No entanto, já bem perto do fim, o mordaz senso de humor aflorou de modo inesperado. Então, jocosamente, colocou mais dois nomes à soturna lista, os quais de fato não tinham deixado descendência.

— Varíola — ele citou, e depois: — George Washington.

Bem perto do fim, ele acreditava de todo coração que a radiação emitida pelo governo fora a responsável por aquela doença. E disse o seguinte a Mary, ao médico e à enfermeira que lá estavam aguardando o fim, que chegaria a qualquer momento:

— Se eu ao menos estivesse doente porque Deus Todo-Poderoso está furioso comigo…

Mary achou que essas tinham sido as últimas palavras do marido, que sem dúvida parecia morto depois de pronunciá-las.

Mas então, passados dez segundos, os lábios azulados se moveram novamente. Mary se aproximou e inclinou a cabeça para ouvi-las. E seria grata pelo resto da vida por ter conseguido escutá-las.

— Vou lhe contar o que é a alma humana, Mary — ele sussurrou, de olhos fechados. — Os animais não têm. É a parte dentro da gente que percebe quando o cérebro não está funcionando direito. Eu sempre soube, Mary. Não havia nada que eu pudesse ter feito, mas sempre soube.

E então ele deu um baita susto em Mary e nos demais, erguendo-se bruscamente, os olhos arregalados e faiscantes:

— Vá buscar a Bíblia! — ordenou, a voz retumbante.

Foi a única vez, durante toda a doença, que *Roy mencionou alguma coisa relacionada à religião formal. Ele e Mary não frequentavam igrejas nem faziam orações, mesmo em circunstâncias adversas; contudo, possuíam uma Bíblia guardada em algum canto da casa. Mary não sabia ao certo onde.

— Vá buscar a Bíblia! — ele exclamou novamente. — Mulher, vá buscar a Bíblia! — *Roy nunca a chamara de "mulher" antes.

Então Mary foi procurá-la, encontrando-a no quarto de hóspedes ao lado de *A viagem do Beagle*, de Darwin, e *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens.

*Roy, sentado na cama, chamou Mary de "mulher" mais uma vez ao ordenar:

— Mulher… ponha a mão na Bíblia e repita comigo: "Eu, Mary Hepburn, por meio desta, faço duas promessas solenes a meu amado marido em seu leito de morte".

Ela repetiu. Imaginava, e na verdade torcia, para que as duas promessas fossem bizarras, semelhantes, talvez, a processar o governo; que não houvesse a possibilidade de manter qualquer uma delas. Mas não teve tanta sorte.

A primeira era fazer o possível para se casar de novo, quanto antes, sem perder tempo lamentando-se e sentindo pena de si mesma.

A segunda referia-se à ida a Guayaquil em novembro para embarcar no "Cruzeiro Ambiental do Século", pelos dois.

— Meu espírito estará com você em cada passo do caminho — disse ele. E morreu.

E lá estava Mary em Guayaquil, pensando se não teria também um tumor cerebral. O cérebro a fizera caminhar até o armário e remover o plástico de proteção do vestido de gala vermelho, que ela chamava de "o vestido de Jackie". Afinal, soubera que uma de suas companheiras de viagem seria Jacqueline Kennedy Onassis, e Mary queria parecer bonita para ela.

Mas lá, na frente do armário, Mary compreendeu que a viúva Onassis não seria louca de ir até Guayaquil, não com soldados patrulhando as ruas, subindo em telhados, cavando trincheiras e fincando metralhadoras em valas abertas nos parques.

Enquanto tirava o plástico de proteção, o vestido escorregou do cabide e caiu no chão. E lá ficou, como uma poça vermelha.

Ela não o pegou de volta, pois acreditava que não haveria mais utilidade para as coisas terrenas. Porém, ainda não estava pronta para receber um asterisco na frente de seu nome. Na verdade, Mary viveria por mais trinta anos. Além disso, ainda faria experimentos com certos materiais vitais do

planeta, o que a tornaria, sem sombra de dúvida, uma das pesquisadoras mais importantes na história da raça humana.

11

Se Mary Hepburn estivesse disposta a bisbilhotar em vez de se matar, teria colado os ouvidos no fundo do armário e prestado atenção nos sussurros que vinham da porta ao lado. No entanto, ela nem sequer imaginava quem eram seus vizinhos de ambos os lados, pois, sem sair do quarto desde que chegara, não vira hóspede algum.

As pessoas que conversavam baixinho eram *Zenji Hiroguchi, o gênio da computação, e a esposa grávida, Hisako, professora de ikebana, arte japonesa de arranjos florais.

Do outro lado, os vizinhos eram Selena MacIntosh, a filha adolescente cega de *Andrew MacIntosh, e Kazakh, a cadela que enxergava muito bem. Mary não ouvira latidos, pois o animal nunca latia.

Kazakh não latia, não brincava com outros cães, não investigava cheiros ou barulhos interessantes e nem mesmo perseguia animais que haviam sido presas naturais de seus ancestrais porque, quando filhote, seres humanos de cérebros gigantes reagiram a isso com ódio, privando-a de comida. E ela logo compreendeu o tipo de planeta em que vivia: as atividades caninas naturais eram contra a lei — todas elas.

Removeram, também, os órgãos sexuais dela para que os impulsos sexuais nunca a distraíssem. Eu estava prestes a dizer que o elenco da minha história em breve se resumiria a apenas um macho e um monte de fêmeas, incluindo uma cadela, quando me lembrei de que Kazakh não mais podia ser chamada exatamente de fêmea, graças à cirurgia. Assim como Mary Hepburn, o animal estava fora do jogo evolutivo. Ninguém herdaria seus genes.

Ao lado do quarto de Selena e Kazakh, separado por uma porta de comunicação aberta, estava o cômodo do robusto pai dela, o financista e aventureiro ★Andrew MacIntosh. Viúvo, ele e a também viúva Mary Hepburn teriam se dado muito bem, pois ambos eram ardorosos entusiastas de atividades ao ar livre. Mas nunca chegaram a se encontrar. Como afirmei antes, ★Andrew MacIntosh e ★Zenji Hiroguchi estariam mortos antes do pôr do sol.

A propósito, James Wait ficara completamente sozinho em um quarto no segundo andar, o mais afastado possível dos outros hóspedes. Seu cérebro gigante o parabenizara por parecer tão inofensivo e comum, mas estava errado nesse sentido. O gerente do hotel pressentira que Wait era algum tipo de vigarista.

O gerente do hotel, ★Siegfried von Kleist, era um soturno integrante de meia-idade da antiga e próspera comunidade alemã no Equador. Seus dois tios por parte de pai, que viviam em Quito e eram proprietários não só do hotel, mas também do *Bahía de Darwin*, haviam encarregado ★Kleist do hotel pelo período de apenas duas semanas, que agora chegava ao fim, para supervisionar a recepção dos passageiros do "Cruzeiro Ambiental do Século". Em geral, ★Kleist era um homem indolente, tendo herdado uma considerável fortuna, mas fora pressionado pelos tios a "fazer a sua parte", por assim dizer, nesse empreendimento específico da família.

Como não era casado e nunca havia se reproduzido, era insignificante, do ponto de vista evolutivo. Também poderia ser considerado um bom candidato para se casar com Mary Hepburn, mas também estava condenado. ★Siegfried von Kleist até sobreviveria ao pôr do sol, mas três horas depois morreria afogado em um maremoto.

Naquele momento, eram quatro horas da tarde. Esse huno equatoriano nativo, com olhos azuis lacrimejantes e bigode pendente, de fato parecia saber que morreria naquela noite, ainda que não fosse tão capaz de prever o futuro

quanto eu. No entanto, naquela tarde nós dois pressentimos que o planeta estava saindo dos eixos e, portanto, qualquer coisa poderia acontecer.

Aliás, ★Zenji Hiroguchi e ★Andrew MacIntosh morreriam feridos a bala.

★Siegfried von Kleist não é importante para a minha história, mas seu único irmão, Adolf, três anos mais velho e também um solteirão, sem dúvida é. Adolf von Kleist, o capitão do *Bahía de Darwin*, na verdade se tornaria o ancestral de todo ser humano na face da Terra hoje.

Com a ajuda de Mary Hepburn, ele se transformaria num Adão moderno, por assim dizer. A professora de biologia de Ilium, entretanto, como não ovulava mais, não poderia ser a Eva de Adolf. Portanto, teve de agir mais como uma deusa.

Naquele momento, o irmão extremamente importante do insignificante gerente do hotel estava chegando ao Aeroporto Internacional de Guayaquil num voo quase vazio que partira de Nova York, onde estivera divulgando o "Cruzeiro Ambiental do Século".

Se Mary tivesse colocado os ouvidos no armário e escutado a conversa entre os Hiroguchi, não entenderia o que os perturbava, já que eles sussurravam em japonês, o único idioma em que eram fluentes. ★Zenji falava um pouco de inglês e russo, Hisako arranhava no chinês. Mas nenhum deles sabia espanhol, quíchua, alemão ou português, as línguas mais faladas no Equador.

Acontece que ambos também se amarguravam pelo que seus cérebros supostamente maravilhosos haviam aprontado. Mais do que isso, sentiam-se idiotas por terem se deixado arrastar para tamanho pesadelo, pois ★Zenji era amplamente reconhecido como um dos homens mais inteligentes do mundo. E fora ele o culpado, não ela, por virarem prisioneiros do dinâmico empreendedor ★Andrew MacIntosh.

Aconteceu assim: ★MacIntosh visitara o Japão acompanhado da filha cega e da cadela, cerca de um ano antes, onde conheceu ★Zenji e seu extraordinário trabalho como funcionário assalariado da Matsumoto. Do ponto de vista tecnológico, ★Zenji, embora com apenas 29 anos, já era avô. Antes disso, havia gerado um computador de bolso — batizado de "Gokubi" — capaz de traduzir instantaneamente vários idiomas. Então, na época em que os MacIntosh visitavam o Japão, ★Zenji concebeu um modelo-piloto para uma nova geração de tradutores simultâneos, ao qual chamou de "Mandarax".

Assim, ★Andrew MacIntosh, cuja firma, um banco de investimentos, arrecadava fundos para outras empresas e para ela mesma por meio da venda de ações e títulos, chamou-o para uma conversa, durante a qual lhe disse que ★Zenji era um idiota por trabalhar em troca de salário, e que ele o ajudaria a criar a própria empresa, transformando-o quase que de imediato num bilionário, em dólares, ou num trilhardário, em ienes.

E então ★Zenji afirmou que gostaria de um tempo para pensar.

Essa conversa preliminar ocorreu em Tóquio, em um restaurante de sushi, que consiste em peixe cru enrolado em arroz frio, um prato muito popular há um milhão de anos. Mal sabiam todos, naquela época, que a humanidade praticamente só se alimentaria de peixe cru num doce porvir.

O empresário norte-americano corado e impetuoso e o inventor japonês reservado e relativamente nanico se comunicaram através do Gokubi, pois nenhum dos dois falava muito bem a língua um do outro. O Gokubi já se espalhara aos milhares pelo mundo. Eles não poderiam usar o Mandarax porque o único modelo eficaz estava sob forte vigilância no escritório de ★Zenji, na Matsumoto. Então, o cérebro gigante de ★Zenji começou a se divertir com a ideia de ficar tão rico quanto o mais rico de seus compatriotas, que era o imperador do Japão.

Poucos meses depois, em janeiro, o mesmo mês em que Mary e Roy Hepburn pensaram que deveriam ser gratos por diversos motivos, ★Zenji

recebeu uma carta de ★MacIntosh que o convidava, com dez meses de antecedência, a visitar a propriedade dele, nos arredores de Mérida, Yucatán, no México, de onde seguiriam para a viagem inaugural de um luxuoso navio equatoriano chamado *Bahía de Darwin*, de cujo financiamento ele havia participado.

★MacIntosh respondeu em uma carta em inglês, que precisou ser traduzida para ★Zenji: *Vamos aproveitar essa oportunidade para nos conhecermos melhor*.

Na verdade, ★MacIntosh queria que ★Zenji, provavelmente em Yucatán, ou mesmo durante o "Cruzeiro Ambiental do Século", assinasse um contrato para fundar uma nova empresa, cujas ações ★MacIntosh comercializaria.

Como James Wait, ★MacIntosh era um pescador de um tipo específico de pessoa. Esperava fisgar investidores usando como isca não uma etiqueta de preço na camiseta, mas um gênio japonês da computação.

E neste momento acho que a história que preciso contar, abrangendo um período de um milhão de anos, não se altera muito do início ao fim: é sobre seres humanos, independentemente do tamanho de seus cérebros, sendo pescadores.

Era novembro, e os Hiroguchi estavam em Guayaquil. Seguindo o conselho de ★MacIntosh, ★Zenji havia mentido para seus empregadores sobre para onde viajaria. Contou-lhes que, exausto depois da criação do Mandarax, ele e Hisako queriam passar dois meses sozinhos, longe de qualquer coisa relacionada a trabalho, e incomunicáveis. Colocou, ainda, uma pequena desinformação nos cérebros gigantes dos empregadores ao dizer que fretara uma escuna com tripulação, cujo nome não queria revelar, a qual zarparia de um porto mexicano, cujo nome não queria revelar, para levá-los por um cruzeiro pelas ilhas do Caribe.

E, embora a lista de passageiros do "Cruzeiro Ambiental do Século" tivesse sido amplamente divulgada, os empregadores de ★Zenji nunca descobriram que seu funcionário mais produtivo e a esposa estariam a bordo dele. Como James Wait, ambos viajariam com identidades falsas.

E como James Wait, eles também haviam desaparecido!

Qualquer um que os procurasse não conseguiria encontrá-los em lugar algum. Qualquer busca liderada por cérebros gigantes nem sequer começaria no continente certo.

12

No quarto de hotel ao lado do de Mary Hepburn, os Hiroguchi comentavam em sussurros sobre a loucura patológica de ★MacIntosh. Era um exagero. ★MacIntosh sem dúvida era extravagante, ganancioso e arrogante, mas não maluco. A maior parte do que seu cérebro gigante achava que ia acontecer de fato estava acontecendo. Quando voou em seu jato particular, pilotado por ele mesmo, com Selena, Kazakh e os Hiroguchi, de Mérida para Guayaquil, já sabia que a cidade estaria sob lei marcial, ou algo do tipo, com todas as lojas fechadas e um número cada vez maior de pessoas famintas perambulando, e sabia também que o *Bahía de Darwin* não zarparia conforme o combinado etc.

As instalações de comunicação em sua mansão yucateca tinham-no mantido sempre atualizado sobre o que acontecia no Equador ou em qualquer outro lugar que de algum modo o interessasse. Ao mesmo tempo, manteve os Hiroguchi no escuro, mas não a filha cega, sobre o que provavelmente os esperava.

O verdadeiro objetivo da viagem a Guayaquil, o qual revelara à filha, mas não aos Hiroguchi, era comprar o maior número possível de bens equatorianos a preço de banana, incluindo, talvez, até mesmo o El Dorado e o *Bahía de Darwin*, além de minas de ouro, jazidas petrolíferas etc. Além disso, criaria um vínculo eterno com ★Zenji Hiroguchi ao compartilhar essas oportunidades de negócios com ele, emprestando-lhe dinheiro para que também se tornasse um grande proprietário no Equador.

★MacIntosh pedira aos Hiroguchi que permanecessem no quarto no El Dorado, pois logo lhes traria notícias maravilhosas. Ficou ao telefone a tarde inteira falando com financistas equatorianos e bancos, e as notícias que esperava levar aos Hiroguchi se referiam a todas as propriedades que eles chamariam de suas em um ou dois dias.

E depois ele diria:

— Foda-se o "Cruzeiro Ambiental do Século"!

Os Hiroguchi não conseguiam imaginar nenhuma notícia boa vinda de ★Andrew MacIntosh. Acreditavam com toda sinceridade que o sujeito fosse maluco, e essa percepção errônea ironicamente lhes fora incutida pela própria criação de ★Zenji, o Mandarax. No momento, havia dez desses instrumentos no mundo, nove em Tóquio e um que ★Zenji trouxera para o cruzeiro. O Mandarax, ao contrário do Gokubi, além de traduzir, também diagnosticava com respeitável precisão mil tipos das doenças mais comuns que acometiam o *Homo sapiens*, além de treze variedades de crises nervosas.

Na realidade, a atuação do Mandarax no campo medicinal era bastante simples. Fora programado para fazer o que médicos de verdade fariam, ou seja, uma série de perguntas, e a partir de cada resposta viria a próxima pergunta, por exemplo: "Como está seu apetite?", e depois, "Seu movimento intestinal é regular?", e, talvez, "Como estão suas fezes?" etc.

Em Yucatán, os Hiroguchi seguiram uma cadeia de perguntas e respostas, descrevendo para o Mandarax o comportamento de ★Andrew MacIntosh. Até que, por fim, o aparelho exibiu as seguintes palavras em japonês na tela, que tinha mais ou menos o tamanho de uma carta de baralho: *personalidade patológica*.

Infelizmente para os Hiroguchi, e não para o Mandarax, que não conseguia sentir ou se importar com nada, o computador não fora

programado para explicar que tal patologia era uma enfermidade mental bastante amena quando comparada com a maioria das outras, e que os indivíduos com essa enfermidade raramente precisavam ser hospitalizados; pelo contrário, na verdade estavam entre os mais felizes do planeta, pois o comportamento deles só causava dor àqueles que os rodeavam, quase nunca a si mesmos. Um médico de verdade diria que várias pessoas do nosso convívio diário cairiam nessa área de indefinição, o que dificultava afirmar, com algum grau de precisão, se suas personalidades eram patológicas.

Porém, os Hiroguchi, desconhecendo questões médicas, acharam que o diagnóstico remetia a alguma doença atroz. Então, de uma forma ou de outra, queriam fugir de ⋆Andrew MacIntosh e voltar imediatamente para Tóquio. Acabaram, porém, ficando dependentes do homem, por mais que não quisessem, quando souberam pelo taciturno gerente do hotel, com quem se comunicaram através do Mandarax, que todos os voos comerciais partindo de Guayaquil tinham sido cancelados e que aparentemente nenhuma companhia de aluguel de aviões estava atendendo o telefone.

O fato deixou os Hiroguchi petrificados, colocando-os diante de apenas duas possíveis rotas de fuga de Guayaquil: pelo jato particular de ⋆MacIntosh ou a bordo do *Bahía de Darwin*, caso o cruzeiro realmente zarpasse no dia seguinte, o que estava ficando cada vez mais difícil de acreditar.

13

*Zenji Hiroguchi criou o Gokubi há um milhão e cinco anos, e depois, há um milhão de anos, o mesmo jovem gênio criou o Mandarax. Sim, e na época em que criou o Mandarax, a esposa estava prestes a dar à luz a primeira filha humana do casal.

Houve certa preocupação de que os genes da mãe passassem para o feto, considerando-se que a mãe de Hisako fora exposta à radiação quando os Estados Unidos da América lançaram uma bomba atômica em Hiroshima, Japão. Assim, testaram em Tóquio uma amostra do líquido amniótico de Hisako para verificar indícios de anormalidade na criança. A salinidade desse líquido, aliás, seria idêntica à do oceano onde o *Bahía de Darwin* naufragaria.

Os testes declararam que o feto era normal.

Também revelaram o sexo do bebê: uma menininha, mais uma mulher nesta história.

Os testes foram incapazes de detectar imperfeições menos relevantes no feto, por exemplo, amusia, como a de Mary Hepburn, o que não foi o caso, ou o corpo coberto por uma fina e sedosa pelagem, como o pelo de uma foca, o que de fato veio a ser o caso.

O único ser humano gerado por *Zenji Hiroguchi seria uma filha encantadora, porém peluda, que ele jamais conheceria.

O bebê nasceria em Santa Rosália, no extremo norte das ilhas Galápagos, e receberia o nome de Akiko.

Quando Akiko se tornasse adulta em Santa Rosália, seria internamente muito parecida com a mãe, mas com um tipo diferente de pele. A sequência evolucionária do Gokubi para o Mandarax, por outro lado, havia implicado um radical aprimoramento do conteúdo como um todo, ainda que com poucas mudanças perceptíveis em seu invólucro. Quando nadava, Akiko estava protegida de queimaduras do sol e do frio da água congelante, e, quando se sentava ou deitava, da abrasividade da lava, enquanto a pele desprotegida da mãe a tornava totalmente indefesa contra os perigos habituais da vida na ilha. Mas tanto Gokubi quanto Mandarax, embora diferentes por dentro, eram revestidos por carapaças quase idênticas de plástico preto de alto impacto, com doze centímetros de altura, oito de largura e dois de espessura.

Qualquer idiota conseguiria distinguir Akiko de Hisako, mas apenas um especialista distinguiria Gokubi de Mandarax.

Na parte posterior de Gokubi e Mandarax havia botões sensíveis ao toque, ajustados aos revestimentos, que quando pressionados permitiam a uma pessoa se comunicar com o que quer que tivesse sido colocado dentro deles. Na parte frontal, as telas dos dois eram idênticas, reproduzindo imagens, e funcionavam como célula solar também, carregando minúsculas baterias que, novamente, eram exatamente as mesmas nos dois aparelhos.

No canto superior direito da tela de cada um ficava um microfone do tamanho de uma cabeça de alfinete, através do qual ouviam a língua falada, e depois, em consonância com as instruções transmitidas pelos botões, a traduziam em palavras na própria tela.

Uma pessoa que usasse qualquer um dos dois instrumentos precisaria ter mãos tão rápidas e graciosas quanto as de um mágico, caso quisesse que a conversa bilíngue fluísse naturalmente. Se eu fosse um falante de inglês conversando com um de português, digamos, teria de posicionar o instrumento perto da boca do outro, deixando, porém, a tela próxima de mim o bastante para que conseguisse ler a tradução em inglês. Depois, precisaria

virar rapidamente o aparelho para que conseguisse captar minha voz, enquanto ao mesmo tempo o outro leria minhas palavras na tela.

Nenhum ser humano de hoje possui as mãos tão ágeis ou um cérebro grande o bastante para operar um Gokubi ou um Mandarax. Aliás, ninguém consegue passar a linha pelo buraco da agulha, ou tocar piano, ou cutucar o nariz, seja homem ou mulher.

Gokubi conseguia traduzir, no máximo, dez línguas. Mandarax, umas mil. Gokubi precisava saber que língua estava ouvindo. Mandarax conseguia identificar cada uma das mil línguas depois de ouvir apenas algumas palavras, e logo começava a traduzir as palavras para a língua do operador sem que ninguém lhe pedisse.

Ambos eram relógios de alta precisão e calendários perpétuos. O relógio do Mandarax de *Zenji Hiroguchi atrasou apenas 82 segundos entre o momento em que ele se registrou no Hotel El Dorado e, 31 anos depois, quando Mary Hepburn e o instrumento foram devorados por um grande tubarão-branco.

Gokubi monitorava o tempo de forma igualmente precisa, mas, em todos os outros aspectos, Mandarax deixava o pai no chinelo. Não apenas dominava muito mais línguas que seu progenitor como também diagnosticava corretamente mais doenças do que a maioria dos médicos daquele tempo. E mais, citava, sob comandos, importantes eventos de um determinado ano. Se você apertasse alguns botões na parte posterior do aparelho e digitasse 1802, por exemplo, o ano do nascimento de Charles Darwin, Mandarax lhe diria que Alexandre Dumas e Victor Hugo também tinham nascido nesse ano, que Beethoven completara sua "Sinfonia nº 2", que a França reprimira uma rebelião negra em São Domingos, que Gottfried Treviranus cunhara a palavra "biologia", e que a "Lei de Saúde e Moral dos Aprendizes" fora colocada em prática na Grã-Bretanha etc., etc. Também no mesmo ano, Napoleão tornou-se presidente da República Italiana.

O Mandarax também conhecia as regras de duzentos jogos e conseguia recitar os princípios básicos estabelecidos pelos mestres de cinquenta tipos diferentes de artes e ofícios. Além disso, conseguia evocar, também sob comando, vinte mil citações literárias populares. Então, se você apertasse alguns botões, digitando as palavras *Estrela vésper* na parte posterior, por exemplo, estes nobres sentimentos surgiriam na tela:

Estrela vésper e poente,
Um claro apelo a me chamar!
E que na margem não se lamente
Quando ao mar eu me lançar.[1]
— ALFRED, LORDE TENNYSON (1809-1892)

O Mandarax de *Zenji Hiroguchi estava prestes a ficar ilhado por 31 anos em Santa Rosália, na companhia da esposa grávida de seu criador, de Mary Hepburn, da cega Selena MacIntosh, do capitão Adolf von Kleist e de seis outras pessoas, todas mulheres. Contudo, naquelas circunstâncias específicas, o Mandarax não ajudaria muito.

A inutilidade de todo aquele conhecimento irritaria bastante o capitão, que ameaçaria arremessar o aparelho no oceano. No último dia de sua vida, com 86 anos, e Mary, 81, ele cumpriria a ameaça. Como o novo Adão, pode-se dizer, seu ato final foi lançar a Maçã do Conhecimento no profundo mar azul.

Nas circunstâncias peculiares de Santa Rosália, os conselhos médicos do Mandarax estavam fadados a soar como uma zombaria. Quando Hisako Hiroguchi entrou em profunda depressão, que duraria até seu falecimento, quase vinte anos depois, Mandarax recomendou-lhe novos hobbies, novos amigos, mudança de ambiente e talvez de profissão, além de lítio. Quando os

rins de Selena MacIntosh, então com 38 anos, começaram a falhar, Mandarax lhe sugeriu que encontrasse um doador compatível para transplante o mais rápido possível. Quando a filha peluda de Hisako, Akiko, com apenas 6 anos, contraiu pneumonia, aparentemente de uma foca igualmente peluda, sua melhor amiga, Mandarax recomendou-lhe antibióticos. Hisako e a cega Selena, na época, viviam juntas e criavam, quase como marido e mulher, Akiko.

E quando pediam a Mandarax que encontrasse citações da literatura mundial que pudessem ser usadas na celebração de algum acontecimento naquele aterro de entulhos de Santa Rosália, as respostas quase sempre eram textos antigos. Eis o que ele citou quando Akiko, com 24 anos, deu à luz a própria filha peluda, a primeira membra da segunda geração de seres humanos nascidos na ilha:

Se me enforcassem na mais alta montanha,
Minha mãe, Ó minha mãe!
Saberia que até ali me seguiria teu amor
Minha mãe, Ó minha mãe![2]
— RUDYARD KIPLING (1865-1936)

e também:

Quando surgi no escuro ventre,
A vida de minha mãe fez-me gente.
Nos meses que prenunciam o nascimento,
A meu solo comum sua beleza deu alento,
Não posso ver, nem respirar, nem me mover,
Sem que parte dela deixe de viver.[3]
— JOHN MASEFIELD (1878-1967)

e também:

Senhor, que a Teus filhos conferiu
Tenros desvelos e boa lida!
A Ti agradecemos pelos laços que uniu,
A mãe e o rebento a quem deu a vida.[4]
— WILLIAM CULLEN BRYANT (1794-1878)

e também:

Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que Iahweh, teu Deus, te dá.
— A BÍBLIA

O pai da filha de Akiko era o mais velho dos filhos do capitão, Kamikaze, de apenas 13 anos.

---

1. *Sunset and evening star,/ And one clear call for me!/ And may there be no moaning of the bar,/ When I put out to sea.* (Tradução livre) [N. de T.]

2. *If I were hanged on the highest hill,/ Mother o' mine, O mother o' mine!/ I know whose love would follow me still,/ Mother o' mine, O mother o' mine!* (Tradução livre) [N. de T.]

3. *In the dark womb where I began/ My mother's life made me a man./ Through all the months of human birth/ Her beauty fed my common earth./ I cannot see, nor breathe, nor stir,/ But through the death of some of her.* (Tradução livre) [N. de T.]

4. *Lord, who ordainest for mankind/ Benignant toils and tender cares!/ We thank Thee for the ties that bind/ The mother to the child she bears.* (Tradução livre) [N. de T.]

14

Haveria muitos nascimentos, mas nenhum casamento formal para celebrar durante os primeiros 41 anos da colônia em Santa Rosália, da qual descende hoje toda a humanidade. No entanto, desde o início se formaram casais. Hisako e Selena ficaram juntas pelo resto da vida. O capitão e Mary Hepburn ficaram juntos nos primeiros dez anos, até ela usar o esperma dele sem permissão, atitude que ele considerou absolutamente imperdoável. E as seis outras mulheres, embora vivessem como uma família, também formaram casais numa irmandade bastante íntima.

Quando aconteceu o primeiro casamento em Santa Rosália, unindo Kamikaze e Akiko em 2027, todos os colonos originais tinham desaparecido havia muito tempo no sinuoso túnel azul que leva ao Pós-vida, e o Mandarax jazia no fundo do Pacífico Sul, cravejado de cracas. Se nessa época Mandarax ainda estivesse por lá, também teria coisas bastante desagradáveis para dizer sobre o casamento:

> *Casamento: estado ou condição de uma comunidade formada por um senhor, uma senhora e dois escravos, totalizando duas pessoas.*[1]
> — AMBROSE BIERCE (1824-?)

e também:

> *O casamento vem do amor, como o vinagre do vinho —*
> *Triste, azeda e sóbria bebida — o tempo é mesquinho*
> *De elevado e celestial aroma composto*

A simples, caseiro e sem graça gosto.[2]
— LORDE BYRON (1788-1824)

etc.

O último casamento humano das ilhas Galápagos, e, portanto, o último da Terra, foi realizado na ilha Fernandina no ano de 23.011. Hoje em dia ninguém sequer imagina o que é um casamento. Preciso dizer que o cinismo do Mandarax sobre essa instituição se justificava plenamente. Meus próprios pais foram infelizes no casamento, e Mary Hepburn, já uma senhora idosa em Santa Rosália, certa vez contou à peluda Akiko que muito provavelmente ela e Roy haviam sido o único casal feliz de toda Ilium.

No passado, o responsável pelas dificuldades do casamento era, mais uma vez, o mesmo instigador de tantas outras fontes de desgosto: o cérebro gigante. O pesado computador, capaz de guardar tantas opiniões contraditórias sobre tantos assuntos distintos, tudo de uma vez, mudava de opinião ou de assunto com tanta rapidez que uma discussão entre marido e mulher estressados podia terminar como uma briga entre gente vendada andando de patins.

Por exemplo, os Hiroguchi, cujos sussurros Mary ouvira através do fundo do armário, estavam sempre mudando de opinião sobre si mesmos, sobre o outro, o amor e o sexo, o trabalho e o mundo etc., na velocidade da luz.

Num segundo, Hisako achava o marido bastante estúpido, imaginando que precisaria se salvar, e também a seu feto do sexo feminino. Mas então, no minuto seguinte, achava que ele era mesmo brilhante, como todos diziam, e que deveria parar de se preocupar, pois o marido em breve as livraria facilmente daquela confusão.

Num segundo, ★Zenji a amaldiçoava intimamente pelo desamparo, por ser um peso morto, mas no momento seguinte jurava a si mesmo que, se necessário, morreria por aquela deusa e a filha não nascida.

Qual a utilidade possível dessa instabilidade emocional, para não dizer loucura, na cabeça de animais que deveriam permanecer juntos o suficiente para criar uma criança humana, cerca de 14 anos pelo menos?

— Alguma coisa está incomodando você — disse ★Zenji, quebrando o silêncio.

Ele quis dizer que outra coisa, algo mais pessoal, que remetesse à confusão generalizada em que haviam se metido, estava consumindo a mulher havia algum tempo.

— Não — respondeu ela. Outra informação sobre aqueles cérebros gigantes: achavam fácil fazer o que o Mandarax jamais poderia, isto é, mentir, mentir sem parar.

— Alguma coisa está incomodando você desde a semana passada — ele insistiu. — Por que não diz logo o que é? Fala.

— Não é nada — disse ela. Quem iria gostar de passar catorze anos ao lado de um computador daqueles, sem ao menos ter certeza se dizia ou não a verdade?

Eles conversaram em japonês, não no inglês americano idiomático de um milhão de anos atrás, o qual uso para contar esta história. ★Zenji, sem perceber, brincava nervosamente com o Mandarax, passando-o de uma mão para a outra, e sem querer apertou alguns botões, que enviaram um comando para que o aparelho traduzisse tudo o que eles diziam para o navajo.

— Bem, se quer mesmo saber — disse Hisako por fim —, quando estávamos em Yucatán, eu fiquei mexendo no Mandarax, uma tarde, no convés do *Omoo* — (o iate de cem metros de ★MacIntosh) — enquanto você mergulhava em busca de tesouros submersos.

★MacIntosh realmente obrigara ★Zenji a mergulhar quarenta metros de profundidade para procurar um galeão espanhol e trazer à superfície pratos

lascados e bolas de canhão, mesmo sabendo que ele não sabia nadar. ★MacIntosh também havia obrigado a filha cega, Selena, a mergulhar junto, mantendo-a presa pelo pulso ao tornozelo direito do pai por uma corda de náilon de três metros. Hisako prosseguiu:

— Por acaso, descobri uma coisa que o Mandarax era capaz de fazer, mas você se esqueceu de me contar. Quer saber o que é?

— Claro, não faço a menor ideia do que seja — ele respondeu. Era a vez dele de mentir.

— Descobri — disse ela — que o Mandarax é um excelente professor da arte do arranjo de flores. — Hisako se orgulhava muito de praticar essa arte, é claro. Mas seu amor-próprio fora severamente minado ao descobrir que uma caixinha preta não apenas podia ensinar o que ela ensinava, como também o fazia em milhares de idiomas diferentes.

— Eu ia lhe contar. Juro que ia — afirmou ele. Outra mentira, e a mulher descobrir que o Mandarax conhecia ikebana era tão improvável quanto adivinhar a combinação de um cofre de banco. Hisako sempre relutara em aprender a operar o Mandarax, e assim continuaria até morrer.

Mas vai saber se ela não ficou mesmo apertando os botões no convés do *Omoo* até que de repente o Mandarax começou a contar que os mais belos arranjos florais possuíam no máximo um, dois ou três elementos. Em arranjos com três, dizia o Mandarax, todos eles podem ser iguais, ou dois dos três, porém os três nunca devem diferir entre si. Mandarax ainda contou a ela as proporções ideais de altura dos elementos em arranjos com mais de uma flor, e os elementos com o diâmetro e a altura dos respectivos vasos ou tigelas — ou algumas vezes cestos.

A ikebana foi decodificada tão facilmente quanto a prática da medicina moderna.

★Zenji Hiroguchi não havia ensinado ikebana ao Mandarax nem qualquer outra coisa que o aparelho soubesse. Deixou isso para os subordinados. O

funcionário que ensinou ikebana ao Mandarax simplesmente pegou uma fita cassete com as famosas aulas de ikebana de Hisako, resumiu o conteúdo e o transferiu para a memória do Mandarax.

*Zenji disse a Hisako que havia feito o Mandarax aprender ikebana como uma agradável surpresa para a sra. Onassis, a quem pretendia presentear com o instrumento na última noite do "Cruzeiro Ambiental do Século".

— Fiz isso porque dizem que ela aprecia muito a beleza — explicou ele.

Isso era mesmo verdade, mas Hisako não acreditou nele. Em 1986, as coisas estavam mais do que feias. Ninguém acreditava mais em ninguém, pois a mentira rolava solta.

— Ah, sim — retrucou Hisako. — Tenho certeza de que fez isso pela sra. Onassis, e também para honrar sua esposa. Você me colocou entre os imortais.

Ela se referia aos grandes pensadores que o Mandarax podia citar.

Hisako ficou, então, ainda mais cruel, e quis menosprezar as realizações do marido, do mesmo modo que ele, na opinião dela, fizera com ela.

— Eu devo ser mesmo uma idiota — afirmou, e o Mandarax traduziu fielmente essa declaração para o navajo. — Demorei um tempo longo demais, um tempo imperdoável, para perceber quanta maldade, quanto desprezo pelos outros existe no que você faz. — E continuou: — Você, *dr. Hiroguchi, acha que todos, menos você, ocupam espaço demais neste planeta, acha que fazemos muito barulho, desperdiçamos recursos naturais valiosos, temos filhos demais e deixamos lixo por aí. Acha que este lugar seria muito melhor se máquinas fizessem os poucos serviços toscos que somos capazes de realizar para pessoas como você. Veja o maravilhoso Mandarax que você usa para coçar a orelha: ele é apenas uma desculpa para um egomaníaco mesquinho jamais ter de pagar a outro ser humano, ou mesmo lhe agradecer, por ensinar-lhe idiomas, matemática, história, medicina, literatura, ikebana, ou seja lá o que for?

Já opinei sobre a causa da loucura daquela época em criar máquinas capazes de fazer tudo que os seres humanos faziam — e digo *tudo mesmo*. Quero só acrescentar que meu pai, um escritor de ficção científica, escreveu certa vez uma história sobre um homem a quem todos ridicularizavam por construir robôs atletas: um robô golfista que sempre acertava o buraco numa só tacada, um robô jogador de basquete que sempre acertava a cesta, um robô tenista que sempre fazia um *ace* etc.

No início, as pessoas não viam utilidade alguma nos robôs; a esposa do inventor o abandonou, aliás, assim como a esposa do meu pai o tinha abandonado, e os filhos do sujeito tentaram interná-lo num hospício. No entanto, em seguida ele informou aos anunciantes que os robôs também podiam promover automóveis, cervejas, lâminas de barbear, relógios de pulso, perfumes ou qualquer outra coisa. Ganhou uma fortuna, segundo meu pai, pois muitos entusiastas de esportes queriam ser exatamente como aqueles robôs.

Não me pergunte o porquê.

---

1. *Marriage: a community consisting of a master,/ a mistress, and two slaves, making in all, two.* (Tradução livre) [N. de T.]

2. *Marriage from love, like vinegar from wine—/ A sad, sour, sober beverage—by time/ Is sharpen'd from its high celestial flavour,/ Down to a very homely household savour.* (Tradução livre) [N. de T.]

15

Enquanto isso, ⋆Andrew MacIntosh, no quarto da filha cega, esperava o telefone tocar trazendo as boas notícias que então compartilharia com os Hiroguchi. Ele falava espanhol fluentemente e passara a tarde toda pendurado no telefone com executivos de sua empresa, situada na ilha de Manhattan, e aterrorizados financistas e autoridades equatorianos. Negociava no quarto da filha porque queria que ela o ouvisse. Os dois eram muito próximos. Selena nunca conhecera a mãe, que morrera no parto.

Quando penso em Selena, com aqueles inexpressivos olhos verdes, penso em como ela era um experimento da Natureza — afinal, a cegueira dela era hereditária e poderia ser transmitida aos seus descendentes. Aos 18 anos ela chegou a Guayaquil com os melhores anos de fertilidade pela frente. Teria apenas 28 anos quando Mary Hepburn lhe perguntasse se queria participar de experimentações não autorizadas com o esperma do capitão, em Santa Rosália. Selena diria não. Mas se ela, por acaso, vislumbrasse alguma vantagem em sua cegueira, poderia tê-la passado a outros.

Mal sabia a jovem Selena em Guayaquil, enquanto ouvia o pai sociopata passar a perna nos outros pelo telefone, que seu destino seria unir-se a Hisako Hiroguchi, então a dois quartos de distância, e criarem juntas um bebezinho peludo.

Em Guayaquil, ela estava em harmonia com o pai, que aparentemente era o dono do planeta onde viviam e que podia fazer o que quisesse, quando quisesse e onde quisesse. O cérebro gigante de Selena lhe dizia que ela teria

uma vida segura e divertida numa espécie de bolha eletromagnética criada pela personalidade indômita do pai, que continuaria protegendo-a mesmo depois que ele morresse, mesmo quando chegasse a vez dele de entrar no túnel azul que leva ao Pós-vida.

Antes que eu me esqueça: em Santa Rosália, a cegueira de Selena lhe proporcionou uma vantagem sobre todos os outros colonos, algo que a inundou de felicidade, embora não valesse a pena ser transmitido para outra geração: mais do que qualquer outra pessoa da ilha, Selena apreciava acariciar a pelagem da pequena Akiko.

*Andrew MacIntosh dissera aos principais figurões da área financeira do Equador que estava pronto para transferir instantaneamente, a qualquer fiduciário indicado, cinquenta milhões de dólares americanos, que ainda valiam tanto quanto ouro. A maior parte da suposta riqueza mantida pelos bancos americanos naquele momento tornara-se totalmente imaginária, tão impalpável e irrelevante que podiam transferir de imediato qualquer quantia para o Equador ou para qualquer lugar que recebesse mensagem por telefone ou rádio.

Portanto, *MacIntosh esperava uma ligação de Quito esclarecendo as propriedades equatorianas que poderiam ser passadas, também imediatamente e em troca dessa quantia, para o nome dele, de sua filha e dos Hiroguchi.

O dinheiro nem lhe pertencia. *MacIntosh, mexendo sabe-se lá como alguns pauzinhos, conseguira um empréstimo do Chase Manhattan Bank. Eles, por sua vez, tiraram a grana de algum lugar, sabe-se lá de onde, para emprestá-la a ele.

Sim, e se o negócio desse certo, o Equador mandaria pedaços dessa miragem monetária, por telefone ou rádio, a países férteis e conseguiria comida de verdade em troca.

E o povo comeria toda a comida, devorando-a, devorando-a, *nhac*, *nhac*, e ela não passaria de excrementos e memórias para todos. Mas o que aconteceria com o pequeno Equador?

*MacIntosh esperava receber a ligação às 17h30 em ponto. Como faltava meia hora, ordenou ao serviço de quarto que trouxesse dois raros bifes de filé-mignon com os devidos acompanhamentos. Ainda restavam muitas comidas saborosas no Hotel El Dorado, estocadas para os passageiros do "Cruzeiro Ambiental do Século", e especialmente para a sra. Onassis. No entanto, naquele exato momento, soldados cercavam o quarteirão do hotel e os arredores com arame farpado a fim de proteger o alimento.

A mesma situação acontecia na margem do porto. Estavam cercando com arame farpado o *Bahía de Darwin*, que, como todos em Guayaquil sabiam, fora abastecido para servir três refeições *gourmets* diárias, sem repetir nenhuma, durante catorze dias… e a cem passageiros. Qualquer um que olhasse para o belo navio e fosse capaz de fazer um cálculo básico de matemática pensaria o seguinte: "Estou com tanta fome, minha mulher e meus filhos estão com tanta fome, minha mãe e meu pai também estão com tanta fome, e aí dentro tem uns 420 tipos de comidas deliciosas".

O homem que levou os dois bifes para o quarto de Selena fez esses cálculos, além de também registrar em seu cérebro gigante um inventário de coisas gostosas para comer na despensa do hotel. Ele mesmo não estava passando fome, pois os funcionários ali ainda estavam alimentados. E a pequena família dele, considerando-se os padrões equatorianos — a esposa grávida, os pais dela e um sobrinho órfão que ele estava criando — também estava bem alimentada até então. Como todos os outros funcionários, o sujeito vinha roubando comida do hotel para a família.

O rapaz era Jesús Ortiz, o inca que recentemente servira bebidas a James Wait no andar inferior do hotel. Ele fora forçado a assumir o serviço de quarto por *Siegfried von Kleist, o gerente, que por sua vez assumiu a função de bartender. De repente, no hotel faltavam funcionários. Os dois atendentes que faziam serviço de quarto aparentemente haviam desaparecido, e não faziam muita falta, pois a demanda de serviços de quarto era bem reduzida. Deviam estar dormindo em algum lugar.

Assim, o cérebro gigante de Ortiz foi obrigado a pensar naqueles filés quando os pegou na cozinha, levou-os no elevador e depois caminhou pelo corredor do lado de fora do quarto de Selena. Os funcionários do hotel não comiam nem roubavam comida daquela qualidade, e quase sempre se orgulhavam disso. Ainda estavam guardando o melhor para a "*señora* Kennedy", ou sra. Onassis, como a chamavam, termo coletivo que usavam para todos os ricos, famosos e poderosos que supostamente estavam para chegar.

O cérebro de Ortiz era tão grande que conseguia fazê-lo ver a si mesmo e a seus dependentes como milionários, como estrelas de um filme que passava apenas em sua cabeça. E o homem, pouco mais que um menino, era tão ingênuo que achava que esse sonho viraria realidade, já que ele não cultivava maus hábitos e tinha disposição para o trabalho árduo. Só lhe faltavam algumas dicas sobre como vencer na vida, e pessoas que já eram milionárias poderiam fornecê-las.

No bar, ele tentara, sem muito sucesso, extrair de James Wait algum conselho sobre como viver bem. Embora ridiculamente desinteressante, Wait tinha a carteira recheada de cartões de crédito e notas de vinte dólares americanos, como Ortiz, com todo o respeito, observara.

Ele também pensou o mesmo sobre os filés, enquanto batia à porta do quarto de Selena: as pessoas lá dentro fizeram por merecê-los, então ele também o faria quando se tornasse milionário. E Ortiz era excepcionalmente inteligente e empreendedor. Trabalhando em hotéis de Guayaquil desde os

dez anos, aprendera a falar seis idiomas com fluência, mais da metade das línguas que o Gokubi sabia, seis vezes mais que aquelas que James Wait e Mary Hepburn sabiam, três vezes mais que as que os Hiroguchi sabiam e duas vezes mais que as que os MacIntosh sabiam. Também era um excelente cozinheiro e padeiro, e cursara contabilidade e direito empresarial no período noturno.

Assim, sentia-se propenso a apreciar qualquer coisa que visse e ouvisse ao entrar no quarto de Selena. Já sabia que seus olhos verdes eram cegos. Do contrário, jamais imaginaria. A jovem não parecia cega, nem agia como uma. Tão linda! O cérebro gigante de Ortiz o fizera se apaixonar por ela.

*Andrew MacIntosh estava parado diante da janela que se estendia pela parede inteira do quarto, contemplando, bem além do pântano e das favelas, o *Bahía de Darwin*. Esperava que o navio fosse dele, ou talvez de Selena, ou talvez dos Hiroguchi, antes do pôr do sol. A pessoa que deveria telefonar para ele às 17h30, diretor de um consórcio emergencial de financistas de Quito, chamava-se Gottfried von Kleist, presidente do conselho do maior banco do Equador, tio do gerente do El Dorado e do capitão do *Bahía de Darwin*, além de coproprietário do navio e do hotel, em sociedade com o irmão mais velho, Wilhelm.

Virando-se para olhar Ortiz, que acabara de entrar com os filés, *MacIntosh ensaiava o início do texto em espanhol que diria a Gottfried von Kleist: "Antes que me conte as outras boas notícias, caro colega, dê-me sua palavra de honra de que estou olhando para o *meu* navio da janela do último andar do *meu* hotel".

*MacIntosh estava descalço, vestido apenas com shorts cáqui, a braguilha aberta, sem cuecas, o pênis tão escondido quanto o pêndulo de um relógio carrilhão.

Sim, e agora faço uma pausa para me espantar com o pouquíssimo interesse que esse homem demonstrava pela reprodução, em ser imensamente bem-sucedido biologicamente — apesar da sexualidade exibicionista e da mania de reivindicar como sua propriedade o maior número possível de sistemas de suporte à vida do planeta. Os mais famosos acumuladores de métodos de sobrevivência da época normalmente tinham poucos filhos, com exceções, é claro. Contudo, aqueles que se reproduziram bastante, pensando na boa ideia de acumular riquezas para o conforto dos descendentes, em geral, mutilavam os próprios filhos psicologicamente. Os herdeiros quase sempre se assemelhavam a zumbis, facilmente extorquidos por homens e mulheres tão gananciosos quanto aqueles que deixaram aos filhos muito, muito mais do que o animal humano poderia desejar ou precisar.

O próprio ⋆Andrew MacIntosh pouco ligava se estava vivo ou morto, como atestava seu entusiasmo por paraquedismo, corridas de veículos motorizados de alta performance etc.

Então, preciso dizer que, nessa época, os cérebros humanos se transformaram em geradores de opiniões abundantes e irresponsáveis sobre como viver; portanto, agir em benefício do bem-estar das futuras gerações acabou parecendo um daqueles jogos arbitrários apreciados por poucos entusiastas — como pôquer, polo, mercado de apólices ou produção de romances de ficção científica.

Cada vez mais pessoas, não apenas ⋆Andrew MacIntosh, consideravam uma baita chatice assegurar a sobrevivência da raça humana.

Digamos que era muito mais divertido rebater e rebater sem parar uma bola de tênis.

A cadela que não era cega, Kazakh, uma fêmea da raça pastor-alemão, acomodava-se perto da mala de Selena, ao pé da cama *king size*, relaxada e podendo se mexer livremente, pois, no momento, não estava presa por guias

ou correntes. Seu pequeno cérebro, alertado pelo cheiro de carne, a fez olhar esperançosamente com grandes olhos castanhos e abanar o rabo para Ortiz.

Os cachorros da época superavam muito os homens quanto a distinguir diferentes cheiros. Graças à Lei da Seleção Natural de Darwin, todos os humanos desenvolveram hoje um olfato tão aguçado quanto o de Kazakh. E ainda ultrapassaram os cães num aspecto: farejam embaixo da água.

No entanto, os cães não sabem nadar por baixo d'água, embora tenham tido um milhão de anos para aprender. Continuam zanzando por aí como sempre fizeram. Também não aprenderam ainda a apanhar peixes. E eu diria que todo o resto do reino animal, com exceção dos humanos, curiosamente pouco fez para aprimorar suas táticas de sobrevivência.

16

As palavras de *Andrew MacIntosh a Jesús Ortiz foram tão ofensivas e perigosas, considerando a fome devastadora que assolava o Equador, que o cérebro gigante do sujeito devia mesmo estar seriamente doente — se é que não dar a mínima pudesse sugerir qualquer doença mental. Além disso, o ultrajante insulto prestes a ser proferido ao simpático e bondoso garçom não foi deliberado.

*Andrew MacIntosh, de estatura média, tinha aparência grosseira, a cabeça parecendo uma caixa empilhada sobre outra ainda maior e braços e pernas muito grossos. Além disso, era tão saudável, habilidoso e aventureiro quanto fora Roy, o marido de Mary Hepburn, mas ansiava por correr riscos alarmantes, ao contrário de Roy. No amplo sorriso dado a Ortiz, revelou dentes tão grandes e perfeitamente brancos que o rapaz os achou parecidos com as teclas de um enorme piano.

*MacIntosh disse a ele, em espanhol:

— Tire os filés do prato, coloque-os no chão para a cadela e depois dê o fora daqui.

Por falar em dentes, nunca houve dentistas em Santa Rosália ou em qualquer outra colônia humana nas ilhas Galápagos. Como de fato deve ter acontecido um milhão de anos atrás, um típico colonizador ficaria completamente banguela aos 30 anos, não antes de sofrer dores de dente que lhe dariam vontade de bater a cabeça na parede. E isso sem dúvida representava mais que um golpe na vaidade das pessoas, pois, hoje em dia, ter

uma boa dentição e gengivas saudáveis constituem o único utensílio do qual elas dispõem.

É verdade. Agora as pessoas não dispõem de mais nenhum outro utensílio, exceto os dentes.

Mary Hepburn e o capitão, ainda que com mais de 30 anos, possuíam uma dentição saudável quando chegaram a Santa Rosália, graças a visitas regulares a dentistas que passaram a broca nos dentes podres, drenaram abscessos etc. No entanto, quando morreram, estavam completamente desdentados. Selena MacIntosh era tão jovem quando se matou num pacto suicida com Hisako Hiroguchi que ainda mantinha boa parte dos dentes, mas sem dúvida não todos. Hisako, na ocasião, estava desdentada.

Se eu fosse criticar o corpo humano de um milhão de anos atrás, meu tipo de corpo, como se ele fosse uma máquina que alguém quisesse colocar à venda, teria dois aspectos relevantes a observar, e o primeiro deles com certeza já deixei claro neste ponto da história: "O cérebro é grande demais para ser funcional". O segundo seria: "Tem alguma coisa errada com nossos dentes, pois raramente duram até o fim da vida. Devemos ser gratos a qual cadeia evolutiva por essa louça fedorenta em nossas bocas?".

Seria legal dizer que a Lei da Seleção Natural, que em tão pouco tempo prestou tantos favores às pessoas, também resolveu o problema dos dentes. De certa forma, até o fez, mas recorrendo a uma solução draconiana. Não prolongou a vida dos dentes. Simplesmente diminuiu a média da expectativa de vida para trinta anos.

Voltemos, agora, a Guayaquil, para o momento depois de *Andrew MacIntosh dizer a Jesús Ortiz que colocasse os filés no chão.

— Desculpe, acho que não entendi, senhor — disse Ortiz, em inglês.

— Coloque-os na frente da cadela — reafirmou *MacIntosh.

Então Ortiz obedeceu, o cérebro gigante confuso, reavaliando todas as opiniões que tinha de si mesmo, da humanidade, do passado e do futuro e da natureza do universo.

Antes que o rapaz se levantasse, após servir a cadela, *MacIntosh repetiu:

— Dê o fora daqui.

É doloroso para mim, mesmo um milhão de anos depois, escrever sobre essa conduta tão imprópria dos homens.

Um milhão de anos depois, sinto que preciso pedir desculpas em nome da raça humana. É tudo que consigo dizer.

Se Selena era o experimento da Natureza com a cegueira, seu pai era o experimento da Natureza com a crueldade. Sim, e Jesús Ortiz era o experimento da Natureza com a admiração pelos ricos, e eu era o experimento da Natureza com o voyeurismo insaciável, meu pai era o experimento da Natureza com o cinismo, minha mãe era o experimento da Natureza com o otimismo, o capitão do *Bahía de Darwin* era o experimento da Natureza com a autoconfiança infundada, James Wait era o experimento da Natureza com a ganância despropositada, Hisako era o experimento da Natureza com a depressão e Akiko era o experimento da Natureza com pelos etc. etc.

Lembro-me de um dos romances de meu pai, *A era dos monstros esperançosos*, sobre um planeta cujos habitantes humanoides haviam ignorado os mais graves problemas relacionados à sua sobrevivência até o último momento. E então, com todas as florestas destruídas, todos os lagos envenenados por chuva ácida, os lençóis freáticos contaminados além da salvação por lixo industrial etc., os humanoides começaram a gerar filhos com asas, chifres ou barbatanas, crianças com cem olhos, sem nenhum olho, cérebros desproporcionais, sem nenhum cérebro etc. etc. Foram as

experiências da Natureza com criaturas que poderiam, com alguma sorte, se tornar melhores cidadãos planetários que os humanoides. A maioria morreu, ou precisou ser baleada, ou foi vítima de outro destino qualquer, mas algumas, realmente promissoras, se casaram e geraram crianças como elas.

Chamo agora minha própria existência, um milhão de anos atrás, de "Era dos Monstros Esperançosos". No entanto, a maioria dos monstros da época era diferente, pois a monstruosidade se assentava mais na personalidade do que no tipo de corpo. Hoje, acabaram tais experiências envolvendo corpos e personalidades.

Lá no passado, os cérebros gigantes não eram cruéis só por pura crueldade. Também sentiam todo tipo de dores, às quais os animais inferiores eram inteiramente insensíveis. Nenhuma outra espécie de animal na Terra sentiria a mesma coisa que Jesús Ortiz sentiu enquanto descia pelo elevador até o saguão do hotel, completamente aturdido com o que ★MacIntosh lhe dissera. Estava tão devastado que nem sequer tinha certeza de que a vida ainda valia a pena.

E com um cérebro tão complexo, ele vislumbrava todo tipo de imagem que animal algum jamais conseguiria ver, todas totalmente imaginárias, como simples opiniões humanas, assim como os cinquenta milhões de ★Andrew MacIntosh que seriam transferidos instantaneamente de Manhattan para o Equador tão logo as palavras certas viessem pelo telefone. Ortiz viu a imagem de Jacqueline Kennedy Onassis, a "*señora* Kennedy", indissociável das imagens que conhecia da Virgem Maria. Ele era católico apostólico romano. Todos no Equador eram católicos apostólicos romanos. Todos os Von Kleist eram católicos apostólicos romanos. Até mesmo os canibais nas florestas tropicais do Equador, os esquivos kanka-bono, eram católicos apostólicos romanos.

A imagem da *señora* Kennedy era linda, triste, pura, gentil e muito poderosa. Porém, na mente de Ortiz, ela também liderava uma série de divindades menos significativas que participariam igualmente do "Cruzeiro

Ambiental do Século", o que incluía os seis hóspedes do hotel. Ortiz esperava de qualquer um deles apenas bondade, e achava, como a maioria dos equatorianos antes que a fome os atingisse, que a chegada de todos ao Equador representaria um momento glorioso na história da nação e, portanto, que deveriam ser recepcionados com todo o luxo possível.

Porém, naquele momento, a verdade sobre um desses visitantes supostamente maravilhosos, ★Andrew MacIntosh, havia distorcido a imagem mental que Ortiz criara não apenas das divindades menos importantes, mas também da própria *senõra* Kennedy.

Assim, a figura ganhou presas de vampiro, a pele começou a se desgrudar do rosto, mas o cabelo continuou lá. Transformou-se numa caveira sorridente, desejando apenas morte e pestilência ao pequeno Equador.

Era uma imagem tão assustadora que Ortiz não conseguia esquecê-la. Achando que se livraria dela com a ajuda do tremendo calor lá de fora, atravessou o saguão do hotel, indiferente aos chamados de ★Siegfried von Kleist no bar, o qual lhe perguntava qual era o problema, aonde ele estava indo etc. Ortiz era o melhor funcionário do hotel, o mais leal, mais competente, sempre alegre, e ★Von Kleist precisava mesmo dele.

Aliás, eis por que o gerente do hotel não tinha filhos, embora fosse heterossexual e seu esperma parecesse perfeito quando visto num microscópio etc.: havia 50% de chance de que fosse portador de uma doença cerebral congênita e incurável chamada doença de Huntington, desconhecida atualmente. Naquela época, entretanto, era uma das mil doenças mais comuns diagnosticáveis pelo Mandarax.

É pura sorte, aquele tipo de sorte que só vemos em cassinos, não mais existirem portadores da doença de Huntington. E essa mesma sorte absurda tornou ★Von Kleist um possível portador na época. O pai dele descobriu a

possibilidade da doença apenas na meia-idade, quando já tinha se reproduzido duas vezes.

E isso significava, é claro, que o irmão mais velho, mais alto e mais charmoso de *Siegfried, Adolf, o capitão do *Bahía de Darwin*, também poderia ser portador. Logo, *Siegfried, que morreria sem deixar descendentes, e Adolf, que por fim viraria o progenitor coletivo de toda a raça humana um milhão de anos atrás, haviam declinado, por motivos admiravelmente altruístas, da copulação biologicamente significativa.

*Siegfried e Adolf mantiveram em segredo essa possível anomalia genética. A discrição, evidentemente, não apenas os poupou de constrangimento, mas também protegeu todos os familiares. Se fosse de conhecimento geral a possibilidade de os irmãos transmitirem doença de Huntington à respectiva prole, os outros Von Kleist enfrentariam dificuldades em conseguir bons casamentos, mesmo sendo impossível que também tivessem a doença.

A explicação era a seguinte: a doença, se os irmãos a tivessem, teria sido transmitida pela avó paterna, a segunda esposa do avô paterno de ambos, a qual gerou apenas um filho, o pai deles, o escultor e arquiteto equatoriano Sebastian von Kleist.

Se essa anomalia genética era ruim? Bem, com certeza era muito pior que ter uma filha coberta de pelos.

Na verdade, de todas as terríveis doenças que o Mandarax conhecia, a doença de Huntington talvez fosse a pior. Sem dúvidas, a mais traiçoeira e maligna das surpresas. Em geral, ficava à espreita, indetectável a qualquer exame, até o infeliz que a herdara chegar à vida adulta. Por exemplo, no caso já citado, o pai dos dois irmãos viveu tranquila e produtivamente até os 54 anos, quando de uma hora para outra começou a dançar involuntariamente e ver coisas. Depois matou a esposa, fato que foi abafado. Reportaram o assassinato à polícia, que tratou o caso como um acidente doméstico.

Assim, aqueles dois irmãos esperavam enlouquecer a qualquer momento, dançando e tendo alucinações, havia 25 anos. Cada um tinha 50% de chance de desenvolver a doença. Se ambos enlouquecessem, ficaria provado que ela de fato era transmitida de geração para geração. Se apenas um deles envelhecesse sem enlouquecer, ficaria provado não só que não era portador da doença, mas também que nenhum de seus descendentes seriam. Ficaria provado que ele poderia ter se reproduzido impunemente.

No final das contas, o destino determinou que o portador não fosse o capitão, e sim seu irmão. Pelo menos o pobre *Siegfried não sofreria por muito tempo, pois a loucura se manifestou quando lhe restavam apenas poucas horas de vida — na tarde de 27 de novembro de 1986, quinta-feira. Lá estava o sujeito, no balcão do bar do El Dorado, com James Wait sentado diante dele e o retrato de Charles Darwin atrás. Acabara de ver seu funcionário mais leal, Jesús Ortiz, sair pela porta da frente parecendo terrivelmente transtornado com alguma coisa.

E em seguida o cérebro gigante de *Siegfried teve um colapso e enlouqueceu por um instante, voltando à normalidade logo depois.

No estágio inicial da doença, o único que o irmão azarado conheceria, ainda foi possível que a alma dele reconhecesse que seu cérebro era perigoso, ajudando-o a manter um semblante de sanidade mental por pura força de vontade. Impassível, ele tentou se concentrar nos negócios, perguntando a Wait:

— O que faz da vida, sr. Flemming?

As palavras ecoaram diabolicamente na mente de *Siegfried, como se estivesse gritando a plenos pulmões dentro de um tubo de aço. Havia se tornado extremamente sensível a barulhos.

E a resposta de Wait, num tom de voz baixo, também foi ensurdecedora:

— Eu era engenheiro, mas para ser sincero, depois que minha esposa morreu, perdi o interesse no trabalho e em todo o resto. Acho que agora sou um sobrevivente.

Mas voltemos a Jesús Ortiz, que saiu do hotel depois de ter sido barbaramente insultado por *MacIntosh. Ele pretendia dar algumas voltas pelo bairro para se acalmar um pouco, mas logo descobriu que arame farpado e soldados haviam transformado a área ao redor do hotel em cordão sanitário. A necessidade da barreira era evidente. Do outro lado do arame farpado, uma multidão de pessoas de todas as idades olhava-o de modo tão comovente quanto Kazakh, a cachorra que não era cega, numa espera fervorosa de que o jovem lhes levasse comida.

Ortiz não ultrapassou a cerca de arame farpado, preferindo dar voltas e mais voltas em torno do El Dorado. Em cada uma das três voltas, ele observava a porta aberta da lavanderia do hotel, onde uma caixa cinzenta de aço se fixava à parede. Sabia o que havia nela: os fios que ligavam, em sagrado matrimônio, os telefones do hotel com o mundo exterior. Um cidadão de bem de um milhão de anos atrás poderia ter pensado o seguinte: "O que a companhia telefônica uniu, nenhum homem separa".

Sim, e esse era o sentimento no cérebro de Jesús Ortiz. Ele nunca danificaria uma caixa tão importante para tantas pessoas. Porém, os cérebros da época eram tão grandes que chegavam de fato a enganar os donos. Na primeira vez que passou diante da lavanderia, o cérebro de Ortiz quis que ele desconectasse todos os telefones, mesmo ciente de que sua alma se opunha a qualquer ato de má cidadania. Então, a fim de evitar que o rapaz se paralisasse com tal dilema, o cérebro continuou lhe assegurando, repetidamente: "Não, não… é claro que a gente jamais faria isso".

Na quarta volta, o cérebro não apenas fez Ortiz entrar na lavanderia, mas também lhe forneceu um álibi para isso. Como cidadão de bem que era, estava procurando a roupa de uma hóspede, Mary Hepburn, mais

precisamente a calça verde que parecia ter ido parar em outra dimensão na noite anterior.

Mas então Ortiz abriu a caixa e arrebentou os fios. Em questão de segundos, um cérebro típico de um milhão de anos atrás transformou o melhor cidadão de Guayaquil num ávido terrorista.

17

Na ilha de Manhattan, um publicitário norte-americano de meia- -idade contemplava o fracasso de sua obra-prima, o "Cruzeiro Ambiental do Século". Havia acabado de se mudar para um novo escritório, localizado na coroa vazia do Chrysler Building, outrora sala de exposição de um fabricante de harpas que falira — assim como a cidade de Ilium, o Equador, as Filipinas, a Turquia etc. etc. O sujeito se chamava Bobby King.

Guayaquil tinha o mesmo fuso horário de Manhattan, e se uma linha ao sul da ruga profunda na testa de Bobby fosse traçada para baixo, em direção ao Equador, encontraria um ponto limite em uma ruga ainda mais profunda na testa de *Andrew MacIntosh, em Guayaquil. *MacIntosh berrava vigorosamente em um telefone mudo, na tentativa de que funcionasse na base do grito. Mas o resultado seria o mesmo se *MacIntosh segurasse uma iguana-marinha empalhada das Galápagos junto à cabeça em formato de caixa enquanto gritava cada vez mais imperiosamente:

— Alô! Alô!

Bobby King tinha de fato uma iguana-marinha empalhada sobre a escrivaninha, e divertira mais de um visitante fingindo confundi-la com um telefone, segurando-a ao lado da cabeça e dizendo:

— Alô! Alô!

No entanto, naquele momento não estava para brincadeiras, não mesmo. Fizera tanto quanto Darwin pela fama das ilhas Galápagos, só que do seu jeito: uma campanha publicitária de dez meses convencendo milhões de pessoas em todo o planeta de que a viagem inaugural do *Bahía de Darwin*

seria, de fato, o "Cruzeiro Ambiental do Século". Com esse procedimento, transformou em celebridades muitas criaturas da ilha, tais como o cormorão-das-galápagos, o patola-de-pés-azuis, aqueles larápios dos pássaros fragatas etc. etc.

Seus clientes eram o Ministério do Turismo do Equador, a Companhia Equatoriana de Aviação e os proprietários do Hotel El Dorado e do *Bahía de Darwin*, tios paternos de *Siegfried e do capitão Adolf von Kleist. A propósito, o gerente do hotel e o capitão nem precisavam trabalhar para viver. Eram fabulosamente ricos graças a uma herança, mas achavam que precisavam se manter ocupados.

King estava quase certo, embora ninguém tivesse lhe contado nada, pelo menos não ainda, de que trabalhara em vão, pois o "Cruzeiro Ambiental do Século" não aconteceria.

Quanto ao réptil, a iguana-marinha empalhada na escrivaninha, ele a transformara no símbolo do cruzeiro: a imagem fora pintada em cada lado da proa do *Bahía de Darwin,* e ainda aparecera como logotipo em cada anúncio e no topo de cada *release*.

No mundo real, a criatura podia ter mais de um metro de comprimento e parecer tão assustadora quanto um dragão chinês. Porém, na verdade, não era mais perigosa para qualquer forma de vida, com exceção das algas marinhas, do que uma salsicha de fígado. A iguana-marinha, hoje, continua vivendo exatamente como vivia há um milhão de anos:

Como não possuía inimigos, ficava sentada num lugar qualquer olhando para o nada, não desejando nada, não se preocupando com nada, até sentir fome. Então bamboleava para o oceano e nadava devagar, sem muita agilidade, a alguns metros da costa. Em seguida, afundava como um submarino e se empanturrava de algas marinhas, que naquela época eram indigestas; devia-se cozê-las antes de serem digeridas.

Satisfeita, a iguana-marinha subia à superfície, nadava até a costa e sentava-se de novo em uma rocha vulcânica para tomar sol. Usava como tampa e

panela o próprio corpo, que ia esquentando cada vez mais enquanto a luz do sol cozinhava a alga marinha. A criatura continuava olhando para o nada, como antes, mas com uma diferença: cuspia, de vez em quando, um pouco de água salgada fervente.

Durante o milhão de anos que passei nessas ilhas, a Lei da Seleção Natural não encontrou uma forma nem de aprimorar nem de piorar esse método singular de sobrevivência.

King sabia que seis pessoas tinham conseguido chegar a Guayaquil e que estavam hospedadas no Hotel El Dorado naquele exato momento, ainda à espera de embarcar no "Cruzeiro Ambiental do Século". Surpreendeu-se, mas não muito, presumindo que aqueles que completassem a viagem até lá por seus próprios meios certamente não embarcariam, considerando-se as péssimas notícias da região.

Sabia os nomes das seis pessoas, mas uma delas lhe era inteiramente desconhecida: Willard Flemming, canadense. Este, é claro, era James Wait. King não conseguia imaginar como aquele homem tinha ido parar na lista de passageiros, que, com exceção de Mary Hepburn, de um veterinário japonês e sua esposa, deveria ser supostamente composta de figuras da mídia e pessoas influentes de altíssimo renome.

King intrigou-se ainda mais quando soube que Mary Hepburn estava no hotel, mas não o marido, Roy. Ele nem imaginava que Roy estava morto. Sobre os Hepburn, sabia que, apesar de serem completos zés-ninguém numa lista de passageiros repleta de celebridades, haviam sido os primeiros a se registrar no "Cruzeiro Ambiental do Século". Isso aconteceu num momento em que Roy tinha razões para duvidar que qualquer pessoa realmente famosa pudesse ser induzida a participar da viagem.

Quando os Hepburn se registraram, King brincou com a ideia de transformá-los numa espécie de minicelebridades, com aparições em programas de televisão, entrevistas em jornais etc. Ele jamais os conheceria

pessoalmente, mas falara com Mary por telefone uma vez, torcendo fervorosamente para que existisse um quê de interessante no casal, mesmo sabendo que ambos trabalhavam em empregos bastante comuns numa cidade industrial sem graça, com a mais elevada taxa de desemprego do país. Um dos dois deveria ter algum ancestral ou parente famoso, talvez Roy tivesse sido herói em alguma guerra, ou talvez tivessem ganhado na loteria, ou sofrido uma tragédia recente, ou qualquer coisa do tipo.

Eis alguns trechos da conversa de King com Mary, em janeiro:

— Bem… sou parente distante de Daniel Boone[1] — ela contou. — Meu nome de solteira é Boone, e nasci no Kentucky.

— Que maravilha! — exclamou King. — Você é a tataraneta dele, ou algo assim?

— Não tenho certeza se o parentesco é tão direto — ela respondeu. — Nunca liguei muito para isso, então nunca tentei descobrir.

— Mas seu nome de solteira é Boone.

— Sim, mas acho que é só uma coincidência. O sobrenome do meu pai era Boone, mas ele não era parente de Daniel Boone. Tenho algum parentesco com Daniel Boone do lado da minha mãe.

— Se o sobrenome do seu pai era Boone e ele era do Kentucky, então deve existir algum parentesco entre os dois, não acha? — perguntou King.

— Não necessariamente — retrucou ela. — Na verdade, o pai dele era um treinador de cavalos húngaro chamado Miklós Gömbös, que mudou o nome para Michael Boone.

Sobre prêmios ou honrarias que ela ou Roy pudessem ter recebido, Mary disse que seu marido certamente merecia um monte de medalhas pelo excelente trabalho que fazia na GEFFCo, mas a empresa não acreditava em nada do tipo, exceto se fosse para premiar executivos do alto escalão.

— Alguma medalha militar ou qualquer coisa assim? — perguntou ele.

— Roy serviu na Marinha — respondeu ela —, mas não chegou a lutar.

Se King tivesse telefonado três meses depois e Roy atendesse, teria ouvido muitas histórias sobre os trágicos feitos do homem durante os testes da bomba no Pacífico.

— Vocês têm filhos? — perguntou King.

— Não no sentido convencional — explicou Mary. — Mas considero cada um dos meus alunos como filho, e Roy é chefe da tropa de escoteiros e considera cada membro do grupo como seu próprio filho.

— É uma atitude linda — afirmou King. — Foi muito bom falar com você… espero que você e seu marido apreciem a viagem.

— Tenho certeza de que aproveitaremos — disse ela —, mas ainda preciso juntar coragem para dizer ao diretor que preciso de três semanas de folga no meio do semestre.

— Quando voltar, poderá contar tantas coisas maravilhosas a seus alunos que ele ficará feliz em lhe dar esses dias — comentou King, que, aliás, nunca vira as ilhas pessoalmente e nunca as veria. Como Mary Hepburn, ele com certeza apenas tivera contato com muitas imagens delas.

— Ah… — começou Mary, quando King já estava quase desligando o telefone — você perguntou sobre prêmios, honrarias e medalhas, essas coisas…

— Sim? — disse King.

— Vou receber uma espécie de prêmio, ou pelo menos me parece um prêmio. Eu não devia estar sabendo da homenagem, então não deveria contar pra você.

— Minha boca é um túmulo — afirmou King.

— Acabei de descobrir sem querer — disse Mary — que a turma de veteranos deste ano vai dedicar o anuário deles a mim. Eles usaram um pseudônimo na dedicatória, que acabei vendo numa gráfica por onde passei para pegar uns cartões de anúncios de nascimento para uma amiga. Ela teve gêmeos, um menino e uma menina.

— Não diga! — exclamou King.

— E você sabe o apelido que aqueles jovens simpáticos me deram? — perguntou Mary.

— Não — respondeu King.

— "Mãe Natureza Personificada" — contou ela.

Não há túmulos nas ilhas Galápagos. Cabe ao oceano fazer o que quiser com todos os corpos. Mas se houvesse uma lápide para Mary Hepburn, a inscrição só poderia ser esta: "Mãe Natureza Personificada". Em que aspectos ela se assemelhava tanto à Mãe Natureza? Mesmo diante da mais completa desesperança que se abateu sobre todos em Santa Rosália, Mary ainda queria que bebês humanos nascessem lá. Nada a impediria de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para que a vida continuasse e continuasse e continuasse.

---

1. Daniel Boone (1734-1820) foi um dos primeiros heróis populares dos Estados Unidos, um famoso pioneiro e caçador. Depois de morto, tornou-se personagem de contos, obras de ficção e série de televisão. Suas aventuras reais e lendárias criaram o arquétipo do herói do oeste americano folclórico. [N. de T.]

18

Quando Bobby soube que Mary Hepburn era um dos seis azarados que haviam conseguido chegar a Guayaquil, pensou nela pela primeira vez em meses. Achou que talvez o casal estivesse junto, já que pareceram tão inseparáveis, e que o nome de Roy fora omitido acidentalmente pelo gerente do Hotel El Dorado, cujos comunicados vindos pelo teletipo se tornavam cada vez mais e mais caóticos.

A propósito, King me conhecia, embora não soubesse meu nome.

Mas ele soube da morte de um operário durante a construção do navio.

Não quis, no entanto, divulgar esse tipo de informação, que podia resultar na superstição de que havia um fantasma no *Bahía de Darwin*, da mesma forma que a família Von Kleist não queria que as pessoas soubessem que um de seus membros fora hospitalizado com a doença de Huntington, e da mesma forma que outros dois membros da família não queriam que ninguém soubesse que tinham 50% de chance de também serem portadores da anomalia genética.

Durante os anos que passaram juntos em Santa Rosália, o capitão chegou a contar a Mary Hepburn que talvez fosse portador da doença de Huntington? Ele só lhe revelou esse terrível segredo quando já estavam ilhados havia dez anos e percebeu que Mary agira irresponsavelmente com seu esperma.

Dos seis hóspedes do Hotel El Dorado, King só conhecia dois: ★Andrew MacIntosh e a filha cega, Selena — e, é claro, a cachorra de Selena, Kazakh. Todos que conheciam os MacIntosh também conheciam o animal, embora Kazakh, graças a cirurgia e treinamento, tivesse uma personalidade quase nula. Os MacIntosh frequentavam vários restaurantes que pertenciam a clientes de King, e ★MacIntosh, o pai, não a cadela e a filha, havia participado de programas de televisão apresentados por clientes dele. King assistira aos programas com Selena e a cadela em uma tela instalada nos bastidores, e achava que a filha de MacIntosh, quando distante do pai, tinha um pouco mais de personalidade que a cadela. Mas falava o tempo inteiro dele.

★Andrew MacIntosh, sem dúvida, apreciava a exposição nos programas de entrevistas na televisão, dos quais era um convidado recorrente porque o achavam engraçadíssimo. Ele falava sem parar sobre diversão na vida quando se dispunha de um orçamento ilimitado. Dizia ter pena dos pobres, zombava deles etc.

Graças ao ambiente hostil de Santa Rosália, antes de entrar no túnel azul que leva ao Pós-vida, Selena desenvolveria uma personalidade bem distinta da do pai. Também seria fluente em japonês. Na era dos cérebros gigantes, as histórias de vida das pessoas podiam ter finais bem variados.

Vejam a minha, por exemplo.

Depois de Roy e Mary Hepburn, os MacIntosh e os Hiroguchi entraram na lista de passageiros do "Cruzeiro Ambiental do Século" em fevereiro. Os Hiroguchi embarcariam como convidados de ★MacIntosh, viajando sob nomes falsos para que os empregadores de ★Zenji Hiroguchi não descobrissem que ele estava fazendo negócios com ★MacIntosh.

Para King, ★Siegfried von Kleist e também para todas as pessoas ligadas ao cruzeiro, os Hiroguchi se chamavam Kenzaburo e ★Zenji era veterinário.

Isso significava que metade dos hóspedes do Hotel El Dorado fingia ser outra pessoa. Como um incentivo a toda essa farsa criada pelos cérebros

gigantes, o uniforme de combate de Mary Hepburn, excedente de guerra, ainda exibia bordado no bolso esquerdo do peito o nome do dono anterior, Kaplan. E quando ela e James Wait finalmente se conhecessem no bar do navio, ele se apresentaria com um nome falso, ela lhe diria o verdadeiro, mas Wait continuaria chamando-a de sra. Kaplan, exaltaria as qualidades do povo judeu etc.

Mais tarde se casariam numa cerimônia oficializada pelo capitão no convés do *Bahía de Darwin*, e até onde ela sabia, tornara-se esposa de Willard Flemming, e até onde ele sabia, tornara-se marido de Mary Kaplan.

Hoje tal confusão seria impossível porque ninguém compartilha mais o próprio nome, a profissão ou a história de vida. Resta-nos como reputação apenas um odor que nos acompanha e que não se altera do nascimento à morte. As pessoas são o que são, e isso é tudo. A Lei da Seleção Natural criou humanos absolutamente honestos neste sentido: todos são exatamente o que aparentam ser.

Quando ⋆Andrew MacIntosh reservou três cabines para a viagem inaugural do *Bahía de Darwin*, Bobby King, com razão, ficou intrigado. ⋆MacIntosh era proprietário de um iate particular, o *Omoo*, quase do tamanho de um navio de cruzeiro, e poderia ter viajado para as ilhas Galápagos por conta própria, sem se submeter ao contato com estranhos e às regras impostas aos passageiros do "Cruzeiro Ambiental do Século". Por exemplo, os viajantes não podiam desembarcar nas ilhas quando bem entendessem e se comportar como bem quisessem. Guias os escoltariam e supervisionariam o tempo inteiro, todos treinados pelos cientistas da Estação Científica Charles Darwin, na ilha de Santa Cruz, e todos pós-graduados em pelo menos uma das ciências naturais.

Então certa noite, quando King, na costumeira ronda de restaurantes e casas noturnas, viu ⋆MacIntosh, a filha, a cachorra e duas outras pessoas jantando num desses locais badalados chamado Elaine's, frequentado por

celebridades, parou próximo à mesa deles e externou satisfação por participarem do cruzeiro. Na verdade, queria muito saber as razões que os motivaram a participar, para usar os motivos deles como incentivo e convencer outros famosos a também se juntarem ao cruzeiro.

King, somente depois de cumprimentar os MacIntosh, viu quem eram as outras duas pessoas à mesa. Ele conhecia ambos, já haviam conversado antes e naquele momento voltariam a conversar. Uma era a mulher mais admirada do planeta, a sra. Jacqueline Bouvier Kennedy Onassis, e a outra, o acompanhante dela naquela noite, o grande dançarino Rudolf Nureyev.

Aliás, Nureyev, ex-cidadão da União Soviética, pedira asilo político na Grã-Bretanha. Eu ainda estava vivo nessa época e era um cidadão dos Estados Unidos que pedira asilo político na Suécia.

Sim, e nós dois gostávamos de dançar.

Mesmo sob a ameaça de fazer ★MacIntosh se lembrar de que era o proprietário de um iate transoceânico, King perguntou-lhe o que o atraíra no *Bahía de Darwin*. ★MacIntosh, que era muitíssimo inteligente e instruído, discursou sobre os danos causados às ilhas Galápagos por pessoas egoístas e ignorantes quando desembarcavam sem supervisão. Na verdade, as palavras dele plagiavam um artigo da *National Geographic*, que ele lia de cabo a rabo todo mês. A revista destacava que o Equador precisaria de uma Marinha do tamanho de todas as frotas conjuntas do mundo para evitar que as pessoas desembarcassem nas ilhas e fizessem o que bem entendessem, de modo que os frágeis habitats só seriam preservados se os indivíduos fossem educados para o exercício do autocomedimento. "Nenhum cidadão de bem deste planeta", dizia o artigo, "deveria desembarcar sem a companhia de um guia bem treinado."

Quando Mary Hepburn, o capitão, Hisako Hiroguchi, Selena MacIntosh e o restante do grupo ficaram ilhados em Santa Rosália, não dispunham da companhia de um guia treinado. Por isso, nos primeiros anos, instauraram um verdadeiro inferno no frágil habitat.

Quase que tarde demais, perceberam que estavam arruinando o próprio habitat — porque não eram meros turistas ali.

No restaurante Elaine's, *MacIntosh indignou a plateia fascinada ao relatar botas esmagando ninhos camuflados de iguanas, mãos ávidas roubando ovos de patolas-de-pés-azuis etc. etc. Porém, de longe, a história de atrocidade mais comovente que contou, também plagiada da *National Geographic*, remeteu a pessoas ninando filhotes de foca como se fossem bebês humanos, tudo em nome das fotografias. Disse, em tom de amargura, que, quando devolviam o filhote à mãe, ela não mais o amamentava em razão da mudança de odor.

— E aí o que acontece com aquele adorável filhote, que teve a grande honra de ser ninado por um amante da natureza generoso? — perguntou *MacIntosh. — Ele morre de fome, tudo em nome de uma fotografia.

A resposta de *MacIntosh à pergunta de Bobby King, portanto, era que, ao embarcar no "Cruzeiro Ambiental do Século", desejava dar um bom exemplo, que esperava que fosse seguido por outros.

Para mim era uma piada aquele homem se apresentar como um ferrenho ambientalista, considerando que tinha atuado como diretor ou principal acionista em empresas notórias de destruição da água, do solo ou do ar. Mas não parecia ser uma piada para *MacIntosh, que veio ao mundo incapaz de se importar com qualquer coisa. Para esconder essa anomalia, ele então se tornou um excelente ator, fingindo até para si mesmo que se preocupava apaixonadamente com um monte de coisas.

Antes, com a mesma convicção, dera à filha uma explicação bem diferente do porquê de viajarem até as ilhas no *Bahía de Darwin*, em vez de no *Omoo.* Dissera que os Hiroguchi poderiam se sentir meio solitários no *Omoo*, com ninguém para conversar além dos MacIntosh. Talvez até entrassem em pânico, e então ★Zenji desistiria de negociar com ele e pediria que os deixassem no porto mais próximo, onde pegariam um avião para casa.

Um milhão de anos atrás, assim como tantas outras personalidades com patologias em posições de poder, ★MacIntosh podia fazer praticamente tudo por impulso, sem ligar muito para as consequências. As explicações para suas ações viriam depois, inventadas a seu bel-prazer.

Se voltássemos à era dos cérebros gigantes numa cápsula do tempo, veríamos que esse tipo de comportamento também ilustra a história da guerra em que tive a honra de lutar, a Guerra do Vietnã.

19

Como a maioria das personalidades com patologias, *Andrew MacIntosh nunca se importou muito em dizer ou não a verdade e, portanto, era extremamente persuasivo. Depois de todo aquele relato, a viúva Onassis e Rudolf Nureyev, bastante comovidos, pediram mais informações sobre o "Cruzeiro Ambiental do Século" a Bobby King, que as enviou na manhã seguinte por meio de um mensageiro especial.

Por ironia do destino, um canal educativo de televisão exibiria naquela mesma noite um documentário sobre os patolas-de-pés-azuis das ilhas, o que fez King acrescentar um recado ao material enviado, afirmando que talvez gostassem de assistir ao programa. Mais tarde, esses mesmos pássaros seriam cruciais para a sobrevivência da pequena colônia humana em Santa Rosália. Se não fossem tão estúpidos, tão incapazes de aprender que os seres humanos eram perigosos, quase com certeza os primeiros colonizadores teriam morrido de fome.

O ponto alto do documentário, assim como das aulas de Mary Hepburn sobre as ilhas, na Escola Secundária de Ilium, consistia numa sequência da dança de acasalamento dos patolas-de-pés-azuis, a qual ocorria deste modo:

Havia duas aves marinhas bem grandes de pé numa rocha vulcânica. Cada uma tinha mais ou menos o tamanho de um cormorão-das-galápagos, o mesmo pescoço longo, sinuoso, e bicos pontudos como lanças, próprios para pegar peixes. Como ainda não haviam desistido da aviação, possuíam asas

imensas e fortes, e pernas e pés palmados de um azul brilhante e emborrachado. Conseguiam pegar peixes arremessando-se do céu contra eles.

Peixe! Peixe! Peixe!

Macho e fêmea se assemelhavam. Aparentemente estavam ali por razões distintas, ou pelo menos não pareciam interessados um no outro, embora não houvesse muito o que fazer nas rochas vulcânicas, pois as aves não comiam insetos ou sementes. Também não estavam ali para procurar material para construir ninhos, afinal era muito cedo para isso e o jogo estava só no começo.

O macho interrompia o que estava tão ocupado fazendo, ou seja, nada. Avistava a fêmea, desviava o olhar e depois a olhava de novo. Completamente parado, sem emitir sequer um som. Apesar da capacidade vocal de ambos, em nenhum momento da dança a manifestariam.

A fêmea virava a cabeça para lá e para cá até que seu olhar encontrava o do macho acidentalmente. Cinco metros ou mais os separavam.

Quando Mary exibia o filme da dança no colégio, costumava dizer, nesse ponto, como se estivesse dando voz à fêmea:

— O que é que esse cara esquisito quer comigo? Nossa! Que bizarro!

O macho erguia uma brilhante pata azul, abanando-a no ar como se fosse um leque de papel.

Mary Hepburn, mais uma vez representando o papel da fêmea, dizia:

— Mas o que ele acha que está fazendo? Acha que é a Sétima Maravilha do Mundo? O único com pata azul em toda a ilha?

Então o macho abaixava aquela pata e levantava a outra, dando um passo em direção à fêmea. Em seguida, exibia de novo a primeira pata e, na sequência, a segunda, olhando-a firmemente nos olhos.

Mary diria:

— Vou dar o fora.

Entretanto, a fêmea não dava o fora. Parecia grudada na rocha vulcânica, enquanto o macho lhe mostrava uma pata e depois a outra, aproximando-se

cada vez mais.

A fêmea, então, erguia uma das patas azuis, momento em que Mary costumava dizer:

— Você acha que as suas patas são bonitas? Olha só pra minha pata, ela é que é bonita de verdade. É, e eu tenho duas!

E a fêmea abaixava uma pata e levantava a outra, dando um passo para se aproximar do macho.

Mary costumava ficar calada nesse momento. Sem mais brincadeiras antropomórficas. A partir daquele momento, as aves apresentariam o espetáculo. Macho e fêmea avançaram um em direção ao outro do mesmo jeito solene e imponente, nenhum deles diminuindo ou acelerando o ritmo até que estivessem, por fim, peito com peito e pé com pé.

Na Escola Secundária de Ilium, os alunos não esperavam ver o ato do acasalamento dos pássaros. O filme era tão famoso que todos sabiam que não assistiriam à cena; afinal, durante muitos anos Mary o exibira no auditório, no começo de maio, como celebração educacional da primavera.

O que aqueles pássaros faziam diante das câmeras era, assim mesmo, extremamente erótico. Esticavam os pescoços sinuosos como se fossem mastros de bandeira enquanto uniam peitos e patas, as cabeças jogadas o máximo possível para trás. Depois pressionavam as longas gargantas e a parte de baixo dos bicos um contra o outro. Formavam uma torre, uma única estrutura pontuda no topo cuja base eram quatro patas azuis.

E assim oficializavam o casamento.

Não havia testemunhas, nem outro patola para celebrar a beleza do novo casal ou a linda dança. No filme que Mary Hepburn exibia na Escola Secundária de Ilium, o mesmo que Bobby King sugerira que a sra. Onassis e Rudolf Nureyev assistissem no canal educativo, as únicas testemunhas eram os membros da equipe de filmagem, com seus cérebros gigantes.

O documentário se intitulava *Apontando para o céu*, o mesmo nome dado pelos cientistas de cérebros gigantes ao momento em que os bicos de ambos

os pássaros apontavam na direção exatamente oposta à força da gravidade.

E a sra. Onassis, muito comovida com o filme, pediu a seu secretário que telefonasse para Bobby King na manhã seguinte, perguntando-lhe se não seria tarde demais para reservar duas cabines externas no convés principal do *Bahía de Darwin* para o "Cruzeiro Ambiental do Século".

20

Mary Hepburn costumava dar crédito extra aos alunos que redigissem um pequeno poema ou ensaio sobre a dança do acasalamento. Cerca de metade deles transformava a dança em texto escrito, e a maior parte dessa metade também julgava que a dança provava a adoração dos animais por Deus. Quanto aos outros trabalhos, bem, tinha de tudo. Um dos alunos, Noble Claggett — que morreria na Guerra do Vietnã —, transformou a dança num poema que Mary lembraria até o dia de sua morte, o qual acabaria ensinando ao Mandarax. Transcrevo aqui o poema, que ficaria armazenado no Mandarax junto de trechos de obras dos maiores escritores que já viveram:

É claro que amo você,
Então façamos um bebê,
e esse filho dirá o mesmo
que nós, seus pais, dissemos;
"É claro que eu amo você,
Então façamos um bebê,
e esse filho dirá o mesmo
que nós, seus pais, dissemos;
' É claro que eu amo você,
Então façamos um bebê,
e esse filho dirá o mesmo
que nós, seus pais, dissemos…'"
Et cetera.

— NOBLE CLAGGETT (1947-1966)

Alguns alunos pediam permissão para escrever sobre outras criaturas das ilhas Galápagos, e Mary, como boa professora que era, sempre respondia "Sim". As alternativas favoritas acabavam falando daquelas grandes aves provocadoras e de peitos vermelhos, as fragatas, que sempre importunavam os patolas-de-pés-azuis. Esses James Wait do mundo das aves sobreviviam dos peixes apanhados pelos patolas e pegavam material para fazer seus ninhos daqueles construídos pelos patolas. Alguns alunos achavam isso muito engraçado, e eram quase sempre do gênero masculino.

Uma característica física singular das fragatas-grandes machos também estava fadada a atrair a atenção dos imaturos humanos do gênero masculino, preocupados com o desempenho erétil dos próprios órgãos sexuais. Cada fragata-grande macho tentava atrair a atenção da fêmea inflando um brilhante balão vermelho na base do pescoço. Na época do acasalamento, vista de cima, uma típica colônia dessas aves assemelhava-se a uma festa infantil gigantesca, com cada criança humana segurando um balão vermelho. De fato, a ilha ficava repleta de fragatas-grandes machos, que atiravam a cabeça para trás, habilitados como maridos pelos pulmões quase explodindo, enquanto acima deles as fêmeas voavam em círculos.

Então, uma a uma, as fêmeas desciam do céu, já tendo escolhido para si este ou aquele balão vermelho.

Depois de Mary Hepburn ter exibido o documentário sobre as fragatas-grandes, com as persianas da sala erguidas e as luzes acesas, algum aluno, e de novo, quase invariavelmente do gênero masculino, sempre perguntaria, às vezes clinicamente, às vezes com humor e às vezes em tom de amargura, mas com um misto de ódio e medo das mulheres:

— As fêmeas sempre tentam escolher os mais bem-dotados?

E Mary replicava, palavra por palavra, a resposta na ponta da língua, tão consistente quanto qualquer citação conhecida pelo Mandarax:

— Para saber, teríamos de entrevistar as fragatas-grandes fêmeas e, até onde sei, ninguém fez isso ainda. Contudo, algumas pessoas que dedicaram a vida estudando essa espécie acham que as fêmeas, na verdade, escolhem os machos que marcam os melhores locais de ninho. Sabe, isso faria sentido em termos de sobrevivência. E isso nos leva de volta ao maior mistério da dança do acasalamento dos patolas-de-pés-azuis, porque aparentemente ela não tem qualquer relação com os elementos de sobrevivência dos patolas, com a habilidade de fazer ninhos ou com a pesca. Então ao que ela está ligada? Podemos ousar chamá-la de "religião"? Ou, se nos faltar essa coragem, podemos chamá-la ao menos de "arte"? Digam para mim o que acham disso, por favor.

A dança de acasalamento dos patolas-de-pés-azuis, que a sra. Onassis, de uma hora pra outra, queria conhecer pessoalmente, não mudou nadinha em um milhão de anos. Tampouco esses pássaros aprenderam a temer alguma coisa. Tampouco mostraram a menor predisposição para abandonar a aviação e se tornar submarinos.

Quanto ao significado da dança de acasalamento dos patolas-de-pés-azuis: esses pássaros não passam de enormes moléculas com patas de um azul intenso e não escolheram ser assim. É da natureza deles dançar exatamente daquela forma.

Os seres humanos costumavam ser moléculas que executavam muitos, muitos tipos de danças, ou que simplesmente não dançavam — podiam fazer o que bem entendessem. Minha mãe sabia dançar valsa, tango, rumba, *charleston*, *lindy hop*, *jitterbug*, *watusi* e o *twist*. Meu pai se recusava a dançar, afinal era um privilégio dele.

21

Quando a sra. Onassis declarou que queria viajar no "Cruzeiro Ambiental do Século", todo o mundo quis também, e Roy e Mary foram quase que inteiramente esquecidos, com sua patética cabinezinha abaixo da linha de flutuação. Até o fim de março, King conseguiu liberar a lista de passageiros encabeçada pela sra. Onassis, seguida por nomes quase tão famosos quanto: dr. Henry Kissinger, Mick Jagger, Paloma Picasso, William F. Buckley Jr. e, é claro, ⋆Andrew MacIntosh, Rudolf Nureyev e Walter Cronkite etc. etc. ⋆Zenji Hiroguchi, que viajaria com o nome de Zenji Kenzaburo, foi citado no *release* como um especialista em patologias animais mundialmente famoso, para ficar mais ou menos no patamar dos outros passageiros.

No entanto, por questão de delicadeza, omitiram da lista de passageiros dois nomes, para não suscitar perguntas embaraçosas sobre quem eram aquelas pessoas, pois na realidade não eram ninguém: Roy e Mary Hepburn, com sua cabinezinha patética abaixo da linha de flutuação.

Contudo, essa lista levemente adulterada tornou-se a oficial. Portanto, quando a Companhia Equatoriana de Aviação enviou, em maio, um telegrama a todos os passageiros notificando-os de que disponibilizaria um voo noturno especial para qualquer pessoa que estivesse em Nova York na noite anterior ao embarque no *Bahía de Darwin*, Mary Hepburn não foi avisada. Limusines poderiam buscá-los em qualquer ponto da cidade, conduzindo-os depois ao aeroporto. Cada assento do avião poderia ser convertido em cama, e substituíram os assentos turísticos da classe econômica por mesas de cabaré e pista de dança, onde a companhia do Balé Folclórico

Nacional do Equador iria apresentar danças típicas de várias tribos indígenas, incluindo a dança do fogo dos esquivos kanka-bono. Também serviriam pratos requintados, acompanhados de vinhos dignos dos melhores restaurantes da França. Tudo por conta da casa, mas Roy e Mary nunca souberam disso.

Sim, e também nunca receberam a carta enviada em junho a todos os passageiros, escrita pelo dr. José Sepúlveda de la Madrid, presidente do Equador, convidando-os para um café da manhã oficial no Hotel El Dorado, seguido por um cortejo no qual seriam conduzidos por carruagens puxadas a cavalos e decoradas com flores do hotel à praia, onde, então, embarcariam no navio.

Mary também não recebeu o telegrama que King enviou no início de novembro a todos os passageiros, reconhecendo que as nuvens sombrias que pairavam sobre o horizonte econômico eram de fato preocupantes, embora a economia do Equador permanecesse estável e ainda se acreditasse que o *Bahía de Darwin* zarparia como o planejado. No entanto, King omitiu, mesmo sabendo a verdade, que a lista de passageiros fora reduzida pela metade, devido a cancelamentos de quase todos os países nela representados, com exceção do Japão e dos Estados Unidos. Portanto, aqueles que ainda quisessem embarcar precisariam recorrer ao voo especial saindo da cidade de Nova York.

E naquele momento a secretária de King acabara de entrar no escritório dele avisando-lhe que tinha ouvido no rádio que o Departamento de Estado aconselhava cidadãos norte-americanos a não viajarem para o Equador.

Assim foi o fim do que King considerava sua obra-prima. Sem saber rigorosamente nada de engenharia naval, ele tornara um navio mais atrativo apenas persuadindo seus proprietários a não o chamarem de *Antonio José de Sucre*, como queriam, e sim de *Bahía de Darwin*. Transformara no cruzeiro ambiental do século o que seria uma viagem rotineira de ida e volta de duas

semanas até as ilhas. Como conseguira tal milagre? Nunca chamando a viagem de outra coisa que não "Cruzeiro Ambiental do Século".

Se o *Bahía de Darwin* não zarpasse para o "Cruzeiro Ambiental do Século" ao meio-dia, como King parecia ter certeza de que aconteceria, alguns efeitos colaterais de sua campanha perdurariam. Ele havia ensinado às pessoas um bocado de história natural com os *releases* sobre as maravilhas que a sra. Onassis, o dr. Kissinger, Mick Jagger e outros veriam. Além disso, criara duas novas celebridades: Robert Pépin, que King declarou ser "o melhor chef da França", depois de tê-lo contratado para comandar a cozinha da viagem inaugural, e Adolf von Kleist, o capitão do *Bahía de Darwin*, que, narigudo e com ar de quem escondia do mundo uma indizível tragédia pessoal, acabara se revelando um comediante de primeira linha nas aparições em programas de entrevistas na televisão.

King guardara uma transcrição da entrevista de Kleist no *The Tonight Show,* apresentado por Johnny Carson. Nesse programa, como em todos de que participou, o capitão estivera esplêndido no uniforme branco e dourado de almirante da Reserva Naval Equatoriana. Eis a transcrição:

CARSON: "Von Kleist" não me parece um nome muito sul-americano.

CAPITÃO: É inca. Na verdade, é um dos nomes incas mais comuns, como o "Smith" ou o "Jones" de vocês. Já leu os relatos dos exploradores espanhóis que destruíram o Império Inca porque ele não era cristão?…

CARSON: Sim?…

CAPITÃO: Presumo que os tenha lido.

CARSON: Estão no meu criado-mudo, ao lado de *Êxtase e eu*,[1] a autobiografia de Hedy Lamarr.

CAPITÃO: Então você sabe que um em cada três nativos queimados por heresia se chamava Von Kleist.

CARSON: Qual o tamanho da Marinha equatoriana?

CAPITÃO: Quatro submarinos. Todos sempre submersos. Nunca sobem.

CARSON: Nunca sobem?

CAPITÃO: Ficam lá anos e anos.

CARSON: Mas fazem contato por rádio?

CAPITÃO: Não. Mantêm o rádio em total silêncio. É coisa deles. Ficaríamos felizes em receber notícias, mas preferem o silêncio.

CARSON: Mas por que ficam tanto tempo submersos?

CAPITÃO: Pergunte a eles. O Equador é uma democracia, como bem sabe. Mesmo nós, da Marinha, temos bastante liberdade no que podemos ou não fazer.

CARSON: Algumas pessoas acham que Hitler ainda está vivo… e vivendo na América do Sul. Acha isso possível?

CAPITÃO: Sei que há pessoas no Equador que adorariam servi-lo num jantar.

CARSON: Simpatizantes do nazismo?

CAPITÃO: Não sei. Imagino que seja possível.

CARSON: Se adorariam servir Hitler em um jantar…

CAPITÃO: Então eles devem ser canibais. Eu estava pensando nos kanka-bono, que adoram servir qualquer pessoa no jantar. Eles são… Vejamos, qual é a palavra em inglês? Está na ponta da língua.

CARSON: Vou passar essa.

CAPITÃO: Eles são… Eles são… Os kanka-bono são…

CARSON: Leve o tempo que precisar.

CAPITÃO: Ah, sim! São "apolíticos". Essa é a palavra. Os kanka-bono são apolíticos.

CARSON: Mas são cidadãos do Equador?

CAPITÃO: Sim. É claro. Eu lhe disse que vivemos numa democracia. Um canibal, um voto.

CARSON: Várias mulheres me pediram que lhe fizesse uma pergunta, e talvez seja muito pessoal…

CAPITÃO: Por que um homem tão bonito e charmoso como eu nunca provou das delícias de um casamento?

CARSON: Não sei se você sabe, mas as pessoas também me perguntam a mesma coisa.

CAPITÃO: Não seria justo com a mulher.

CARSON: Agora as coisas estão ficando pessoais demais. Vamos falar dos patolas-de-pés-azuis. Talvez seja o momento de mostrar o filme que você trouxe.

CAPITÃO: Não, não. Quero muito discutir meu fracasso em jurar fidelidade a alguém. Não seria justo eu me casar com uma mulher sendo que a qualquer momento podem me dar o comando de um submarino.

CARSON: E então você teria de submergir e nunca mais voltar à tona.

CAPITÃO: É a tradição.

King respirou fundo. A lista de passageiros estava em sua escrivaninha, com cerca de metade dos nomes riscados — mexicanos, argentinos, italianos, filipinos etc., imprudentes por terem mantido as fortunas na moeda de seus países. Os outros nomes, exceto pelos seis passageiros já instalados em Guayaquil, eram de pessoas que, estando nas imediações de Nova York, seriam facilmente contatadas por telefone.

— Acho que precisaremos dar alguns telefonemas — disse King à secretária.

Ela se ofereceu para fazer as ligações, mas ele respondeu "Não". Não poderia delegar tal tarefa a outra pessoa. Ele fora o responsável por convencer todas aquelas celebridades a participarem do cruzeiro, cortejara os jornalistas mais influentes como um amante apaixonado. E agora teria que lhes dar as más notícias pessoalmente, como um amante responsável. Pelo menos não teria muita dificuldade de encontrar a maior parte dessas pessoas. Eram 42, incluindo cônjuges e acompanhantes de menor relevância, que haviam organizado alguns jantares festivos, fato devidamente relatado pelas colunas de fofocas, a fim de passar o tempo de modo agradável até que as limusines as

buscassem para levá-las sãs e salvas, e confortavelmente, até o Aeroporto Internacional Kennedy, onde pegariam o voo especial das 22 horas da Companhia de Aviação Equatoriana, com destino a Guayaquil.

E pelo menos ele não teria que falar sobre devolução de dinheiro. A viagem não lhes custaria um centavo, e todos já tinham recebido como cortesia produtos de higiene e malas de viagem que combinavam, além de chapéus Panamá.

Para seu próprio e triste divertimento, e também de sua secretária, King resolveu brincar com a iguana-marinha empalhada. Segurando-a como se fosse um telefone, disse:

— Sra. Onassis? Receio ter notícias desanimadoras: a senhora não verá a dança de acasalamento dos patolas-de-pés-azuis.

Os telefonemas apologéticos de King constituíam uma corajosa formalidade. Ninguém mais esperava embarcar naquele voo às 22 horas. Naquela noite, aliás às 22 horas, *Andrew MacIntosh, *Zenji Hiroguchi e o irmão do capitão, *Siegfried, estariam todos mortos, e teriam completado suas breves jornadas através do túnel azul que leva ao Pós-vida. Todas as pessoas da lista de passageiros com quem King falara já haviam feito novos planos para as próximas duas semanas, e muitas iriam esquiar dentro das fronteiras seguras dos Estados Unidos. Num jantar para seis pessoas, já tinham decidido ir a uma combinação de quadra de tênis com spa em Phoenix, Arizona.

O último telefonema de King antes de deixar o escritório foi a um homem de quem se tornara um amigo muito próximo nos últimos dez meses, o dr. Teodoro Donoso, poeta e médico de Quito, e também embaixador do Equador nas Nações Unidas. O doutor concluíra o curso de medicina em Harvard, e vários outros equatorianos com quem King negociou tinham estudado nos Estados Unidos. O capitão do *Bahía de Darwin*, Adolf von Kleist, era formado pela Academia Naval dos Estados

Unidos, em Annapolis. O irmão do capitão, *Siegfried, pela Escola de Hotelaria Cornell, em Ithaca, Nova York.

Havia muito barulho vindo do que parecia ser uma festa desvairada na embaixada, e o dr. Donoso o minimizou fechando a porta.

— O que estão celebrando aí? — King perguntou.

— É o Balé Folclórico — respondeu o embaixador. — Estão ensaiando a dança do fogo dos kanka-bono.

— Ainda não sabem que a viagem foi cancelada? — perguntou King.

— Na verdade, sabem, mas pretendem ficar nos Estados Unidos e ganhar algum dinheiro para enviar às famílias apresentando em boates e teatros a dança que Bobby King tornou tão famosa com toda aquela publicidade, a dança do fogo dos kanka-bono.

— Mas existem kanka-bono de verdade na companhia de dança? — disse King.

— Acho que não existem kanka-bono de verdade em lugar nenhum — respondeu o embaixador. Ele tinha, de fato, escrito um poema de 26 versos chamado "O último kanka-bono", abordando a extinção de uma pequena tribo da floresta tropical equatoriana. No início do poema havia onze kanka-bono. No fim, apenas um, e ele não estava se sentindo muito bem. No entanto, o texto era um exercício ficcional, pois o poeta, como a maioria dos equatorianos, nunca vira um kanka-bono. Ouvira falar que a tribo fora reduzida a apenas catorze membros, de maneira que parecia inevitável a extinção definitiva pela interferência da civilização.

Mal sabia o doutor que em menos de um século o sangue de cada ser humano da Terra seria predominantemente kanka-bono, misturado com um pouco de Von Kleist e Hiroguchi.

E essa assombrosa reviravolta seria causada, em grande parte, por um dos dois completos zés-ninguém da lista original de passageiros do "Cruzeiro Ambiental do Século": Mary Hepburn. O outro zé-ninguém era Roy, marido dela, que teve um papel crucial na configuração do destino humano

quando reservou, mesmo diante da própria extinção, aquela cabinezinha patética abaixo da linha de flutuação.

---

1. *Ecstasy and me*. (Tradução livre) [N. de T.]

22

Os 26 versos de lamentos pelo "Último kanka-bono" criados pelo embaixador Donoso foram, no mínimo, prematuros. Em vez disso, ele deveria ter chorado ao redigir "O último continente sul-americano", "O último continente norte-americano", "O último continente europeu", "O último continente africano" e "O último continente asiático".

De qualquer forma, ele deduziu corretamente o que aconteceria com o moral do povo equatoriano nas próximas horas quando disse a Bobby King, pelo telefone:

— Todo mundo em Guayaquil vai desmoronar quando souber que a sra. Onassis não vai mais viajar.

— Como as coisas mudam em apenas trinta dias… — retrucou King. — Era para o "Cruzeiro Ambiental do Século" ser apenas a primeira de muitas coisas boas para os equatorianos. E de repente, é a única.

— É como se tivéssemos preparado uma grande bacia de cristal cheia de ponche de champanhe — disse Donoso —, e então, da noite para o dia, ela se transformasse num balde enferrujado cheio de nitroglicerina.

Ele acrescentou que pelo menos o "Cruzeiro Ambiental do Século" fizera o Equador deixar de lado os problemas econômicos insolúveis por uma ou duas semanas. Os governos da Colômbia, ao norte, e do Peru, ao sul e ao leste, já depostos, eram agora ditaduras militares. Aliás, os novos líderes do Peru, visando desviar a atenção dos cérebros gigantes do povo de todos os seus problemas, estavam prestes a declarar guerra ao Equador.

— Se a sra. Onassis estivesse aqui — disse Donoso —, o povo a receberia como uma salvadora, uma santa milagreira. Eles estavam achando que ela convocaria navios abarrotados de comida para Guayaquil, que faria bombardeiros americanos lançarem, de paraquedas, cereal, leite e frutas frescas para as crianças!

Preciso dizer que hoje ninguém espera ser resgatado de coisa alguma após completar nove meses de idade. Esse é o tempo que dura a infância humana hoje em dia.

Eu mesmo fui resgatado da loucura e da indiferença aos dez anos de idade, quando mamãe abandonou papai e eu. E depois tive que me virar. Mary Hepburn não se tornou independente dos pais até receber seu diploma de mestrado, aos 22 anos. Os pais de Adolf von Kleist, o capitão do *Bahía de Darwin*, viviam livrando o filho de apuros por causa de dívidas de jogo, pagando a fiança dele por dirigir bêbado, por agressão, vandalismo, resistência à prisão etc. até o rapaz completar 26 anos, que foi quando o pai, arruinado pela doença de Huntington, matou a mãe. Só então ele passou a assumir a responsabilidade por seus erros.

Em geral, a infância de antigamente se prolongava tanto que, não à toa, um monte de gente acreditava a vida inteira, mesmo depois que os pais morriam, que alguém estava sempre cuidando delas — Deus, um santo, um anjo da guarda, as estrelas, ou qualquer coisa do tipo.

Hoje as pessoas não têm esse tipo de ilusão. Descobrem muito cedo a natureza do mundo onde vivem, e de fato é bastante raro que um adulto não tenha visto um irmão ou um parente descuidado ser devorado vivo por um tubarão ou uma baleia orca.

Há um milhão de anos ocorriam discussões acaloradas sobre se era certo ou errado as pessoas recorrerem a meios mecânicos para impedir que o

esperma fecundasse o óvulo, ou para remover o óvulo fecundado do útero, e assim evitar que o número de pessoas excedesse a quantidade de comida disponível.

Hoje esse problema está totalmente resolvido, sem que ninguém precise recorrer a algo artificial. Baleias orcas e tubarões mantêm a população humana satisfeita e controlável, e ninguém morre de fome.

Mary Hepburn não ensinava apenas biologia geral na Escola Secundária de Ilium, mas também ministrava um curso sobre sexualidade humana. Isso lhe exigia a descrição de vários métodos contraceptivos que ela mesma nunca usara, pois o marido fora o único parceiro sexual que tivera na vida, e ela e Roy sempre quiseram filhos.

Mary, que nunca engravidara apesar de anos de profunda intimidade sexual com Roy, tinha de advertir suas alunas de que era muito fácil uma mulher humana engravidar no mais breve, insensato e aparentemente inconsequente contato com um homem. E, passados alguns anos de ensino, a maior parte das suas histórias de alerta envolvia alunas que ela havia conhecido pessoalmente, bem ali na Escola Secundária de Ilium.

Depois de quase um semestre inteiro no colégio sem ao menos um caso de gravidez indesejada, durante um memorável semestre, na primavera de 1981, ocorreram seis. E era bem verdade que cerca de metade das crianças que estavam dando à luz outras crianças achou que amava mesmo aqueles com quem tinham acasalado. Mas a outra metade jurou de pé junto, apesar de evidências contrárias, que podiam ser descritas apenas como "extraordinárias", que, se bem lembravam, nunca, nunca mesmo tinham se envolvido com qualquer atividade que resultasse no nascimento de um bebê.

E Mary disse a uma colega no fim desse memorável semestre da primavera de 1981:

— Para algumas pessoas, engravidar é tão fácil quanto pegar um resfriado.

E sem dúvida havia uma analogia aí: resfriados e bebês eram, ambos, causados por germes que amavam uma membrana mucosa mais do que tudo na vida.

Depois de dez anos na ilha de Santa Rosália, Mary Hepburn descobriria com exatidão, diretamente da fonte, a facilidade com que uma adolescente virgem engravidava a partir do esperma de um macho que não buscava nada além de satisfação de seu desejo sexual, que nem sequer gostava dela.

23

E foi então que eu, sem imaginar que o capitão Von Kleist se tornaria o progenitor de toda a humanidade, entrei na mente dele enquanto o homem pegava um táxi no Aeroporto Internacional de Guayaquil até o *Bahía de Darwin*. Eu não sabia que a humanidade, por sorte, estava prestes a ser reduzida a um mínimo de pessoas, e que então, novamente por sorte, ela teria a chance de se expandir de novo. Achava que o caos envolvendo bilhões de pessoas de cérebros gigantes que se debatiam freneticamente, em todos os sentidos, reproduzindo e reproduzindo, continuaria pela eternidade. Não parecia provável que um único indivíduo pudesse ser relevante naquela repentina balbúrdia.

Escolher usar a mente do capitão como meio de transporte equivalia a colocar uma moeda num caça-níqueis de um imenso cassino e acertar um *jackpot* logo de primeira.

Mais do que qualquer coisa, o traje dele me atraiu: o uniforme branco e dourado de almirante da reserva. Em razão de ter sido soldado, eu me senti curioso para saber como uma pessoa de altíssima patente militar e posição social via o mundo.

E fiquei surpreso ao perceber que o cérebro gigante do capitão pensava em meteoritos. Naquela época, era quase sempre assim: eu entrava na mente de uma pessoa que estivesse passando por uma situação que me parecia particularmente interessante e descobria que o cérebro gigante dela pensava em coisas que não tinham nada a ver com o problema em questão.

Eis por que o cérebro do capitão pensava em meteoritos: ele havia prestado pouquíssima atenção à maioria das aulas da Academia Naval dos Estados Unidos, formando-se como o pior aluno da sala. Na verdade, teria sido expulso por colar em um exame de navegação astronômica se os pais não tivessem intercedido por vias diplomáticas. Contudo, impressionara-se bastante com uma aula sobre meteoritos. O professor tinha explicado que chuvas de grandes rochas vindas do espaço foram muito comuns ao longo dos tempos, e que provavelmente o terrível impacto delas na Terra havia causado a extinção de muitas formas de vida, incluindo os dinossauros. Dissera ainda que os seres humanos tinham toda razão em acreditar que mais destruidores de planetas surgiriam a qualquer momento, e que deveriam inventar aparelhos que distinguissem mísseis inimigos de meteoritos.

Caso contrário, a ira totalmente absurda do espaço sideral talvez desencadeasse a Terceira Guerra Mundial.

E esse alerta apocalíptico se ajustou tão bem às conexões cerebrais do capitão que, antes mesmo de saber que o pai seria arruinado pela doença de Huntington, ele já acreditava piamente que o jeito mais provável de exterminar a humanidade era este: meteoritos.

Para o capitão, a humanidade morrer por meteoritos representava uma maneira muito mais digna, poética e até mesmo bonita quando comparada à Terceira Guerra Mundial.

Quando conheci melhor o cérebro gigante do capitão, achei que fazia sentido ele pensar em meteoritos enquanto observava a cidade e a multidão de famintos sob lei marcial. Mesmo sem o glamour de uma chuva de meteoros, o mundo parecia estar acabando para o povo de Guayaquil.

De certa forma, aquele homem também já fora atingido por um meteorito quando o pai matara sua mãe. E a sensação de que a vida era um

eterno pesadelo, sem ninguém observando ou se importando com o que estivesse acontecendo, na verdade também me era bastante familiar.

Foi assim que me senti quando atirei em uma vovó no Vietnã. Ela era tão banguela e curvada quanto Mary Hepburn no fim da vida. Atirei porque ela tinha acabado de matar, com uma única granada, meu melhor amigo e meu pior inimigo do pelotão.

Esse episódio me fez lamentar estar vivo, fez com que eu invejasse as pedras. Teria preferido ser uma pedra a serviço da Ordem Natural.

O capitão foi direto do aeroporto ao navio, sem parar no hotel para ver o irmão. Havia bebido muita champanhe durante o longo voo de Nova York a Guayaquil e estava com uma dor de cabeça lancinante.

No entanto, quando ele subiu a bordo do *Bahía de Darwin*, ficou evidente para mim que não apenas as funções de capitão do sujeito, mas também as de almirante da reserva, eram meramente decorativas. Outros comandariam o navio, cuidariam das questões de engenharia, manteriam a disciplina da tripulação etc., enquanto ele socializaria com os ilustres passageiros. O capitão pouco entendia sobre o funcionamento de um navio, e tampouco achava que precisava entender muita coisa. Além disso, era também duvidosa sua familiaridade com as ilhas Galápagos. Como almirante, fizera algumas visitas cerimoniais à base naval instalada na ilha de Baltra e à Estação Científica Charles Darwin, em Santa Cruz, nas quais, de novo, mais pareceu um passageiro a bordo do navio que nominalmente comandava. O resto das ilhas, porém, eram terra incógnita para ele. Digamos que teria sido um guia muito mais eficaz nas pistas de esqui da Suíça, nos carpetes dos cassinos de Monte Carlo ou nos estábulos dos clubes de polo de Palm Beach.

Mas, afinal, quem se importava? No "Cruzeiro Ambiental do Século" haveria guias e docentes treinados na Estação Científica Charles Darwin, todos graduados em ciências naturais. O capitão pretendia escutá-los com atenção e aprender sobre as ilhas junto com os demais passageiros.

Passeando pelo crânio do capitão, tive esperanças de descobrir como era ser um comandante supremo. Em vez disso, descobri como era ser popular. Enquanto subíamos pela passarela de embarque, éramos recepcionados com todos os tipos de saudações militares. Contudo, uma vez a bordo, nenhum oficial ou tripulante nos fez qualquer tipo de recomendação, preocupados com os preparativos finais para chegada da sra. Onassis e dos outros passageiros.

Até onde o capitão sabia, o navio zarparia no dia seguinte. Nada haviam lhe comunicado de diferente. Como estava no Equador havia apenas uma hora e sua barriga ainda estava lotada de comidas saborosas de Nova York e uma dor de cabeça pela champanhe, teria até o amanhecer para descobrir a baita enrascada em que ele e seu navio tinham se metido.

Há outro defeito humano que a Lei da Seleção Natural ainda precisa remediar: quando as pessoas de hoje estão de barriga cheia, agem exatamente como seus ancestrais de um milhão de anos atrás, ou seja, ficam lentas demais para perceber quando estão numa baita enrascada. É nesse momento que se esquecem de ficar de olho nos tubarões e nas baleias orcas.

Esse foi um defeito particularmente trágico, um milhão de anos atrás, já que pessoas mais bem informadas sobre a situação do planeta, como ★Andrew MacIntosh, e ricas e poderosas o bastante para retardar todo o desperdício e a destruição que os consumiam, eram, por definição, bem alimentadas.

Então, segundo elas, tudo estava indo maravilhosamente bem.

Apesar de terem à sua disposição um monte de computadores, instrumentos de medição, coletores de dados, avaliadores, bancos de memórias, bibliotecas e especialistas nisso ou naquilo, o julgamento final ficava a cargo de suas barrigas cegas, surdas e cheias, que decidiam qual seria a urgência desse ou daquele problema, como, vejamos, a destruição das florestas da América do Norte e da Europa pela chuva ácida.

E eis o tipo de conselho que uma barriga cheia dava, e ainda dá, e que a barriga cheia do capitão lhe deu quando o imediato do *Bahía de Darwin*, Hernando Cruz, comunicou-lhe que nenhum dos guias havia aparecido, ou sequer sido localizado, e que um terço da tripulação havia desertado até então, argumentando que precisava cuidar da família: "Seja paciente. Sorria. Tenha confiança. Vai dar tudo certo no final".

24

Mary Hepburn tinha visto e apreciado a performance cômica do capitão no *The Tonight Show* e também no *Good Morning America*. Por conseguinte, sentia que já o conhecia minimamente antes mesmo de seu cérebro gigante fazê-la ir até Guayaquil.

Ele tinha participado do *The Tonight Show* duas semanas depois da morte de Roy, e foi a primeira pessoa que a fez gargalhar desde esse triste acontecimento. Lá estava ela na sala de estar de sua casinha, com todas as casas ao redor vazias e à venda, de repente gargalhando ao ouvir a história da ridícula frota equatoriana, cuja tradição era submergir e nunca mais vir à tona.

Ela imaginou que Von Kleist seria muito parecido com Roy, apaixonado por máquinas e pela natureza. Do contrário, por que o escolheriam como capitão do *Bahía de Darwin*?

E então, para seu próprio e grande constrangimento, o cérebro gigante de Mary a fez dizer em voz alta para a imagem do capitão no tubo de raios catódicos, embora ninguém pudesse ouvi-la:

— Será que você, por acaso, não gostaria de se casar comigo?

Na verdade, Mary entendia pelo menos um pouco mais de máquinas do que o capitão, e isso só de viver com Roy. Por exemplo, depois que o marido morreu, o cortador de grama parou de funcionar, e ela foi capaz de, trocando a vela de ignição, consertá-lo, algo que o capitão jamais teria conseguido.

E ela sabia muitíssimo mais sobre as ilhas do que ele. Foi Mary que identificou corretamente a ilha onde ficariam abandonados. O capitão, tentando preservar fiapos de amor-próprio e autoridade após seu cérebro gigante tê-los metido naquela confusão, declarou tratar-se da ilha de Rábida, e não era; na verdade, ele jamais vira tal ilha.

O que fez Mary reconhecer Santa Rosália foram os tipos dominantes de tentilhões ali presentes. Os pequenos pássaros castanho-claros, tão desinteressantes para a maioria dos turistas e dos alunos de Mary, entusiasmaram tanto o jovem Charles Darwin quanto as grandes tartarugas terrestres, os patolas-de-pés-azuis, as iguanas-marinhas ou qualquer outra criatura da ilha. Eram assim: embora muito semelhantes, os tentilhões dividiam-se em treze espécies, cada uma com a própria dieta alimentar e métodos peculiares de arranjar comida.

Nenhuma das espécies possuía parentes próximos, no continente sul-americano ou em qualquer outro. Talvez os ancestrais de tais pássaros também tenham chegado à ilha pela Arca de Noé ou numa jangada natural, já que era totalmente contrário à natureza dos tentilhões voar mil quilômetros sobre o mar aberto.

Ainda que na ilha não houvesse pica-paus, uma espécie de tentilhão comia o que os pica-paus comiam. Incapaz de bicar a madeira, o pássaro pegava um ramo ou espinho de cacto com o biquinho sem corte e usava-o para desenterrar insetos de seus esconderijos.

Outro tipo de tentilhão, sanguessuga, sobrevivia bicando os longos pescoços dos patolas desatentos até extrair gotículas de sangue. Depois sorvia essa excelente dieta até ficar satisfeito. Os seres humanos chamavam esse pássaro de *Geospiza difficillis*.

Esses pássaros esquisitos escolhiam fazer os ninhos na ilha de Santa Rosália, o Jardim do Éden deles. Mary provavelmente jamais teria ouvido falar dessa ilha, tão distante do resto do arquipélago e tão raramente visitada por qualquer criatura, se não fossem as revoadas de *Geospiza difficillis*. E, sem

dúvida, não teria dado tantas aulas sobre os sanguessugas se não fossem os únicos tentilhões capazes de despertar algum interesse nos alunos.

Excelente professora que era, Mary ia na onda dos alunos e descrevia os pássaros como "animais de estimação perfeitos para o conde Drácula". Sabia que o personagem ficcional era muito mais importante para a maioria dos alunos do que George Washington, por exemplo, simplesmente o fundador da nação onde viviam.

Como os jovens conheciam muito bem Drácula, Mary explorava ainda mais a brincadeira admitindo que, afinal de contas, talvez o conde não gostasse de ter o *Geospiza difficillis* como animal de estimação, já que ele, a quem ela chamava de *Homo transylvaniensis*, dormia enquanto estava claro, enquanto o *Geospiza difficillis* dormia a noite inteira.

— Então, quem sabe — ela continuava, com fingida tristeza —, o melhor animal de estimação para o conde Drácula ainda seja um membro da família *Desmodontidae*, um jeito científico de chamar o "morcego-vampiro."

Por fim, Mary concluía a brincadeira dizendo:

— Se um dia você for a Santa Rosália e matar um espécime de *Geospiza difficillis*, o que deve fazer para ter certeza de que ele, de fato, morreu?

No que ela mesma respondia:

— Deve enterrá-lo numa encruzilhada, é claro, com uma pequena estaca cravada no coração.

Contudo, o fato mais fascinante para o jovem Charles Darwin sobre o comportamento de todas as espécies de tentilhões das Galápagos era que eles tentavam se aproximar o máximo possível de uma ampla variedade de pássaros continentais muito mais qualificados do que eles. Darwin ainda queria acreditar, caso fizesse algum sentido, enquanto ia encontrando todas aquelas criaturas na viagem que fazia ao redor do mundo, que o Deus Todo-

Poderoso havia criado todas elas. Mas o cérebro gigante do jovem ainda se perguntava: por que, no caso das ilhas Galápagos, o Criador teria dado todo o trabalho comum de um pequeno pássaro continental ao tentilhão, que lutava tanto para se adaptar? Se o Criador achara que nas ilhas deveria haver pássaros como o pica-pau, o que O impedira de criar um pica-pau de verdade? Se Ele considerara uma boa ideia criar um vampiro, por que diabos não dera aquele trabalho todo a um morcego vampiro de verdade, em vez de a um tentilhão? Por que não criara um tentilhão-vampiro?

E Mary costumava propor esse mesmo problema intelectual a seus alunos, concluindo-o com a seguinte frase:

— Digam para mim o que acham disso, por favor.

Quando desembarcou pela primeira vez no cume negro onde o *Bahía de Darwin* encalhara, Mary tropeçou. Não chegou a cair, mas acabou esfolando as juntas dos dedos da mão direita. Não foi um acontecimento doloroso. Depois de um exame bastante superficial dos ferimentos, constatou apenas alguns arranhões, dos quais brotavam gotas de sangue.

Mas um tentilhão, completamente destemido, pousou no dedo da professora. Sem qualquer reação de surpresa, pois já ouvira muitos relatos de tentilhões aterrissando nas cabeças e nas mãos das pessoas, bebendo do copo delas ou coisas do tipo, ela resolveu aceitar a saudação de boas-vindas da ilha mantendo a mão imóvel e perguntando afetuosamente ao pássaro:

— E de qual das treze espécies de tentilhões é você?

Como se tivesse entendido a pergunta, o pássaro mostrou que espécie de tentilhão era sorvendo as gotas vermelhas das juntas do dedo dela.

Mary deu mais uma olhada na paisagem, sem saber que passaria o resto da vida naquela ilha, providenciando milhares de refeições aos tentilhões vampiros. Então disse ao capitão, por quem perdera todo o respeito:

— Você disse que esta é a ilha Rábida, não é?

— Sim — ele respondeu. — Tenho certeza absoluta.

— Bem, odeio ter que lhe dizer isso, ainda mais depois de tudo o que você passou, mas você está errado de novo — afirmou Mary. — Esta ilha só pode ser Santa Rosália.

— Como tem tanta certeza? — ele perguntou.

E ela respondeu:

— Este passarinho acabou de me contar.

25

Na ilha de Manhattan, Bobby King apagou a luz do escritório no topo do Chrysler Building, despediu-se da secretária e foi para casa. Ele não vai mais aparecer nesta história. Nada mais do que ele fez a partir deste momento, até muitos e muitos anos depois, quando entrou no túnel azul que leva ao Pós-vida, teve a menor importância para o futuro da raça humana.

No mesmo momento em que Bobby King chegava em casa, ★Zenji Hiroguchi, em Guayaquil, saía do quarto no Hotel El Dorado furioso com a esposa grávida, que lhe dissera palavras imperdoáveis sobre a motivação dele em criar Gokubi e depois Mandarax. ★Zenji Hiroguchi, depois de apertar o botão chamando o elevador, estalou os dedos, ofegante.

E então surgiu no corredor a última pessoa que ele queria ver no mundo, a causa de todos os seus problemas: ★Andrew MacIntosh.

— Ah, aí está você — disse ★MacIntosh. — Estava procurando você para avisar que há algum problema com os telefones. Assim que forem consertados, terei boas notícias.

★Zenji, cujos genes vivem até hoje, enfurecido com a esposa e também com ★MacIntosh, nem sequer conseguiu falar. Preferiu usar as teclas do Mandarax para escrever uma mensagem em japonês, que o aparelho traduziu para o inglês, exibindo-a na pequena tela: *Não quero falar com você. Estou muito chateado. Por favor, me deixe sozinho.*

Como Bobby King, ★MacIntosh não teria mais nenhuma influência no futuro da raça humana. Se a filha dele tivesse concordado, dez anos depois, em ser inseminada artificialmente em Santa Rosália, talvez a história mudasse.

Acredito que seja válido dizer até que ele teria gostado muito de participar dos experimentos de Mary Hepburn com o esperma do capitão. Se Selena tivesse ousado ser mais aventureira, todos hoje em dia descenderiam, como ele, de corajosos guerreiros escoceses que expulsaram as legiões romanas invasoras tanto tempo atrás. Que oportunidade perdida! Como diria Mandarax:

De todas as palavras tristes da língua ou da caneta,
As mais tristes são estas: "Como teria sido?"[1]
— JOHN GREENLEAF WHITTIER (1807-1892)

— No que posso ajudá-lo? — indagou ★MacIntosh. — Farei qualquer coisa. É só falar.

★Zenji descobriu que não conseguia nem balançar a cabeça, limitando-se a fechar os olhos estoicamente. E então o elevador chegou, e ★Zenji achou que sua cabeça explodiria quando ★MacIntosh também entrou com ele.

— Olha… — começou ★MacIntosh, enquanto desciam — sou seu amigo. Pode me contar qualquer coisa. Se o problema for comigo, pode até me mandar pra casa do caralho que não vou achar ruim. Eu também erro. Sou humano.

Tão logo chegaram ao saguão do hotel, o cérebro gigante de ★Zenji lhe deu um conselho inviável, quase infantil: ele devia dar um jeito de fugir de ★MacIntosh, afinal conseguiria vencer o atlético norte-americano numa maratona.

Então ★Zenji disparou pela porta da frente do hotel e passou voando pelo cordão de segurança da *calle* Diez de Agosto, com ★MacIntosh bem atrás de si.

Os dois atravessaram o saguão tão rápido, mergulhando no pôr do sol, que o azarado irmão Von Kleist, ★Siegfried, atrás do balcão do bar, sem tempo de alertá-los, gritou, tarde demais:

— Por favor! Por favor! Eu não sairia lá fora se fosse vocês!

E correu atrás dos dois.

Muitos acontecimentos que ainda repercutiriam um milhão de anos depois estavam ocorrendo num pequeno lugar do planeta, em um curto espaço de tempo. Enquanto o irmão Von Kleist azarado corria atrás de *MacIntosh e *Hiroguchi, o sortudo tomava banho em sua cabine logo atrás da ponte de comando do *Bahía de Darwin*. Não estava fazendo nada de relevante para o futuro da humanidade, apenas sobrevivendo, apenas ficando vivo, mas seu imediato, Hernando Cruz, estava prestes a tomar uma atitude radicalmente decisiva.

Cruz estava no convés olhando, coincidentemente, para o único outro navio à vista, o cargueiro colombiano *San Mateo*, ancorado no estuário havia muito tempo. Cruz era robusto, calvo, com idade próxima à do capitão, e já fizera cinquenta cruzeiros até as ilhas. Havia participado da tripulação reduzida que viera de Malmö com o *Bahía de Darwin*. Supervisionara o equipamento do navio em Guayaquil enquanto o capitão nominal estava em turnê publicitária pelos Estados Unidos. O cérebro gigante desse homem, portanto, tinha armazenado um conhecimento completo de todas as partes do navio, desde o motor a diesel potente lá embaixo até a máquina de gelo atrás do bar, no salão principal. Além disso, conhecia os pontos fortes e os fracos de cada um dos tripulantes, e conquistara o respeito de todos.

Era o verdadeiro capitão, aquele que realmente comandava o navio enquanto Adolf von Kleist, que neste momento cantava e brincava no chuveiro, encantava os passageiros na hora das refeições e dançava com cada uma das damas à noite.

Cruz não ligou para aquilo que estava vendo, que era o *San Mateo* e a grande jangada de matéria vegetal recolhida próxima ao cabo de ancoragem. Aquele velho navio enferrujado tornara-se uma instalação tão permanente ali que podia até ser confundido com uma rocha inerte. Mas naquele momento

ele via um pequeno petroleiro parado ao lado do *San Mateo*, amamentando-o como uma baleia amamentaria um filhote. Excretava óleo diesel através de um tubo flexível, o leite materno do motor do *San Mateo*.

Acontece que os proprietários do *San Mateo* tinham recebido uma grande quantia de dólares americanos em troca de cocaína colombiana, os quais eram contrabandeados para o Equador e então trocados não apenas por diesel, mas pela mais preciosa mercadoria de todas, que era comida, o combustível dos seres humanos. Então algumas transações internacionais ainda estavam ocorrendo.

Cruz não tinha como adivinhar os detalhes da corrupção que viabilizara prover e abastecer o *San Mateo*, mas sem dúvida entendia o que significava a corrupção, ou seja: qualquer um com patrimônio líquido, merecendo ou não, teria acesso ao que quisesse. O capitão, no chuveiro, era uma pessoa desse tipo, e Cruz, não. As economias que Cruz acumulara cuidadosamente durante sua vida inteira, em sucres, agora valiam tanto quanto lixo.

Ele invejava a euforia da tripulação do *San Mateo,* pois estavam voltando para casa, coisa que ele próprio também pensava seriamente em fazer. Tinha uma esposa grávida e onze filhos esperando por ele numa linda casa nas imediações do aeroporto, e todos estavam apavorados. Sem dúvida, precisavam dele; mesmo assim, até aquele momento, abandonar um navio no qual era funcionário, não importava a razão, lhe parecera uma forma de suicídio, uma obliteração de tudo que era admirável em seu caráter e em sua reputação.

Porém, naquele instante, decidiu abandonar o *Bahía de Darwin*. Afagando o gradil em torno do convés, disse suavemente, em espanhol:

— Boa sorte, minha princesa sueca. Sonharei com você.

Era um caso muito parecido com o de Jesús Ortiz, que desconectara os fios telefônicos do El Dorado. O cérebro gigante ocultara da alma dele, até o último momento possível, a conclusão de que era hora de agir de maneira antissocial.

O que deixava Adolf von Kleist no comando integral do navio, embora nada soubesse sobre navegação, sobre as ilhas Galápagos ou sobre a operação e manutenção de um navio daquele porte.

A combinação da incompetência do capitão com a decisão de Hernando Cruz de socorrer a própria carne e sangue, embora, na época, parecesse coisa de comédia pastelão, acabou sendo de valor incalculável para a humanidade de hoje. Chega de comédia. Chega de coisas supostamente sérias.

Se o "Cruzeiro Ambiental do Século" tivesse partido como o planejado, a divisão de tarefas entre o capitão e o imediato se assemelharia à gestão de tantas empresas há um milhão de anos, isto é: o líder nominal seria especialista em bobagens sociais e o suposto segundo-comandante estaria sobrecarregado pela responsabilidade de entender como as coisas de fato funcionavam e o que estava de fato acontecendo.

As nações mais bem administradas geralmente tinham essa relação simbiótica na liderança. E quando penso nos erros suicidas que as nações cometiam nos velhos tempos, vejo que o governo delas tentava progredir com uma pessoa como Adolf von Kleist na liderança, e sem nenhum Hernando Cruz. Os sobreviventes dessas nações perceberiam tarde demais, rastejando pelas ruínas do que haviam escolhido para si e em meio a uma agonia autoimposta, que não havia absolutamente ninguém na liderança que compreendesse como as coisas realmente funcionavam, o significado de tudo aquilo e a realidade do que estava acontecendo.

---

1. *For of all sad words of tongue or pen,/ The saddest are these: "It might have been!"* (Tradução livre) [N. de T.]

26

O irmão Von Kleist sortudo, progenitor de todos os que estão vivos hoje, era alto e magro, o nariz adunco como o de uma águia, a cabeça grande repleta de cabelos encaracolados, outrora louros, então brancos. Fora colocado no comando do *Bahía de Darwin* já sabendo que o imediato cuidaria de tudo, assim como *Siegfried fora colocado no comando do hotel: os tios em Quito queriam que um parente próximo cuidasse dos hóspedes famosos e das propriedades valiosas.

O capitão e o irmão eram proprietários de belas casas nas montanhas frias e brumosas acima de Quito, as quais jamais veriam novamente. Também tinham herdado uma considerável fortuna da mãe que fora assassinada e dos avós paternos e maternos. Quase nada da fortuna estava em inúteis sucres. Quase tudo era administrado pelo Chase Manhattan Bank, na cidade de Nova York, em dólares americanos e ienes japoneses.

Dançando no boxe do chuveiro, o capitão achava que não havia muito com que se preocupar, por mais que a situação parecesse problemática em Guayaquil. Não importa o que acontecesse, Hernando Cruz saberia o que fazer.

O cérebro gigante de Von Kleist pensou em algo que achou interessante repassar a Cruz logo depois de se secar. Se o imediato percebesse que a tripulação estava mesmo a ponto de desertar, pensou o capitão, deveria lembrá-los de que o *Bahía de Darwin* era tecnicamente um navio de guerra, e, portanto, desertores estariam sujeitos às mais rigorosas punições do regulamento da Marinha.

Eram leis rígidas, mas ele tinha certeza de que, no papel, o navio fazia mesmo parte da Marinha equatoriana. O próprio capitão, fazendo o papel de almirante, havia recepcionado o navio à frota de combate quando chegara de Malmö no verão. Os deques ainda precisavam de revestimento, e no aço descoberto havia, aqui e ali, furos, tapados por ora, mas prontos para receber suportes de metralhadoras, lança-foguetes, alicerces para cargas de profundidade etc., se um dia acontecesse uma guerra.

Se fosse o caso, o navio até poderia se transformar em veículo blindado para transporte de tropas com, segundo o capitão dissera no *The Tonight Show*, "… dez garrafas de Dom Pérignon e um bidê para cada centena de homens alistados".

O capitão teve outras ideias no chuveiro, mas todas antes já sugeridas por Hernando Cruz. Por exemplo: se cancelassem o cruzeiro, o que parecia quase certo, Cruz e alguns homens ancorariam o navio em um canto dos pântanos, longe de saqueadores. Cruz não via motivos para o capitão participar de uma viagem daquele tipo.

Se Cruz percebesse que a situação estava complicada e não haveria lugar seguro para o navio perto da cidade, planejava levá-lo à base naval de Baltra, nas Galápagos. De novo, o imediato não conseguiu pensar em motivo algum que justificasse a presença do capitão na viagem.

No entanto, se, inacreditavelmente, as celebridades vindas de Nova York chegassem mesmo na manhã seguinte, então a presença do capitão a bordo seria vital para acolhê-las e tranquilizá-las. Enquanto as esperavam, Cruz ancoraria o *Bahía de Darwin* longe da praia, como o cargueiro colombiano *San Mateo*, e só o traria de volta ao cais quando as celebridades estivessem prontas para embarcar. E levaria todas elas para a segurança do mar aberto o mais rápido possível para depois, dependendo das notícias, talvez de fato as conduzir ao prometido cruzeiro pelas ilhas.

Mais provável ainda: ele as levaria até algum porto mais seguro que o de Guayaquil, sem dúvida não no Peru, no Chile ou na Colômbia, o que correspondia a toda a costa oeste da América do Sul. Nesses países, os cidadãos estavam, no mínimo, tão desesperados quanto os do Equador.

Panamá talvez.

Se necessário, Hernando Cruz pretendia levar as celebridades até San Diego; afinal, no navio havia comida, combustível e água de sobra para uma viagem dessa proporção. E as celebridades poderiam telefonar a amigos e parentes no caminho, dizendo-lhes que, por pior que fossem as notícias do resto do mundo, estavam aproveitando a vida como sempre.

No entanto, no chuveiro, o capitão nem sequer cogitou a possibilidade de um plano de emergência em que ele mesmo assumisse o controle total do navio, contando apenas com Mary Hepburn para ajudá-lo, até que o encalhasse em Santa Rosália, que se tornaria o berço de toda a humanidade.

Eis uma citação bem familiar ao Mandarax:

Um pouco de negligência pode gerar grandes danos… por falta de um prego, perde-se a ferradura; por falta de uma ferradura, perde-se o cavalo; por falta de um cavalo, perde-se o cavaleiro.[1]
— BENJAMIN FRANKLIN (1706-1790)

Sim, e com a mesma facilidade, é possível que um pouco de negligência gere boas notícias. A humanidade foi salva por causa da ausência de Hernando Cruz no *Bahía de Darwin*; se lá estivesse, o imediato nunca teria levado o navio até Santa Rosália.

Naquele momento ele se afastava da orla em seu cadillac El Dorado, o porta-malas completamente abarrotado de iguarias destinadas ao "Cruzeiro

Ambiental do Século". Roubara toda aquela comida ao amanhecer daquele mesmo dia, e a levava para a família, muito antes de as tropas e hordas de famintos chegarem.

O nome do carro, que Cruz comprara trabalhando arduamente para equipar e prover o *Bahía de Darwin*, era igual ao do hotel, e igual ao da lendária cidade de grandes riquezas e oportunidades que os ancestrais espanhóis tanto haviam procurado e nunca encontrado. Os mesmos ancestrais espanhóis que costumavam torturar indígenas para obrigá-los a contar onde estava El Dorado.

Hoje é difícil imaginar um ser humano torturando outro. Como alguém poderia capturar outra pessoa para torturar apenas com nadadeiras e uma boca? Como organizaria essa caçada humana, agora que todos os humanos nadam tão rápido e ficam submersos na água por tanto tempo? A pessoa que estivesse sendo procurada não apenas se pareceria bastante com qualquer outra, mas também poderia se esconder em praticamente qualquer lugar, a qualquer profundidade.

Hernando Cruz fizera sua parte pela humanidade.

Logo a Força Aérea peruana também faria o mesmo, mas só depois das 18 horas, depois de ⋆Andrew MacIntosh e ⋆Zenji Hiroguchi já estarem mortos, mais ou menos na mesma hora em que o Peru declararia guerra ao Equador. Como a falência do Peru ocorrera catorze dias antes que a do Equador, a população já estava faminta. Os soldados de infantaria voltavam para casa com suas armas. Só a pequena Força Aérea peruana era confiável, a quem a junta militar oferecia o melhor da escassa comida disponível para mantê-los leais.

A Força Aérea continuava uma unidade de moral elevada em razão do equipamento ultra-atualizado, comprado a crédito e entregue antes da bancarrota. Desse modo, dispunham de oito caças-bombardeiros franceses que, além de novos, tinham sido equipados com mísseis americanos ar-terra e um computador japonês capaz de apontar sinais de radar ou calor de

motores, dependendo das instruções do piloto. Este, por sua vez, recebia as orientações dentro da cabine por computadores em terra. Na ogiva de cada míssil, um novo explosivo israelense poderia provocar um quinto da devastação da bomba atômica que os Estados Unidos tinham lançado sobre a mãe de Hisako Hiroguchi, durante a Segunda Guerra Mundial. Cientistas militares de cérebros gigantes viam o novo explosivo como uma dádiva fantástica. Se matassem pessoas com armas convencionais, em vez de nucleares, seriam louvados como estadistas humanitários. Se supostamente não usassem armas nucleares, ninguém daria o nome certo a toda a matança que vinha ocorrendo desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a qual sem dúvida era a "Terceira Guerra Mundial".

A junta peruana assim justificou oficialmente a guerra: as ilhas Galápagos eram, por direito, do Peru, que iria tomá-las de volta.

Hoje ninguém é tão inteligente a ponto de fabricar os tipos de armas que mesmo as nações mais pobres possuíam há um milhão de anos. Sim, e usaram essas armas durante todo esse tempo. Em minha vida, não passou sequer um dia em que, em algum lugar do planeta, não houvesse pelo menos três guerras simultâneas.

E a Lei da Seleção Natural foi incapaz de levar essas novas tecnologias em conta. Nenhuma fêmea de qualquer espécie, exceto, talvez, um rinoceronte, esperaria dar à luz um bebê à prova de fogo, à prova de bomba ou à prova de bala.

No meu tempo, a Lei da Seleção Natural podia, quando muito, criar alguém que não tinha medo de nada, mesmo que houvesse muito a temer. Conheci algumas pessoas assim no Vietnã — quer dizer, até onde elas se abriam para que eu as conhecesse. Uma delas foi ★Andrew MacIntosh.

1. *A little neglect may breed great mischief … for/ want of a nail the shoe was lost; for want of a shoe the / horse was lost; for want of a horse the rider was lost*. (Tradução livre) [N. de T.]

27

Selena MacIntosh jamais teria certeza da morte do pai até reencontrá-lo no finalzinho do túnel azul que leva ao Pós-vida. Sabia apenas que ele saíra do quarto dela no El Dorado e trocara algumas palavras com ★Zenji Hiroguchi no corredor. E que, a seguir, os dois desceram juntos de elevador. Depois, nunca mais soube de nenhum deles.

A propósito, aqui está a causa da cegueira de Selena: ela tinha retinite pigmentosa, resultado de um gene imperfeito herdado das mulheres da família. Ela o herdara da mãe, que enxergava perfeitamente bem, mas que escondera do marido a certeza de portar esse gene.

Essa era outra doença com a qual o Mandarax também estava familiarizado, uma das mil doenças graves que mais afetavam o *Homo sapiens*. Quando Mary perguntou ao Mandarax a respeito da retinite pigmentosa, em Santa Rosália, ele declarou a severidade do caso de Selena, que era cega de nascença. Mandarax, filho de Gokubi, disse que era mais comum as vítimas enxergarem muito bem até mais ou menos os trinta anos de idade. Também confirmou algo que a própria Selena já contara a Mary: se um dia ela tivesse um bebê, haveria 50% de chance de ser cego. E que, se o bebê fosse do sexo feminino, cego ou não, teria 50% de chance de gerar uma criança cega.

É espantoso que duas doenças hereditárias relativamente raras, a retinite pigmentosa e a doença de Huntington, fossem fontes de preocupação para os primeiros colonos de Santa Rosália, ou seja, apenas dez pessoas.

Como eu disse antes, o capitão, por sorte, não era portador. Selena, sem dúvida, era. Porém, se a jovem tivesse se reproduzido, acho que hoje a humanidade se veria livre da retinite pigmentosa — graças à Lei da Seleção Natural, aos tubarões e às baleias orcas.

Eis como o pai de Selena e *Zenji Hiroguchi morreram, a propósito, enquanto ela e a cadela Kazakh ouviam o barulho da multidão lá fora: cada um levou um tiro atrás da cabeça, e, portanto, ambos jamais souberam o que os atingiu. E o soldado que os matou também merece destaque por uma ação cujos efeitos ainda são visíveis, um milhão de anos depois. Não me refiro aos assassinatos, mas ao fato de ele ter arrombado a porta dos fundos de uma lojinha de souvenirs, fechada na ocasião, em frente ao Hotel El Dorado.

Se o soldado não tivesse roubado a loja, é quase certo que hoje não mais existiriam seres humanos na face da Terra. Estou falando sério. Todo mundo que está vivo hoje deveria agradecer a Deus pela atitude desse soldado maluco.

Chamava-se soldado Geraldo Delgado, e desertara de sua unidade carregando um kit de primeiros socorros, um cantil, uma faca de trincheira, um fuzil de assalto automático, duas granadas, vários pentes de munição etc. Ele tinha só 18 anos e era esquizofrênico paranoide. Ninguém nunca deveria ter lhe dado munição de verdade.

O cérebro gigante do soldado estava lhe dizendo uma porção de inverdades: que ele era o melhor dançarino do mundo, que era filho de Frank Sinatra, que muita gente morria de inveja de suas habilidades como dançarino e queria destruir seu cérebro usando radinhos de pilha etc. etc.

Delgado, que como tantos outros enfrentava a inanição em Guayaquil, pensava que seu maior problema fossem os inimigos com os radinhos de pilha. E quando arrombou a porta dos fundos do que evidentemente era uma extinta lojinha de souvenirs, o lugar não lhe pareceu uma lojinha de

souvenirs. Para ele, era a sede da Companhia de Balé Folclórico Equatoriano, e ali ele provaria que era realmente o melhor dançarino do mundo.

Hoje, ainda há um bocado de gente tendo alucinações, reagindo de forma passional a vários tipos de coisas que não estão acontecendo de verdade. Talvez um legado dos kanka-bono. Mas pessoas assim não têm acesso a armas hoje em dia, e é fácil despistá-las nadando. Mesmo se encontrassem uma granada, uma metralhadora, uma faca ou qualquer arma que tivesse sobrado dos tempos passados, como as usariam se contam apenas com nadadeiras e bocas?

Quando eu era criança, em Cohoes, minha mãe me levou ao circo de Albany, embora não tivéssemos dinheiro e meu pai não aprovasse circos. Lá havia focas e leões-marinhos amestrados que equilibravam bolas nos focinhos, sopravam cornetas, batiam palmas na hora certa usando as nadadeiras etc.

Mas esses animais jamais conseguiriam carregar e engatilhar uma metralhadora, ou puxar o pino de uma granada e atirá-la a certa distância com qualquer precisão.

Como o maluco Delgado entrou no Exército? A resposta é: ele parecia normal e agiu de forma normal quando falou com o oficial recrutador, do mesmo jeito que eu fiz quando me alistei no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Delgado fora chamado no verão anterior, mais ou menos na época em que Roy Hepburn morreu, para atuar por um curto período numa tarefa especificamente associada ao "Cruzeiro Ambiental do Século". Sua unidade, impecável e reluzente, deveria realizar um exercício de treinamento e pavonear-se toda na frente da sra. Onassis e dos outros convidados.

Portariam fuzis de assalto, capacetes de aço e tudo o mais, mas não haveria munição de verdade nas armas.

Além de marchar elegantemente, Delgado também era um ótimo polidor de botões de latão e lustrador de sapatos. Então, com o convulsionado cenário da crise econômica, as tropas começaram a receber munição de verdade.

Delgado era um exemplo angustiante de rápida evolução, assim como qualquer soldado da época. Quando eu estava no campo de treinamento dos Fuzileiros Navais e me enviaram ao Vietnã com munição de verdade, quase não parecia mais o animal irresponsável que fora em minha vida civil. E fiz coisas bem piores que Delgado.

Bem, voltando: a loja que Delgado arrombou ficava num quarteirão de estabelecimentos comerciais, todos fechados e de frente para o El Dorado. Os soldados que haviam enrolado arame farpado em volta do hotel consideravam as lojas como parte das barreiras. Assim, quando Delgado rompeu o cordão, arrombou a porta dos fundos de uma delas, destrancou a porta da frente, abrindo-a só um pouquinho, e deu uma espiada, deixou um buraco na barreira pelo qual qualquer um poderia passar. Essa brecha representou a contribuição do soldado para o futuro da humanidade, porque dali a pouco, pessoas muito importantes passariam por ela e chegariam ao hotel.

Quando Delgado olhou pela fresta da porta, viu dois inimigos. Um deles balançava um radinho de pilha que, segundo pensou, talvez fosse mexer com seu cérebro. Mas o radinho era, na verdade, o Mandarax, e os dois supostos inimigos, ★Zenji Hiroguchi e ★Andrew MacIntosh. Eles andavam rápido por dentro da barricada, e tinham direito a estar ali, pois eram hóspedes do hotel.

*Hiroguchi ainda fervia de raiva, e *MacIntosh brincava com ele sobre levar a vida muito a sério. Quando passaram bem diante da loja onde Delgado espreitava, o soldado saiu pela porta da frente e atirou em ambos, acreditando piamente que agia em autodefesa.

Assim, não preciso mais colocar asteriscos na frente dos nomes de Zenji Hiroguchi e Andrew MacIntosh. Fiz isso só para lembrar aos leitores que esses eram os dois dos seis hóspedes do El Dorado que morreriam antes de o sol se pôr.

Eles estavam mortos, e o sol se punha num mundo onde tantas pessoas acreditavam, há um milhão de anos, que só os fortes sobreviviam.

Delgado, o vencedor, dirigiu-se depois aos fundos da loja, onde esperava encontrar mais inimigos para derrotar.

Mas encontrou apenas seis criancinhas mendigas de pele escura — todas meninas. Quando aquele monstro militar horripilante surgiu ali carregando o seu equipamento mortífero, as garotinhas pareceram famintas e resignadas demais para fugir. Em vez de correrem, abriram as bocas, reviraram os olhos castanhos, deram tapinhas no estômago e apontaram para as goelas, mostrando que estavam mortas de fome.

Naquela época, crianças do mundo todo faziam a mesma coisa, e não apenas naquele beco do Equador.

Delgado, então, simplesmente seguiu em frente e nunca foi preso, punido, hospitalizado ou algo do tipo. Era apenas mais um numa cidade cheia de soldados, e ninguém sequer parou para dar uma boa olhada no rosto do rapaz que, nas sombras do capacete de aço, não diferia do rosto de qualquer outra pessoa. E como o grande vencedor que era, estupraria uma mulher no dia seguinte, tornando-se pai de uma dos últimos dez milhões de crianças, aproximadamente, que nasceram no continente sul-americano.

Depois da partida de Delgado, as seis menininhas foram até a loja em busca de comida ou de qualquer coisa que pudesse ser trocada por comida. Eram órfãs e moravam na floresta tropical equatoriana além das montanhas a leste — muito, muito longe dali. Os pais tinham sido mortos por inseticidas pulverizados no ar, e um piloto que cobria áreas remotas as levara de avião até Guayaquil, onde viraram crianças de rua.

As meninas, ainda que predominantemente indígenas, possuíam ancestrais negros — africanos escravizados que conseguiram fugir para as florestas tropicais muito tempo atrás.

Elas eram kanka-bono. Cresceriam e se tornariam mulheres em Santa Rosália, onde, junto com Hisako Hiroguchi, seriam as mães de toda a humanidade moderna.

Antes de chegarem a Santa Rosália, porém, precisariam chegar ao hotel. E os soldados e as barricadas sem dúvida as teriam impedido, se o soldado Geraldo Delgado não tivesse aberto aquele caminho pela loja.

28

Essas crianças virariam seis Evas para o capitão Von Kleist, o Adão de Santa Rosália, e não teriam ido parar em Guayaquil se não fosse por um jovem piloto equatoriano de áreas remotas chamado Eduardo Ximénez. No verão anterior, aliás, um dia após Roy Hepburn ser enterrado, Ximénez sobrevoava, em seu avião anfíbio particular com capacidade para quatro passageiros, a floresta tropical perto da nascente do rio Tiputini, que desaguava no oceano Atlântico, em vez de no Pacífico. Ele acabara de deixar um antropólogo francês com equipamento de sobrevivência num lugar rio abaixo, na fronteira com o Peru, onde o homem planejava começar uma busca pelos esquivos kanka-bono.

Depois, Ximénez seguiria até Guayaquil, que ficava a quinhentos quilômetros de distância, passando duas cadeias de montanhas elevadas e escarpadas. Em Guayaquil, pegaria dois milionários argentinos esportistas para levá-los até a pista de aterrissagem da ilha Galápagos de Baltra, onde haviam alugado um pesqueiro de águas profundas junto com a tripulação. Mas não estavam atrás de qualquer tipo de peixe; queriam fisgar grandes tubarões-brancos, as mesmas criaturas que, 31 anos depois, engoliriam Mary Hepburn, o capitão Von Kleist e o Mandarax.

Ximénez, vendo do alto as letras SOS escritas no lamaçal da margem do rio, resolveu pousar na água e fazer seu avião bambolear como um pato pelo rio até chegar em terra firme.

Bernard Fitzgerald, um padre católico irlandês de 80 anos, que há meio século vivia entre os kanka-bono, recebeu o piloto. Com ele estavam as seis menininhas — as últimas dos kanka-bono — e o padre. Haviam pisoteado a lama da margem do rio até transformá-la em letras.

O padre Fitzgerald, a propósito, tinha um bisavô em comum com John F. Kennedy, primeiro marido da sra. Onassis e 35° presidente dos Estados Unidos. Se o padre tivesse acasalado com uma indígena, o que ele jamais fez, todo mundo vivo hoje em dia poderia alegar ser um irlandês de sangue azul — não que as pessoas de hoje aleguem ser muita coisa.

Com apenas nove meses de vida, todas esquecem até mesmo quem são suas mães.

As meninas estavam praticando canto coral com o padre Fitzgerald quando a tribo inteira foi pulverizada. Como algumas vítimas ainda agonizavam, o velho padre ficou com elas. Queria, porém, que Ximénez levasse as meninas para algum lugar onde alguém cuidasse delas.

E assim, em apenas cinco horas, as garotinhas viajaram da Idade da Pedra à Era da Tecnologia, dos pântanos de água doce da selva aos pântanos salobros de Guayaquil. Elas só falavam kanka-bono, compreendido por apenas alguns poucos parentes moribundos na selva e, como se descobriu depois, também por um homem branco, um velhote sujo de Guayaquil.

Ximénez era de Quito, mas, estando ali de passagem, não tinha um lugar para acomodar as meninas em Guayaquil. Ele mesmo alugara um quarto no Hotel El Dorado, o mesmo que, mais tarde, seria ocupado por Selena MacIntosh e a cadela. Portanto, seguindo o conselho da polícia, levou as meninas para um orfanato ao lado da catedral central, administrado por freiras, que assumiram com prazer a responsabilidade por elas. Comida ainda não era um problema.

Ximénez voltou ao hotel e contou a história ao barman de lá, Jesús Ortiz, o homem que depois desconectaria todos os telefones em Guayaquil do

mundo exterior.

Portanto, o aviador Ximénez foi relevante para o futuro da humanidade. Outro aviador igualmente relevante foi o norte-americano Paul W. Tibbets, que lançou a bomba atômica sobre a mãe de Hisako Hiroguchi durante a Segunda Guerra Mundial. As pessoas hoje provavelmente seriam peludas, de qualquer forma, mesmo que Tibbets não tivesse lançado a bomba. Porém, sem dúvida, ficaram peludas mais rápido por causa dele.

O orfanato publicou um anúncio à procura de alguém que falasse kanka-bono para servir de intérprete. Apareceu um velho bêbado, um reles ladrão de puro-sangue branco que, espantosamente, era o avô da menina mais frágil. Quando jovem, fora garimpar pedras preciosas na floresta tropical e vivera entre os kanka-bono por três anos. Também havia recebido Fitzgerald na tribo quando o padre chegou da Irlanda.

Chamava-se Domingo Quezeda, um sujeito de excelente linhagem, cujo pai atuara como chefe do departamento de filosofia da Universidade Central, em Quito. Então, se assim desejassem, as pessoas hoje poderiam alegar descender de uma longa linhagem aristocrática de intelectuais espanhóis.

Quando eu era um garotinho em Cohoes e não conseguia encontrar nada do que me orgulhar em nossa pequena família, minha mãe me contou que, por parte dos parentes dela, havia sangue nobre francês correndo em minhas veias. Disse que provavelmente eu estaria morando por lá, num castelo, numa vasta propriedade, se não fosse a Revolução Francesa. Segundo minha mãe, eu também tinha algum parentesco distante com Carter Braxton, um dos signatários da Declaração de Independência. Portanto, eu deveria andar de cabeça erguida, ela disse, pelo sangue que corria em minhas veias.

Achei a história toda muito boa. Então fui incomodar meu pai, acomodado diante de sua máquina de escrever, e perguntei-lhe qual era minha herança do lado dele da família. Na época, eu não sabia o que era esperma, então só entendi a resposta anos mais tarde.

— Meu filho — ele disse —, você descende de uma longa linhagem de girinos determinados, talentosos e microscópicos… todos grandes campeões.

O velho Quezeda, fedendo como um campo de batalha, disse às meninas que confiassem apenas nele, coisa bastante fácil para elas, pois, além de avô de uma das garotinhas, era a única pessoa com quem podiam conversar. Elas precisavam acreditar em tudo que o velho dizia, sem qualquer ceticismo, porque o novo ambiente onde estavam nada tinha em comum com a floresta tropical. As garotinhas traziam consigo muitas verdades e estavam prontas para defendê-las com orgulho e teimosia, mas nenhuma delas se aplicava ali em Guayaquil, exceto por uma, uma crença tradicionalmente fatal nas áreas urbanas há um milhão de anos: a crença de que um parente jamais as magoaria. Quezeda, de fato, queria expor as meninas a terríveis perigos, transformando-as em ladras e pedintes, e, assim que possível, em prostitutas. O cérebro gigante do velho desejava saciar a sede por álcool e autoestima. Finalmente Quezeda seria um homem rico e importante.

Levou as meninas para passear pela cidade, mostrando a elas, até onde as freiras do orfanato sabiam, os parques, a catedral, os museus etc. No entanto, ensinava-lhes a odiar turistas, mostrando a elas os lugares onde encontrá-los, como enganá-los e onde, provavelmente, guardavam as coisas valiosas. Além disso, também brincavam de achar policiais antes que eles os achassem e de memorizar bons esconderijos ali no centro da cidade, caso algum inimigo tentasse pegá-las.

A primeira semana das meninas na cidade foi "café com leite". Mas aí o vovô Domingo Quezeda e elas, até onde as freiras e a polícia sabiam, simplesmente evaporaram. Aquele vil ancestral de toda a humanidade as levara para um galpão vazio perto da orla, que por coincidência pertencia a um dos dois navios de cruzeiro antigos com os quais o *Bahía de Darwin* deveria competir. O galpão estava vazio porque o turismo, então em decadência total, acabara levando o velho navio à falência.

Pelo menos as meninas tinham umas às outras. E durante os primeiros anos em Santa Rosália, até Mary Hepburn lhes dar a dádiva dos bebês, apegaram-se a isto: pelo menos tinham umas às outras — e seu próprio idioma, suas próprias crenças religiosas, brincadeiras, canções etc.

E era essa a herança que deixariam aos filhos e às filhas em Santa Rosália, quando entrassem no túnel azul que leva ao Pós-vida: o consolo de pelo menos terem uns aos outros, a língua kanka-bono, a religião kanka-bono e as brincadeiras e canções kanka-bono.

Durante os terríveis dias que passaram em Guayaquil, o velho Quezeda usou o próprio corpo fedorento para ensiná-las, apesar de serem tão pequenas, as principais habilidades e posturas das prostitutas.

Sem dúvida precisavam de resgate muito antes da crise econômica. Sim, e uma das janelas empoeiradas daquele galpão, que funcionava para elas como uma escola horripilante, emoldurava a popa do *Bahía de Darwin* lá fora. Mal sabiam que, em breve, aquele belo navio branco seria a Arca de Noé delas.

As meninas, depois de finalmente fugirem do velho, foram viver nas ruas, ainda mendigando e roubando. Porém, por razões que não conseguiam compreender, o número de turistas diminuía cada vez mais, até que, por fim, parecia não haver mais nada para comer em lugar nenhum. Estavam realmente famintas, aproximavam-se de qualquer pessoa, escancarando as

bocas, revirando os olhos e apontando para as pequenas goelas, querendo mostrar que não comiam há muito, muito tempo.

E num fim de tarde, foram atraídas pelo barulho da multidão em volta do El Dorado. Viram a porta aberta dos fundos de uma loja, viram Geraldo Delgado sair por ela logo depois de atirar em Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi e depois entraram na loja e saíram pela porta da frente. Como foram parar dentro da barricada montada pelos soldados, ninguém as impediu de entrar no El Dorado, onde ficariam à mercê de James Wait, no bar do hotel.

29

Enquanto isso, Mary Hepburn tentava se suicidar em seu quarto, deitada na cama, a cabeça enrolada no saco de proteção de polietileno do "vestido de Jackie". O saco já estava todo embaçado por dentro e a mulher começara a alucinar, achando que era uma tartaruga-gigante deitada de costas no quente e úmido porão de carga de um veleiro antigo. Sacudia e agitava as mãos no ar, um gesto perfeitamente inútil, exatamente como faria uma tartaruga-gigante de costas.

Conforme explicava com frequência aos alunos, os veleiros destinados a cruzar o Pacífico costumavam parar nas ilhas Galápagos, onde capturavam tartarugas indefesas, que conseguiam viver por meses de costas sem alimento ou água. Criaturas lentas, mansas, imensas e numerosas. Os marinheiros as viravam sem medo de mordidas ou arranhões. Depois, arrastavam-nas até os escaleres na praia usando os inúteis cascos dos animais como trenó.

Por fim, recolhiam as tartarugas e as armazenavam de costas num local escuro, sem lhes dar a mínima atenção até a hora de comê-las. Para os marinheiros, a beleza dos animais resumia-se à carne fresca que não precisava ser refrigerada ou comida imediatamente.

Todo ano letivo, em Ilium, Mary tinha certeza de que alguns alunos ficariam indignados com a crueldade com que os seres humanos haviam tratado criaturas tão ingênuas. E por isso mesmo dizia que a ordem natural já fora bastante severa com tais tartarugas antes mesmo de existir um animal chamado homem.

No passado, havia milhões delas movendo-se pesadamente sobre cada pedaço de terra de clima temperado, ela contava.

Mas aí alguns animais minúsculos evoluíram para roedores, encontrando e comendo com facilidade os ovos das tartarugas — todos os ovos.

Então as tartarugas desapareceram de todos os lugares rapidamente, exceto pelas espécies que viviam em algumas ilhas livres de roedores.

Era profético que, enquanto sufocava, Mary se imaginasse como uma tartaruga-gigante terrestre, pois uma situação muito parecida com a que acontecera com a maioria das tartarugas terrestres, tempos atrás, estava começando a acontecer com a maioria da humanidade.

Uma nova criatura invisível a olho nu estava comendo todos os óvulos dos ovários humanos, e isso se iniciou na Feira Anual do Livro, em Frankfurt, Alemanha. Mulheres que visitavam a feira relatavam uma leve febre, que ia e vinha durante um dia ou dois, acompanhada, às vezes, de visão embaçada. Depois disso, ficavam exatamente iguais a Mary Hepburn: incapazes de ter filhos. Ninguém conseguiria encontrar uma forma de deter a doença, que acabaria se espalhando para praticamente todo lugar.

A quase extinção das imponentes tartarugas-gigantes em decorrência da ação dos pequenos roedores foi, sem dúvida, uma história como a de Davi e Golias. Agora começava mais uma.

Sim, e Mary Hepburn chegou tão perto da morte que viu o túnel azul que leva ao Pós-vida. Naquele momento, rebelou-se contra o próprio cérebro gigante, que a fizera ir tão longe. Desenrolando o saco de proteção da cabeça em vez de morrer, desceu até o bar do hotel, onde encontrou James Wait atrás do balcão alimentando as seis meninas kanka-bono com amendoins, azeitonas, cerejas ao marrasquino e cebolas em conserva.

Essa cena de caridade desajeitada ficaria gravada no cérebro de Mary pelo resto da vida. Ela acreditaria para todo o sempre que Wait era um ser humano altruísta, compassivo e adorável. E nada aconteceria que mudasse a opinião dela sobre o homem asqueroso, pois ele estava prestes a sofrer um ataque cardíaco fatal.

Acima de tudo, o sujeito era um assassino.

E a história toda do assassinato foi esta:

Wait trabalhava como michê homossexual na ilha de Manhattan quando um plutocrata empolado se aproximou dele num bar, perguntando-lhe se havia percebido que a etiqueta de preço ainda estava presa à bainha de sua adorável nova camiseta de veludo azul. Nas veias deste indivíduo corria sangue real! Era o príncipe Richard, do reino da Croácia-Eslavônia, descendente direto de Jaime I da Inglaterra, do imperador Frederico III da Alemanha, do imperador Francisco José da Áustria e do rei Luís XV da França. Proprietário de uma loja de antiguidades na parte alta da Madison Avenue, o homem, que não era homossexual, queria que o jovem Wait o estrangulasse com o cordão de seda de seu roupão, afrouxando-o só quando chegasse bem perto da morte.

O príncipe Richard tinha esposa e dois filhos, que estavam em férias na Suíça, esquiando; como a esposa era nova e ainda ovulava, o jovem Wait talvez tenha impedido o nascimento de outro portador de tais nobres genes.

E também tinha outra coisa: se o príncipe Richard não tivesse sido assassinado, ele e a esposa provavelmente teriam sido convidados por Bobby King para o "Cruzeiro Ambiental do Século".

A viúva acabaria se tornando uma estilista de gravatas extremamente bem-sucedida, intitulando-se "princesa Charlotte", embora fosse plebeia, filha de um reparador de telhados de Staten Island, e não tivesse direito ao título ou ao brasão do falecido marido. Ainda assim, o escudo aparecia em todas as gravatas que ela desenhava.

O finado Andrew MacIntosh possuía várias gravatas feitas pela princesa Charlotte.

Wait amarrou aquele gordo sem queixo de sangue-azul de costas, com as mãos estendidas e as pernas afastadas, em uma cama de quatro colunas que o príncipe disse ter pertencido a Eleonora do Palatinado-Neuburgo, mãe do rei José I da Hungria. Wait o amarrou com cordas de náilon já cortadas no tamanho certo, as quais tinham sido guardadas numa gaveta secreta sob o babado, ao pé da cama. Era uma velha gaveta que outrora escondera segredos da vida sexual de Eleonora do Palatinado-Neuburgo.

— Me amarre bem forte, para que eu não consiga fugir — disse o príncipe Richard ao jovem James Wait —, mas não interrompa a circulação sanguínea. Detestaria que alguma parte do meu corpo gangrenasse.

O cérebro gigante do príncipe o obrigara a fazer esse mesmo ritual pelo menos uma vez por mês pelos últimos três anos: contratar estranhos para amarrá-lo e estrangulá-lo um pouquinho. Que belo plano de sobrevivência!

O príncipe Richard da Croácia-Eslavônia, possivelmente observado pelos fantasmas dos progenitores, instruiu o jovem Wait a estrangulá-lo até que perdesse a consciência. Depois Wait, a quem conhecia apenas como "Jimmy", devia contar até vinte devagar, deste jeito: "Mil e um, mil e dois…" etc.

Possivelmente observado pelo rei Jaime, pelo imperador Frederico, pelo imperador Francisco José e pelo rei Luís, o príncipe, um dos vários pretendentes ao trono da Iugoslávia, avisou a Jimmy que não tocasse em nenhuma parte de seu corpo ou de sua roupa, mas apenas na corda em volta de seu pescoço. Ele teria um orgasmo, mas Jimmy não devia tentar intensificá-lo com a boca ou com as mãos.

— Não sou homossexual — ele disse. — Contratei você para ser uma espécie de criado, não michê.

E continuou:

— Talvez você ache difícil acreditar, Jimmy, se leva o tipo de vida que eu acho que leva, mas essa é uma experiência espiritual para mim, portanto, atenha-se à espiritualidade. Senão não vou dar os cem dólares de gorjeta. Fui claro? Sou um homem diferente.

O príncipe não contou a Wait, mas um filme e tanto passou em seu cérebro gigante enquanto estava inconsciente. Mostrou-lhe o fim de um pedaço de tubo azul sinuoso, com cerca de cinco metros de diâmetro, tamanho suficiente para comportar um caminhão, e iluminado por dentro como o funil de um tornado. No entanto, não soava como um tornado. Em vez disso, uma música celestial, parecendo tocada por uma harmônica de vidro, vinha da extremidade do tubo, que aparentava estar a cerca de cinquenta metros de distância. Dependendo da ondulação do tubo, o príncipe Richard conseguia captar lampejos da abertura lá no fim, um ponto dourado e sinais de vegetação.

O tubo, é claro, era o que leva ao Pós-vida.

Em seguida, Wait pôs uma bolinha de borracha na boca do príncipe aspirante a libertador dos iugoslavos, como fora ordenado a fazer, e selou-a com um pedaço de fita adesiva já cortado, antes colado a uma coluna.

Então estrangulou o príncipe, cortando a circulação sanguínea até o cérebro gigante e o suprimento de ar dos pulmões. Em vez de contar devagar até vinte depois de o príncipe perder a consciência, gozar e ver o tubo sinuoso, Wait contou devagar até trezentos. O que levou cinco minutos.

E foi tudo ideia do cérebro gigante de Wait. Não era algo que ele, particularmente, queria ter feito.

Se um dia ele tivesse sido levado a julgamento pelo assassinato, ou pelo homicídio, ou por qualquer que fosse o nome que o governo tivesse escolhido chamar tal crime, provavelmente alegaria insanidade temporária. Diria que o cérebro gigante simplesmente não funcionara bem no momento. Não havia uma só pessoa viva, há um milhão de anos, que não soubesse o que era isso.

Desculpas por falhas cerebrais momentâneas eram o tema principal das conversas de todo o mundo: "Opa", "Desculpe", "Espero não ter machucado você", "Não acredito que fiz isso", "Aconteceu tão rápido que nem tive tempo de pensar", "Meu seguro cobre esse tipo de coisa", "Eu nunca vou me perdoar por isso" e "Eu não sabia que estava carregada" etc. etc.

Gotas e poças de esperma humano estavam espalhadas pelos lençóis de cetim gravados com o brasão do príncipe, cheias de girinos reais apostando corrida até lugar nenhum, quando o jovem Wait saiu do apartamento triplex em Sutton Place sem roubar nada nem deixar quaisquer impressões digitais. O porteiro do prédio, que o havia visto entrando e saindo, foi incapaz de detalhar a aparência dele aos policiais, lembrando-se apenas de que era jovem, branco, esguio e usava uma camiseta de veludo azul com a etiqueta de preço.

E havia algo profético, também, naqueles milhões de girinos reais no lençol de cetim, sem lugar algum para onde ir. Com exceção das ilhas Galápagos, o esperma humano do mundo inteiro estava prestes a ficar igualzinho ao do lençol de cetim.

Ouso perguntar: "Já não era sem tempo?".

30

Colocarei, agora, um asterisco na frente do nome de ⋆James Wait, indicando que, depois de ⋆Siegfried von Kleist, ele seria o próximo a morrer. ⋆Siegfried entraria primeiro no túnel azul, em cerca de uma hora e meia, e ⋆Wait o seguiria em mais ou menos catorze horas, tendo antes casado com Mary Hepburn no convés do *Bahía de Darwin* quando o navio já estava no mar.

O Mandarax citou, há muito tempo:

Tudo fica bem quando termina bem.[1]
— JOHN HEYWOOD (1497?-1580?)

Este foi, sem dúvida, o caso na vida de ⋆James Wait, que chegara ao mundo como um suposto filho do diabo, e as surras começaram quase que imediatamente. Entretanto, lá estava ele, tão perto do fim de sua vida, espantado com a alegria que o inundara ao alimentar as meninas kanka-bono. Elas estavam muito gratas, e ajudá-las era fácil, pois o bar estava abastecido com lanches, guarnições e condimentos. A oportunidade de ser caridoso, que nunca se apresentara antes, enfim surgira, e ele estava adorando. Para aquelas crianças, Wait personificava a vida.

Então a viúva Hepburn apareceu, como Wait vinha esperando acontecer a tarde inteira, e ele nem sequer precisou ganhar a confiança dela. Mary gostou dele imediatamente porque estava alimentando as crianças. E disse o seguinte

a ele, pois vira muitas crianças famintas no Aeroporto Internacional de Guayaquil, na tarde anterior:

— Ah, que legal! Que legal!

Ela havia presumido, e nunca pensaria de maneira diferente, que aquele homem, vendo as crianças do lado de fora, convidara-as para entrar para que pudesse dar comida a elas.

— Por que não consigo ser mais como você? — Mary perguntou. — Fiquei lá em cima, sem fazer nada, só sentindo pena de mim mesma, em vez de estar aqui embaixo, como você… dividindo tudo o que temos com as crianças pobres lá de fora. Estou tão envergonhada… mas meu cérebro não tem funcionado direito. Às vezes eu quero matar meu próprio cérebro.

Depois, perguntou às crianças em inglês, uma língua que jamais entenderiam:

— Está gostoso? — E também: — Onde estão a mamãe e o papai de vocês? — E outras coisas do tipo.

As menininhas nunca aprenderiam inglês porque o kanka-bono seria, desde o princípio, a língua falada pela maioria das pessoas de Santa Rosália. Decorrido um século e meio, seria a língua falada pela maioria da humanidade. Quarenta e dois anos depois, kanka-bono seria a única língua falada pela humanidade.

Mary achou que não havia urgência em dar às garotinhas coisas melhores para comer. Uma dieta de amendoins e laranjas, em abundância atrás do balcão, era o suficiente. As meninas cuspiam tudo de que não gostavam — cerejas, azeitonas verdes e cebolinhas em conserva. Não precisavam de ajuda pra comer.

Assim, Mary e ★Wait ficaram livres para simplesmente observar e conversar, além de se conhecerem melhor.

★Wait disse que as pessoas tinham sido colocadas na Terra para ajudar umas às outras, e por isso estava dando comida para as crianças. Disse que elas

eram o futuro do mundo e, portanto, o maior recurso natural do planeta.

— Permita que eu me apresente — falou ele. — Sou Willard Flemming, de Moose Jaw, Saskatchewan.

Mary apresentou-se também, dizendo que era viúva e ex-professora.

Ele respondeu que admirava muito os professores, enfatizando a relevância dos mestres em sua juventude.

— Se não fossem meus professores — falou ele —, eu nunca teria entrado no MIT. Provavelmente nem teria feito faculdade. Provavelmente seria mecânico, como meu pai.

— E o que você é hoje? — perguntou Mary.

— Não sou nada desde que minha esposa morreu de câncer — respondeu ele.

— Ah! — exclamou ela. — Sinto muito!

— Bem… não é sua culpa, né? — disse ele.

— Não — ela se limitou a dizer.

— Antes disso, eu era engenheiro eólico. Tinha essa ideia maluca de que havia um monte de energia limpa de graça por aí. Maluquice, né?

— Na verdade, é uma ideia linda — respondeu Mary. — Eu e meu marido conversávamos sobre isso.

— As empresas de energia elétrica me odiavam — afirmou ★Wait —, e os barões do petróleo, os barões do carvão e o truste de energia atômica também.

— Eu imagino! — falou ela.

— Agora não precisam mais se preocupar comigo — disse ele. — Joguei a toalha depois que minha esposa morreu e desde então venho perambulando pelo mundo. Nem sei o que estou procurando. Duvido muito que exista algo que valha a pena encontrar. Só tenho certeza de uma coisa: nunca mais vou ser capaz de amar outra pessoa.

— Mas você tem tanto para oferecer ao mundo! — exclamou Mary.

— Se um dia eu voltar a me apaixonar — retrucou ele —, não será por uma mocinha tonta, linda e frívola que tantos homens querem hoje em dia. Não suportaria alguém assim.

— Não tenho dúvidas — concordou Mary.

— Fiquei mal-acostumado — disse ele.

— Imagino que com razão — afirmou ela.

— E eu me pergunto: "Pra que serve o dinheiro hoje em dia?" — falou ele. — Tenho certeza de que seu marido foi um excelente marido, assim como minha esposa foi uma excelente…

— Ele foi mesmo um homem muito bom — disse ela. — Um homem totalmente maravilhoso.

— Então você deve se fazer a mesma pergunta: "Pra que serve o dinheiro quando se está sozinho?" — perguntou *Wait. — Imagino que você tenha um milhão de dólares…

— Meu Deus! — exclamou Mary. — Não chega nem perto disso!

— Certo… cem mil dólares, então…

— Aí é mais realista — afirmou ela.

— É muito inútil, né? — indagou ele. — Que felicidade o dinheiro pode comprar?

— Bem, pode proporcionar certo conforto material… — respondeu ela.

— Você deve ter uma casa bonita — disse ele.

— Muito bonita — confirmou ela.

— E um, ou talvez dois ou três carros e tal — falou ele.

— Um carro — disse Mary.

— Aposto que é uma Mercedes — sugeriu *Wait.

— Um Jeep — explicou ela.

— E provavelmente ações e títulos, assim como eu — afirmou ele.

— A empresa onde Roy trabalhava tinha um plano de bonificação em ações — disse Mary.

— Ah, sim — disse ele. — E um plano de saúde, um plano de previdência… e todo o resto do sonho de segurança econômica da classe média.

— Nós dois trabalhávamos. Nós dois contribuíamos.

— Eu não teria uma esposa que não trabalhasse — observou ★Wait. — Minha esposa trabalhava na companhia telefônica. Depois que ela se foi, a pensão por morte, somada, acabou rendendo um bom valor. Mas isso só me fazia chorar. Era só mais um lembrete do vazio da minha vida. E nem sequer um filho para herdar aquele pequeno porta-joias, com todos os anéis, broches e colares que lhe dei ao longo dos anos.

— Também não tivemos filhos — disse ela.

— Parece que temos muito em comum — afirmou ele. — Para quem você vai deixar suas joias?

— Ah… não tenho muitas. Creio que o colar de pérolas que a mãe de Roy deixou para mim seja a única peça valiosa. Tem um diamante no fecho. Uso joias tão de vez em quando que quase tinha me esquecido dessas pérolas.

— Espero que estejam no seguro — disse ele.

---

1. *All is well that ends well.* (Tradução livre) [N. do T.]

31

Como as pessoas falavam naquela época! Todo mundo estava sempre de blá-blá-blá, o dia inteiro, algumas até mesmo enquanto dormiam. Meu pai costumava tagarelar bastante durante o sono, especialmente depois que minha mãe nos abandonou. No meio da noite, enquanto eu dormia no sofá e não havia mais ninguém na casa, só nós dois, dava para ouvir o blá-blá-blá no quarto. Ele ficava quieto por um tempo e depois recomeçava: blá-blá-blá.

E, às vezes, quando eu estava na Marinha, ou depois, na Suécia, alguém me acordava e pedia para que eu parasse de falar enquanto dormia. Eu nunca lembrava o que tinha dito. Acabava perguntando, e as palavras sempre eram uma novidade para mim. O que mais poderia significar todo aquele blá-blá-blá, dia e noite, senão nossos cérebros absurdamente gigantescos e ativos expelindo avisos inúteis, desnecessários?

Era impossível desligá-los! Ocupados ou não, eles funcionavam do mesmo jeito, o tempo todo! E falavam sempre tão alto! Meu Deus, como gritavam.

Quando eu ainda estava vivo, havia uma espécie de rádio portátil e toca-fitas que alguns jovens levavam para onde fossem nas cidades dos Estados Unidos, num volume capaz de abafar um temporal com raios. Eram chamados de "aparelhos de som portáteis". Como se não bastasse, há um milhão de anos, termos aqueles aparelhos de som portáteis dentro da nossa cabeça!

Mesmo depois de tanto tempo, ainda fico furioso com a ordem natural, por ter permitido a evolução de algo tão perturbador, irrelevante e

prejudicial como aqueles cérebros gigantes de um milhão de anos atrás. Se ao menos falassem a verdade, eu até veria alguma vantagem em tê-los. Mas aquelas coisas mentiam o tempo todo! Veja só como ★James Wait mentia descaradamente a Mary Hepburn!

E naquele momento ★Siegfried von Kleist voltava ao bar, depois de testemunhar o assassinato de Zenji Hiroguchi e Andrew MacIntosh. Se o cérebro gigante fosse uma máquina fidedigna, talvez ★Kleist informasse a Mary e a ★Wait coisas que, sem dúvida, ambos tinham todo o direito de saber e lhes seriam muito úteis, caso desejassem sobreviver: por exemplo, que ele estava nos estágios iniciais de um colapso mental, que dois hóspedes do hotel tinham acabado de ser assassinados, que a multidão lá fora não poderia ser contida por muito mais tempo, que o hotel estava incomunicável com o resto do mundo etc.

Mas não. ★Kleist manteve um semblante plácido. Não queria que os quatro hóspedes restantes entrassem em pânico. Como resultado, jamais saberiam o que acontecera a Zenji Hiroguchi e Andrew MacIntosh. A propósito, nem eles, nem o capitão, jamais ouviriam a notícia anunciada dali a mais ou menos uma hora: o Peru declarara guerra ao Equador. Quando os mísseis peruanos atingissem alvos no território de Guayaquil, acreditariam nas palavras do capitão, que se limitaria a repetir o que o cérebro gigante dele sinceramente acreditava ser verdade, não que ele sentisse qualquer remorso em dizer a verdade: uma chuva de meteoritos os estava atingindo.

E enquanto houvesse alguém em Santa Rosália curioso o suficiente para saber por que os antepassados tinham ido para lá — e esse tipo de curiosidade finalmente desapareceria só dali a cerca de três mil anos —, a história seria a seguinte: uma chuva de meteoritos os expulsara do continente.

Assim disse o Mandarax:

Feliz é a nação sem história.[1]

— CESARE BONESANA, MARQUÊS DE BECCARIA (1738-1794)

Portanto, num tom de voz perfeitamente calmo, *Siegfried, o irmão do capitão, pediu a *Wait que subisse as escadas e solicitasse a Selena MacIntosh e a Hisako Hiroguchi que descessem, ajudando-as com a bagagem.

— Tome cuidado para não as alarmar — advertiu ele. — Diga que está tudo bem. Que só para garantir, vou levar vocês todos ao aeroporto.

O Aeroporto Internacional, a propósito, seria o primeiro alvo de devastação dos mísseis peruanos.

Ele entregou o Mandarax a *Wait, para que o sujeito pudesse se comunicar com Hisako. Havia encontrado o aparelho ao lado do corpo de Zenji. Ambos os corpos tinham sido retirados dali e transportados até a lojinha de souvenires arrombada. O próprio *Siegfried os cobrira com colchas à venda na loja, estampadas com o mesmo retrato de Charles Darwin pendurado atrás do balcão do bar.

Depois disso, *Siegfried von Kleist guiou Mary Hepburn, Hisako Hiroguchi, *James Wait, Selena MacIntosh e *Kazakh até um ônibus com decoração festiva estacionado em frente ao hotel. O mesmo ônibus que antes transportaria músicos e dançarinos ao aeroporto — para deleitar as celebridades de Nova York. As seis garotinhas kanka-bono foram junto com eles, e coloquei um asterisco na frente do nome da cadela porque em breve ela seria morta e devorada pelas meninas. Não era um bom momento para ser um cachorro.

Selena quis saber onde estava seu pai, e Hisako quis saber onde estava seu marido. *Siegfried lhes respondeu que ambos já haviam partido para o aeroporto. Planejava enfiar aquelas pessoas num voo comercial, fretado ou militar, capaz de tirá-las em segurança do Equador. A última coisa que lhes contaria seria a verdade sobre Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi antes

que o avião decolasse, quando talvez sobrevivessem, mesmo enlouquecidas pela tristeza.

Como um presente para apaziguar os ânimos de Mary, ★Siegfried concordou em levar as seis meninas. Nem o Mandarax o ajudara a decifrar a língua delas, pois identificara no máximo uma palavra em vinte, um idioma talvez estreitamente relacionado ao quéchua, a língua franca do Império Inca. Aqui e ali o Mandarax pensou ter ouvido, também, um pouco de árabe, a língua franca do comércio de escravos africanos há tanto tempo.

Eis, então, uma grande ideia dos cérebros gigantes da qual não ouço falarem muito ultimamente: escravidão humana. Como uma pessoa conseguiria escravizar outra com nada além de nadadeiras e uma boca?

---

1. *Happy is the nation without a history.* (Tradução livre) [N. de T.]

32

Quando todos estavam confortavelmente instalados no ônibus em frente ao El Dorado, a multidão, por meio dos inúmeros rádios, ouviu a notícia de que o "Cruzeiro Ambiental do Século" fora cancelado. Para a população, incluindo os soldados, que na verdade eram apenas civis em roupas de soldados, isso significava que os alimentos estocados no hotel passavam a pertencer a todos. Acreditem em alguém que vive por aqui há um milhão de anos: no fundo, só o que importa é a comida.

Assim disse o Mandarax:

Primeiro vem o estômago, depois a moral.[1]
— BERTOLT BRECHT (1898-1956)

Então uma correria em direção às entradas do hotel momentaneamente engolfou o ônibus, embora ele e os passageiros pouco interessassem aos desordeiros famintos. Mesmo assim, bateram em ambos os lados do veículo e gritaram — desesperados, ao perceber que já havia gente dentro do hotel e que não sobraria comida para eles.

Certamente, estar dentro do ônibus foi uma experiência assustadora. A multidão poderia virá-lo. Atear fogo nele. Jogar pedras nas janelas, estilhaçando vidro por todo lado. Por questão de segurança, os sobreviventes decidiram acomodar-se no chão do corredor. Hisako Hiroguchi, num primeiro ato de intimidade com a cega Selena, instruiu-a, por meio das mãos e de palavras murmuradas em japonês, a se ajoelhar no corredor com a

cabeça abaixada. Depois Hisako ajoelhou ao lado dela e de Kazakh, e envolveu as costas da jovem com os braços.

E Hisako e Selena seriam muito carinhosas e cuidariam uma da outra nos anos seguintes! E criariam uma linda e meiga criança juntas! Como eu as admirava!

Sim, e ★James Wait interpretou, de novo, o papel de protetor das aterrorizadas crianças kanka-bono, protegendo-as com o próprio corpo ali no corredor. Pensara em proteger somente a si mesmo, mas Mary Hepburn agarrara as duas mãos dele, puxando-as em direção às dela, para que formassem uma fortaleza viva. Se voassem estilhaços de vidro, eles seriam os atingidos, e não as menininhas.

Assim disse o Mandarax:

Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos.
— SÃO JOÃO (4 a.C.?-30?)

Naquele momento, o coração de ★Wait começou a fibrilar, ou seja, as fibras iniciaram um processo de contração descoordenada, comprometendo o fluxo de sangue no sistema circulatório. A hereditariedade atacava de novo. ★Wait não tinha como saber, mas o pai e a mãe dele, que também eram pai e filha, já haviam morrido de um ataque cardíaco que os acometera aos quarenta e poucos anos.

A humanidade teve sorte por ★Wait não viver o bastante para participar dos jogos de acasalamento de Santa Rosália. Entretanto, mais uma vez, talvez não fizesse muita diferença se as pessoas de hoje tivessem herdado a bomba-relógio daquele coração, pois ninguém vive tanto tempo assim para a bomba explodir. Atualmente, alguém da idade de ★Wait seria considerado um verdadeiro Matusalém.

Enquanto isso, na orla marítima, outra multidão, outro órgão de fibrilação no sistema social do Equador, saqueava não apenas a comida do *Bahía de Darwin* como também televisores, telefones, radares, sonares, rádios, lâmpadas, bússolas, rolos de papel higiênico, carpetes, sabonetes, tachos e panelas, mapas, colchões, motores de popa, botes infláveis etc. etc. Tais sobreviventes tentaram roubar até mesmo o guincho que baixava ou levantava a âncora, mas só conseguiram danificá-lo de maneira irrecuperável.

Pelo menos deixaram os botes salva-vidas, embora sem os suprimentos de emergência.

E o capitão Von Kleist, temendo por sua vida, foi arrastado para o cesto da gávea apenas de cuecas.

A multidão diante do Hotel El Dorado passou pelo ônibus como uma onda, deixando-o, por assim dizer, ao deus-dará. Enfim livre para ir aonde quisesse. Não restou muita gente, exceto por algumas pessoas deitadas aqui e acolá, mortas ou feridas durante a correria.

Assim, *Siegfried von Kleist, reprimindo heroicamente seus espasmos e ignorando as alucinações sintomáticas da doença de Huntington, sentou-se no lugar do motorista. Achou que seria melhor os dez passageiros continuarem no corredor, invisíveis ao mundo exterior e tranquilizando-se mutuamente com o calor de seus corpos.

*Kleist deu a partida, confirmou que o tanque de gasolina estava cheio e ligou o ar-condicionado. Depois, em inglês, a única língua que tinha em comum com alguns passageiros, comunicou que dentro de um ou dois minutos o ônibus esfriaria muito. Essa promessa ele podia cumprir.

Estava quase escurecendo quando ele ligou os faróis dianteiros.

Foi mais ou menos nessa hora que o Peru declarou guerra ao Equador. Nesse momento, dois dos bombardeiros peruanos sobrevoavam o território

do Equador, um com os mísseis captando os sinais de radar do Aeroporto Internacional de Guayaquil e outro com os mísseis captando os sinais de radar vindos da base naval da ilha de Baltra, em Galápagos, covil de um navio-escola, seis barcos da guarda-costeira, dois rebocadores transoceânicos, uma patrulha submarina e um dique seco que, entregue ao deus-dará, continha um destróier. O destróier era o maior navio da Marinha equatoriana, com exceção de um, o *Bahía de Darwin*.

Assim disse o Mandarax:

Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da fé, foi a época da incredulidade, foi a estação da Luz, foi a estação das Trevas, foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero, tínhamos tudo diante de nós, não havia nada à nossa frente, estávamos indo direto para o Céu, estávamos indo direto para o outro lado.[2]

— CHARLES DICKENS (1812-1870)

---

1. *First comes fodder, then comes morality.* (Tradução livre) [N. de T.]

2. *It was the best of times, it was the worst of times, it was the age of wisdom, it was the age of foolishness, it was the epoch of belief, it was the epoch of incredulity, it was the season of Light, it was the season of Darkness, it was the spring of hope, it was the winter of despair, we had everything before us, we had nothing before us, we were all going direct to Heaven, we were all going direct the other way.* (Tradução livre) [N. de T.]

33

Às vezes fico pensando no que teria sido da humanidade se os primeiros colonos de Santa Rosália fossem os tripulantes e as pessoas da lista de passageiros original do "Cruzeiro Ambiental do Século" — o capitão Von Kleist, sem dúvida, Hisako Hiroguchi, Selena MacIntosh, Mary Hepburn, em vez das meninas kanka-bono, os marinheiros e os oficiais, Jacqueline Onassis, dr. Henry Kissinger, Rudolf Nureyev, Mick Jagger, Paloma Picasso, Walter Cronkite, Bobby King, Robert Pépin, "o maior chef da França", e, é claro, Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi etc. etc.

A ilha poderia até ter recebido tantas pessoas, mas ficaria apertado. Imagino que haveria algumas lutas, algumas brigas, até mesmo assassinatos se a comida ou a água começassem a escassear. E suponho que algumas dessas pessoas pensariam que a Natureza, ou algo do tipo, ficaria muito feliz se elas saíssem vitoriosas. Mas, quanto à evolução, a sobrevivência de todos ali não valeria de nada se eles não se reproduzissem, afinal, a maioria das mulheres na lista de passageiros havia passado da idade de conceber, razão pela qual não valia a pena lutar por elas.

De fato, durante os primeiros treze anos em Santa Rosália, antes de Akiko atingir a puberdade, as únicas mulheres férteis teriam sido Selena, que era cega, Hisako Hiroguchi, que já tinha dado à luz um bebê coberto de pelos, e três outras normais. E provavelmente os vitoriosos engravidariam todas, mesmo contra a vontade delas. Porém, a longo prazo, creio que não faria muita diferença identificar os machos que as fecundariam, se Mick Jagger, o

dr. Henry Kissinger, o capitão ou o grumete. A humanidade ainda se assemelharia bastante ao que é hoje.

A longo prazo, os sobreviventes não seriam os lutadores mais ferozes, mas os pescadores mais eficientes. É assim que as coisas funcionam aqui nas ilhas.

O arquipélago de Galápagos também testou a sobrevivência das lagostas do Maine, que escaparam por pouco. Antes de o *Bahía de Darwin* ser saqueado, havia duzentas delas em tanques arejados de água salgada no porão de carga.

As águas que banhavam Santa Rosália com certeza eram frias o bastante para os crustáceos, mas talvez fossem profundas demais. De qualquer maneira, as lagostas e os seres humanos compartilhavam uma característica: se precisassem, podiam comer praticamente qualquer coisa.

E o capitão Von Kleist, quando já era muito, muito velho, lembrou-se daquelas lagostas no tanque. Quanto mais o tempo passava, mais vívidas se tornavam as lembranças dele do que ficara para trás. Uma noite, após o jantar, ele entreteve Akiko, a filha peluda de Hisako Hiroguchi, com uma história fantástica de ficção científica assentada na premissa de que as lagostas do Maine tinham conseguido chegar às ilhas, e um milhão de anos havia decorrido, como de fato aconteceria. Essas lagostas então se tornaram a espécie dominante no planeta, construíram cidades, teatros, hospitais, transportes públicos etc., além de aprenderem a tocar violino, solucionar assassinatos, executar microcirurgias, participar de clubes do livro etc.

Moral da história: as lagostas acabaram fazendo exatamente o que os seres humanos teriam feito, isto é, arruinaram tudo. Queriam apenas ser lagostas comuns, especialmente porque os seres humanos, que desejavam cozinhá-las vivas, não existiam mais.

No começo, podiam reclamar só de uma coisa: serem cozidas vivas. Agora, só porque não queriam mais ser cozidas vivas, tinham de aturar orquestras sinfônicas etc. etc. O protagonista da história do capitão era um tocador de

trompa francesa mal remunerado que ocupava a segunda cadeira da Orquestra Sinfônica de Lagostópolis e fora abandonado pela esposa, trocado por um jogador de hóquei profissional.

Quando inventou essa história, o capitão não fazia a menor ideia de que a humanidade estava em vias de extinção no restante do mundo e que outras formas de vida enfrentavam cada vez menos e menos competição, caso tivessem tendência a se tornarem dominantes. Nem o capitão nem mais ninguém em Santa Rosália jamais saberia disso. E estou falando só da dominância de formas de vida grandes sobre outras formas de vida grandes. Isso porque, na verdade, os organismos mais vitoriosos do planeta sempre foram microscópicos. E por acaso já existiu algum embate entre Davis e Golias em que um Golias tenha saído vencedor?

Considerando as criaturas grandes, os lutadores visíveis, as lagostas, sem dúvida, eram candidatas muito frágeis a se tornarem tão elaboradas, tão construtivas e destrutivas quanto a humanidade. Contudo, se o capitão tivesse contado sua fábula mordaz substituindo lagostas por polvos, talvez fosse menos ridícula. Naquela época, como agora, o cérebro de tais criaturas esponjosas, altamente desenvolvido, tinha como função básica o controle de seus braços versáteis. Pode-se pensar que a situação deles não diferia muito da dos seres humanos, tendo mãos para controlar. Como já era de se esperar, o cérebro de tal espécie conseguia fazer mais coisas com os braços e com a mente do que só apanhar peixes.

Mas ainda estou para ver um polvo, ou, aliás, qualquer tipo de animal, que não esteja superfeliz em passar seu tempo na Terra apenas coletando comida, evitando experiências com a ganância infinita e a ambição da humanidade.

E os seres humanos voltaram ao passado, ao momento em que começaram a usar ferramentas, construir casas, tocar instrumentos musicais etc., mas agora

tinham de fazer tudo isso, só que com bicos. Os braços se transformaram em nadadeiras, os ossos das mãos quase inteiramente aprisionados e imobilizados. Em cada nadadeira, cinco pequenas protuberâncias meramente ornamentais que só servem para atrair os membros do sexo oposto na época do acasalamento. Na verdade, são as extremidades reprimidas de quatro dedos e um dedão. A parte do cérebro das pessoas que era usada para o controle das mãos simplesmente não existe mais, e as habilidades humanas agora são muito mais aerodinâmicas nesse quesito. Quanto mais aerodinâmico o crânio, maior o sucesso do pescador.

Se as pessoas hoje conseguem nadar tão rápido e para tão longe quanto um lobo-marinho, o que as impede de voltar para o continente nadando, para onde seus ancestrais nasceram? A resposta é: nada.

Muitos já tentaram ou tentarão fazer isso nos períodos de escassez de peixes ou de excesso demográfico. Mas a bactéria que come óvulos humanos estará sempre lá para recebê-los.

Chega de explorar.

Mas como eu já falei, aqui é tudo muito tranquilo… por que é que alguém iria querer viver no continente? Cada ilha virou um lugar ideal para criar filhos, com coqueiros ondulantes, praias de areia branca vastas e lagoas azuis de água límpida.

E as pessoas são muito inocentes e calmas, e tudo porque a evolução as privou das mãos.

Assim disse o Mandarax:

De trabalhos de labuta ou aptidão,
Eu prefiro também me ocupar,
Pois Satã ainda encontra perdição,
para mão ociosa perpetrar.[1]
— ISAAC WATTS (1674-1748)

1. *In works of labour, or of skill,/ I would be busy, too;/ For Satan finds some mischief still/ For idle hands to do.* (Tradução livre) [N. de T.]

34

Havia um piloto peruano há um milhão de anos, um jovem tenente-coronel, que levara com delicadeza seu caça-bombardeiro, nuvem após nuvem, até o limite máximo da estratosfera do planeta. Chamava-se Guillermo Reyes, e conseguiu sobreviver a tal altitude porque o traje e o capacete que usava estavam cheios de atmosfera artificial. As pessoas costumavam ser tão maravilhosas, transformando sonhos impossíveis em realidade…

Certa vez, o coronel Reyes teve uma discussão inconclusiva com um colega piloto sobre o que poderia ser melhor que sexo. Naquele momento, falava por rádio com esse mesmo colega, que, na base aérea no Peru, acabava de lhe dizer que o país entrara oficialmente em guerra com o Equador.

O coronel Reyes já ativara o cérebro da tremenda arma de autopropulsão pendurada embaixo do avião. Era o primeiro contato que a bomba tinha com a própria vida, mas já estava completamente apaixonada pelo radar da antena da torre de controle do Aeroporto Internacional de Guayaquil, um alvo militar legítimo, o local onde o Equador guardava dez de seus aviões de guerra. Essa incrível amante de radares, que jazia embaixo do avião do coronel, de certa forma se assemelhava às tartarugas-gigantes das ilhas Galápagos: todo o sustento de que precisava estava dentro de seu casco.

Então o coronel recebeu ordens para soltar a coisa.

E soltou a coisa.

Seu amigo em terra perguntou-lhe qual era a sensação de libertar algo daquele tipo. Ele respondeu que finalmente achara algo mais divertido que sexo.

No instante do lançamento, os sentimentos do jovem coronel só podiam ser transcendentais, só podiam ser resultado daquele cérebro gigante, pois o avião não tremeu, não deu guinadas e nem subidas ou descidas repentinas quando o míssil saiu para consumar seu caso de amor. Continuou do exato mesmo jeito de antes porque o piloto automático compensou, de imediato, a súbita mudança no peso e na aerodinâmica do avião.

Foi isto que Reyes percebeu visivelmente naquele momento: o míssil estava alto demais para deixar rastros de vapor e o exaustor era novo, de maneira que, para o jovem, o projétil era apenas um bastão que encolhia rapidamente, até que virou um ponto, depois uma manchinha, e então, nada. Desapareceu tão rápido que era difícil acreditar que um dia havia existido.

E foi isso.

O único vestígio do evento na estratosfera ficou registrado no cérebro gigante de Reyes, e em mais nenhum outro lugar. Ele se sentia feliz. Altruísta. Fascinado. E exausto.

Reyes não era louco de achar que sua performance era comparável à de um homem durante a relação sexual. Um computador sobre o qual não possuía controle algum, uma vez ligado, determinara o exato momento do lançamento e fornecera instruções detalhadas sobre a libertação do artefato, sem necessidade de ajuda. De qualquer modo, ele não sabia muita coisa sobre o funcionamento daquilo. Isso cabia a especialistas. Na guerra, assim como no amor, Reyes era um aventureiro corajoso e despreocupado.

Na realidade, o lançamento do míssil assemelhava-se ao papel dos animais machos no processo reprodutivo.

Era isto que esperavam do coronel: a entrega da mercadoria na hora certa.

Sim — e aquele bastão, que virou um ponto, depois uma manchinha, e por fim, nada, tornou-se rapidamente responsabilidade de outra pessoa. Depois disso, toda a ação ocorreria no terminal receptor.

Reyes fizera sua parte. Sentia-se, naquele momento, deliciosamente sonolento — e alegre e orgulhoso.

Fico preocupado de estar distorcendo minha história agora, depois que tudo já aconteceu, porque alguns personagens nela são doidos de verdade, e não quero dar a impressão de que todos eram malucos há um milhão de anos. As pessoas não eram assim. Repito: as pessoas não eram mesmo assim.

Naquela época, quase todo mundo era são, e incluo Reyes de bom grado nessa categoria. Digo de novo que o maior problema não era a loucura, mas o fato de aqueles cérebros serem gigantes e mentirosos demais para serem práticos.

Nenhum ser humano podia levar o crédito pelo míssil que estava prestes a funcionar tão perfeitamente. Ele representava a conquista coletiva de todos que um dia colocaram os cérebros gigantes para trabalhar e pensar em como capturar e condensar a difusa violência de que a natureza era capaz para lançá-la, em embalagens relativamente pequenas, sobre seus inimigos.

Eu mesmo vivi algumas experiências bem pessoais no Vietnã com esse tipo de sonho que vira realidade, ou seja, com morteiros, granadas e artilharia. Em termos de destruição, a natureza nunca teria conseguido ser tão previsível em espaços tão pequenos sem a ajuda da humanidade.

Já contei minha história sobre a velha que matei por ter arremessado uma granada. Há muitas outras que poderia contar, mas nenhuma explosão que vi ou da qual ouvi falar no Vietnã se comparava à que aconteceu quando o míssil peruano pôs a pontinha do nariz, a parte do corpo mais rica em terminações nervosas, na antena daquele radar equatoriano.

Hoje ninguém mais se interessa por escultura. Quem é que conseguiria manejar um cinzel ou maçarico só com nadadeiras e uma boca?

No entanto, se houvesse um monumento aqui nas ilhas para celebrar um importante acontecimento do passado, seria uma boa se fosse assim: o momento da cópula, pouco antes da explosão, do míssil com a antena de radar.

E aos pés dele, no pedestal de rocha vulcânica, poderiam ser gravadas as seguintes palavras, que expressariam os sentimentos de todos aqueles que tinham dado uma mãozinha ao projeto, à manufatura, à venda, à compra e ao lançamento do míssil, e também os de todos aqueles que achavam que materiais altamente explosivos pertenciam a um ramo da indústria do entretenimento:

… Eis uma meta
Ardentemente desejável.
— WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

---

1. … *'Tis a consummation/ Devoutly to be wish'd.* (Tradução livre) [N. de T.]

35

Vinte minutos antes de o míssil dar um beijo de língua na antena do radar, o capitão Adolf von Kleist concluiu que era seguro descer do cesto da gávea do *Bahía de Darwin*. Haviam saqueado o navio de cabo a rabo, que naquele instante tinha menos instalações e recursos de navegação que o pequeno *Beagle*, o intrépido veleiro de madeira de Sua Majestade, quando começou a viagem ao redor do mundo, em 27 de dezembro de 1831. Pelo menos no *Beagle* havia uma bússola, um sextante e navegadores que conseguiam presumir, com considerável exatidão, a posição do navio no relógio do universo, graças ao conhecimento sobre as estrelas. O *Beagle* também tinha lamparinas a óleo, velas para as noites, redes para os marinheiros, e colchões e travesseiros para os oficiais. Qualquer um que quisesse passar a noite no *Bahía de Darwin* precisaria repousar a cabeça cansada diretamente no aço, ou talvez fazer como Hisako Hiroguchi quando não conseguia mais manter os olhos abertos: sentar-se na tampa da privada de algum banheiro longe do salão principal e deitar a cabeça nos braços dobrados sobre a pia.

Comparei a multidão no hotel a uma onda gigante, cuja crista passou pelo ônibus e nunca mais voltou. Eu diria que a multidão na orla se parecia mais com um furacão. Ao anoitecer, o feroz turbilhão começou a se afastar da costa, alimentando-se com o que valia a pena roubar uns dos outros: lagostas, vinhos, aparelhos eletrônicos, cortinas, cabides, cigarros, cadeiras, rolos de carpete, toalhas, colchas de cama etc. etc.

O capitão, então, desceu com dificuldade do cesto da gávea, os pés descalços e macios feridos pelos degraus da escada de corda. Até onde conseguia ver, o navio e a orla eram inteiramente dele. Primeiro foi até sua cabine, pois só usava cuecas, esperando que os saqueadores tivessem deixado alguma coisinha para ele vestir. Porém, ao acionar os interruptores, nada aconteceu; todas as lâmpadas tinham sido roubadas.

Mas havia eletricidade, pois o navio ainda tinha reservas de baterias de armazenamento na casa das máquinas, lá embaixo. Foi assim: os ladrões de lâmpadas tinham deixado a casa de máquinas às escuras antes que alguém roubasse as baterias, os geradores e os motores de arranque. Então, de certa forma, ainda que sem querer, prestaram um grande favor à humanidade: o navio funcionava. Sem os recursos de navegação, estava tão cego quanto Selena MacIntosh, embora continuasse sendo o mais veloz daquela parte do mundo, e, se necessário, singraria as águas a toda velocidade, sem abastecer, durante vinte dias, contanto que nada desse errado na completa escuridão da casa de máquinas.

No fim das contas, porém, foi isto o que aconteceu: depois de apenas cinco dias no mar, algo daria muito, muito errado na escuridão da casa de máquinas.

O capitão certamente não tinha planos de expor sua nudez ao mar, pois tateava na cabine em busca de roupas para vestir. Lá não havia sequer um lenço ou uma toalha. Sentia, pela primeira vez, o gosto da escassez têxtil, que no momento parecia simplesmente inconveniente, mas que se revelaria cruel nos trinta anos de vida que ainda lhe restavam. As roupas que protegeriam a pele do homem de queimaduras do sol durante o dia, e do frio extremo durante a noite, simplesmente não existiam mais. Como ele e os outros primeiros colonos invejariam a filha de Hisako, Akiko, por ter nascido com um casaco natural de pele!

Todos, exceto Akiko e os futuros bebês peludos aos quais daria à luz, precisariam usar, durante o dia, capas e chapéus feitos com um monte de penas amarradas por entranhas de peixes.

Assim disse o Mandarax, ao contrário:

O homem é um bípede sem penas.
— PLATÃO (427?-347?)

O capitão ficou calmo enquanto vasculhava a cabine. Como o chuveiro pingava, resolveu apertar o registro. Pelo menos isso ele conseguiria fazer direito. Tentava manter a calma. Como já contei antes, no sistema digestivo do sujeito ainda restava comida para processar. Mais importante para sua paz de espírito, porém, era saber que ninguém estava contando com ele para nada. Quase todas as pessoas que haviam pilhado o navio tinham muitos parentes passando extrema necessidade, os quais estavam começando a revirar os olhos, dar tapinhas na barriga e apontar para as goelas, assim como as meninas kanka-bono.

O capitão ainda tinha seu famoso senso de humor, sentindo-se mais livre do que nunca para exercê-lo. Por quem ele fingiria que levava a vida a sério? Nem mesmo havia ratos no *Bahía de Darwin*. Na verdade, nunca houvera ratos no *Bahía de Darwin*, o que era muita sorte para a humanidade. Se os ratos tivessem desembarcado com os primeiros colonos humanos em Santa Rosália, em cerca de seis meses não teriam mais nada para comer.

E aí, depois disso, os ratos comeriam o que sobrou da humanidade e também deles mesmos e morreriam.

Assim disse o Mandarax:

Ratos!
Brigaram com os cães e mataram os gatos,
E os bebês em seus berços morderam,
E comeram os queijos guardados,

E a sopa da cozinheira lamberam,
Abriram os barris de peixes salgados,
Nos chapéus dos homens fizeram ninho,
E das mulheres arruinaram o burburinho
Abafando suas vozes com guinchos e rangidos,
Em cinquenta tons bemóis e sustenidos.[1]
— ROBERT BROWNING (1812-1889)

Trabalhando no breu da cabine, os dedos ligeiros do capitão encontraram, então, meia garrafa de conhaque em cima da caixa de descarga do banheiro. Era a última garrafa de bebida ainda a bordo no navio, a última substância encontrada de proa a popa e do cesto da gávea à quilha que podia ser metabolizada pelo ser humano. Claro que estou excluindo a possibilidade do canibalismo ao dizer isso. Ignoro o fato de que o capitão, em si, era até que bem comestível.

No momento em que, na escuridão, os dedos do capitão agarraram com firmeza o gargalo da garrafa, algo grande e robusto colidiu com o *Bahía de Darwin*. E mais: vozes masculinas vinham do convés do navio, no andar de baixo. O negócio foi o seguinte: a tripulação do rebocador que levara comida e combustível ao cargueiro colombiano *San Mateo* estava se preparando para rebocar os dois botes salva-vidas do *Bahía de Darwin*. Haviam se livrado da bolina do navio, e o rebocador aproximava a proa do estuário, para que os botes salva-vidas no lado estibordo pudessem ser baixados para a água.

O navio, então, estava casado com o continente sul-americano, unido por um único cabo à popa. Poeticamente falando, esse cabo de popa é o cordão umbilical de náilon branco de toda a humanidade moderna.

O capitão poderia muito bem ter virado meu companheiro fantasma no *Bahía de Darwin*. Os homens que pegaram nossos botes salva-vidas jamais suspeitaram de que houvesse outra alma a bordo.

Novamente sozinho, exceto por mim, ele continuou se embebedando. Qual era a importância daquilo agora? O rebocador, com os botes salva-vidas seguindo-o obedientemente, desapareceu rio acima. O *San Mateo*, iluminado como uma árvore de Natal, o radar giratório sobre a antena na ponte de comando, desapareceu rio abaixo, e isso fez com que o capitão se sentisse livre para gritar o que ele quisesse da ponte de comando, sem atrair nenhuma atenção adversa. Com as mãos na roda do leme, gritou para a noite estrelada:

— Homem ao mar!

Referia-se a si mesmo.

Sem esperanças de que algo fosse acontecer, apertou o botão de ignição do motor de bombordo. Das entranhas do navio veio o ronco abafado e profundo de um grande motor a diesel gozando de perfeita saúde. Ele apertou o outro botão de ignição, dando vida a outro motor, gêmeo idêntico do primeiro. Esses escravos confiáveis e resignados tinham nascido em Columbus, Indiana, não muito longe da Universidade de Indiana, onde Mary Hepburn fizera mestrado em zoologia.

Que mundo pequeno!

Para o capitão, o fato de os motores a diesel ainda funcionarem justificou mais um mergulho no conhaque com selvageria e estupidez. Então, felizmente, desligou os motores. Se os tivesse deixado ligados por muito tempo e esquentassem demais, a anomalia de temperatura talvez atraísse a atenção eletrônica de um caça-bombardeiro peruano na estratosfera. No Vietnã, dispúnhamos de instrumentos térmicos tão sensíveis que conseguiam detectar, até mesmo à noite, a presença de pessoas ou de grandes mamíferos, cujos corpos eram apenas um pouco mais quentes que o entorno.

Certa vez, chamei uma barragem de artilharia por causa de um búfalo d'água. Em geral, havia gente por perto — esgueirando-se e tentando nos matar, se pudessem. Que vida! Eu teria adorado baixar minhas armas e virar pescador, em vez de estar fazendo aquilo.

E era justamente isso que o capitão pensava, lá em cima, na ponte de comando. "Que vida!" etc. Tudo era muito engraçado, mas o capitão não estava rindo. Julgava que a vida, após analisar tudo o que fizera até então, não o achara digno de grande coisa e queria que ele sumisse dali. Mal sabia ele!

O capitão saiu, os pés descalços pisando em aço nu, e foi até o convés, perto da popa da ponte de comando e atrás das cabines dos oficiais. Com o local livre do revestimento, viam-se claramente, mesmo que só com a luz das estrelas, os buracos tapados que, em teoria, deveriam receber o suporte de armas. Eu mesmo havia soldado quatro dessas placas do convés. A maior parte do meu trabalho, e a que executei melhor, porém, estava no interior do navio.

O sujeito olhou para as estrelas e seu cérebro gigante lhe disse que o planeta era uma manchinha de poeira insignificante no universo, que ele, o capitão, era apenas um germe dentro dessa manchinha e que nada poderia ser menos importante do que o seu destino. Era isso que aqueles cérebros gigantes costumavam fazer com todo o excesso de capacidade: tagarelar. E com que objetivo? Hoje, não tem mais ninguém que pensa esse tipo de coisa.

Mas então ele viu uma estrela cadente — um meteorito queimando no limite da atmosfera, bem onde o tenente-coronel Reyes, em seu traje espacial, recebera a notícia de que o Peru estava oficialmente em guerra contra o Equador. A estrela cadente foi a deixa para o cérebro gigante do capitão pensar de novo no despreparo total das pessoas se uma chuva de meteoros atingisse a superfície terrestre.

E depois se ouviu uma tremenda explosão na direção do aeroporto, quando o míssil e a antena de radar entraram em lua de mel.

O ônibus do hotel, todo pintado por fora com imagens de patolas-de-pés-azuis, iguanas-marinhas, pinguins, cormorões-das-galápagos etc., naquele momento estacionara em frente a um hospital. ★Siegfried, o irmão do capitão, ia sair e buscar ajuda para ★James Wait, que estava inconsciente. O

ataque cardíaco de ★Wait exigira esse atalho no caminho para o aeroporto, o que certamente salvou a vida de todos no ônibus.

A grande bolha causada pela onda de choque da explosão era densa como tijolos. Dentro do ônibus, as pessoas acharam que o próprio hospital tinha explodido. As janelas e o para-brisa do ônibus, ainda que implodidos, revelaram-se inquebráveis. Não houve estilhaços. Em vez disso, Mary, Hisako, Selena, Kazakh, o pobre ★James Wait, as meninas kanka-bono e o irmão do capitão foram atingidos por algo semelhante a grãos de milho brancos.

O mesmo aconteceria no *Bahía de Darwin*: todas as janelas seriam implodidas e grãos brancos se espalhariam pelo chão, por toda a parte.

O hospital, tão iluminado instantes atrás, agora estava às escuras, assim como a cidade inteira, e ouviam-se gritos de socorro vindos de dentro dele. O motor do ônibus ainda funcionava, graças a Deus, e os faróis iluminaram um estreito caminho entre os destroços à frente. Então, ★Siegfried, sentindo-se mais paralisado a cada segundo, conseguiu de algum modo dirigir para longe dali. Afinal, o que ele, ou qualquer outro no ônibus, poderia fazer pelos sobreviventes, se é que havia sobrado alguém naquele hospital destroçado?

E a lógica do labirinto de escombros conduziu o ônibus para longe do centro da explosão, o aeroporto, rumo à zona portuária. Na verdade, a estrada através do pântano, que ia do limite da cidade ao cais de águas profundas, estava praticamente livre de escombros, pois não havia quase nada lá para a onda de choque destruir.

★Siegfried von Kleist dirigiu até o porto porque era o caminho mais fácil. Somente ele sabia para onde estavam indo. Os outros ainda continuavam no chão do ônibus. Mary Hepburn arrastou o inconsciente ★James Wait para longe das meninas kanka-bono, acomodando-o deitado de costas, a cabeça no colo dela. O cérebro gigante das garotinhas estava completamente inerte, sem ninguém ali para lhes explicar o que estava acontecendo. Hisako Hiroguchi e Selena MacIntosh estavam igualmente paralisadas.

E todos estavam surdos, pois a onda de choque afetara violentamente os ossos dos ouvidos internos, os menores do corpo humano. Nunca mais recuperaram inteiramente a audição. Com exceção do capitão, os primeiros colonos de Santa Rosália seriam todos meio surdos, e boa parte das conversas, numa língua ou em outra, consistiria em "Hein?", "Fale mais alto" etc.

Felizmente essa anomalia não era hereditária.

Assim como Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi, eles jamais saberiam o que os atingira — a menos que houvesse respostas para perguntas desse tipo no fim do túnel azul que leva ao Pós-vida. A teoria do capitão de que a explosão, e outra que ainda estava por vir, tinha sido causada pelo impacto de pedras incandescentes vindas do espaço sideral acabaria sendo aceita por eles — mas não por completo, afinal, o capitão provaria estar ridiculamente enganado a respeito de muitas outras coisas.

O irmão caçula do capitão, paralisado, o ouvido apitando e parte da audição indo e voltando, parou o ônibus no cais próximo ao *Bahía de Darwin*. Sem esperar que o navio estivesse no porto, não o surpreendeu vê-lo às escuras e aparentemente deserto, as janelas implodidas, os botes salva-vidas desaparecidos e uma simples corda unindo a popa ao cais. Como a proa solta estava meio distante do cais, a passarela de desembarque pendia sobre as águas.

É claro que fora saqueado como o hotel. Embalagens, caixas e outras imundícies descartadas pelos catadores de lixo abarrotavam o cais.

*Siegfried não esperava ver o irmão. Tinha ouvido falar que o capitão deixara Nova York, mas não que conseguira chegar a Guayaquil. Se perambulasse por algum lugar em Guayaquil, muito provavelmente estaria morto ou ferido, ou mesmo sem condições de ajudar ninguém. Naquele

momento da história, ninguém em Guayaquil tinha condições para ajudar outra pessoa.

Assim disse o Mandarax:

Ajuda-te que os céus te ajudarão.[2]
— JEAN DE LA FONTAINE (1621-1695)

O máximo que ★Siegfried esperava encontrar era um lugar tranquilo para estacionar em meio ao caos. E conseguiu. Lá não parecia haver mais ninguém.

Então saiu do ônibus para tentar, de algum modo, manter os passos de dança involuntários da doença de Huntington sob controle por meio de exercícios — polichinelos, flexões, agachamentos etc.

A lua começava a aparecer.

E foi aí que ele viu uma figura humana erguendo-se no convés do *Bahía de Darwin*.

Era seu irmão, mas, com a face do capitão imersa em sombras, ★Siegfried não o reconheceu.

★Siegfried, que havia ouvido histórias sussurradas sobre a assombração do navio, acreditou que estava vendo um fantasma. Achou que fosse eu. Achou que estava vendo Leon Trout.

---

1 *Rats!/ They fought the dogs and killed the cats,/ And bit the babies in the cradles,/ And ate the cheeses out of the vats,/ And licked the soup from the cooks' own ladles,/ Split open the kegs of salted sprats,/ Made nests inside men's Sunday hats,/ And even spoiled the women's chats/ By drowning their speaking/ With shrieking and squeaking/ In fifty different sharps and flats.* (Tradução livre) [N. de T.]

2 *Help yourself, and heaven will help you*. (Tradução livre) [N. de T.]

36

No entanto, o capitão acabou reconhecendo o irmão, e gritou o que eu também provavelmente teria gritado se fosse um fantasma materializado no navio:

— Bem-vindo ao Cruzeiro Ambiental do Século!

O capitão, ainda agarrado à garrafa já vazia, desceu ao convés principal da popa para ficar quase no mesmo nível que o irmão, enquanto ★Siegfried, quase surdo, se aproximou o máximo que pôde sem cair no estreito fosso que os separava. O fosso conectava-se ao navio pela linha de popa, o cordão umbilical branco.

— Estou surdo — disse ★Siegfried. — Você também está?

— Não — respondeu o capitão, que estivera muito mais longe do centro da explosão do que ★Siegfried. O nariz do sujeito sangrava, mas ele preferia achar graça na situação. Tinha batido o nariz quando a onda de choque o derrubou no convés. O conhaque intensificara seu senso de humor, e agora ele achava tudo ali engraçadíssimo.

Os exercícios de ★Siegfried no cais, inclusive, pareciam uma paródia da doença dançante que ambos possivelmente tinham herdado do pai.

— Gostei da sua imitação do papai — ele disse.

A conversa inteira foi em alemão — a língua da infância, a primeira que ambos haviam aprendido.

— Adie! — exclamou ★Siegfried. — Isso não é engraçado!

— Tudo é engraçado — retrucou o capitão.

— Você tem remédio aqui? Qualquer tipo de comida? Ainda tem camas? — perguntou ⋆Siegfried.

O capitão respondeu com uma citação com a qual o Mandarax estava muito familiarizado:

Pouco tenho; devo muito. O resto fica para os pobres.[1]
— FRANÇOIS RABELAIS (1494-1553)

— Você está bêbado! — gritou ⋆Siegfried.

— E qual o problema? — perguntou o capitão. — Eu não passo de um palhaço.

O dano fortuito causado pelo conhaque no cérebro do sujeito o deixara terrivelmente egoísta. Ele nem sequer conseguia pensar no sofrimento alheio na escuridão da distante cidade bombardeada.

— Sabe o que um dos membros da minha tripulação disse quando tentei impedi-lo de roubar a bússola, Ziggie?

— Não — respondeu ⋆Siegfried, logo recomeçando a dançar.

— "Saia da minha frente, palhaço!" — contou o capitão, e caiu na risada. — Ele teve a coragem de dizer isso a um almirante, Ziggie. Eu o teria enforcado na verga, *hic*… se não tivessem roubado a… *hic*…. verga. *Hic*! Ao amanhecer, *hic*! Se não tivessem roubado o amanhecer.

Aliás, as pessoas ainda soluçam de vez em quando. Não conseguem controlar quando vão ou não soluçar. Ouço com frequência o ruído de uma glote fechando sem querer e do ar inspirado espasmodicamente enquanto as pessoas se deitam nas vastas praias de areia branca ou ficam chapinhando ao redor das lagoas azuis. Se bobear, as pessoas soluçam mais agora do que há um milhão de anos. Acredito que a causa seja menos a evolução do que o fato de tantas delas engolirem peixe cru afobadamente, sem mastigá-lo direito.

(PESSOAS)

E as pessoas ainda riem tanto quanto antes, apesar dos cérebros atrofiados. Se um bando de gente estiver reunido na praia e alguém peidar, todo mundo ri sem parar, do mesmo jeito que faziam há um milhão de anos.

---

1. *I owe much; I have nothing. I give the rest to the poor.* (Tradução livre) [N. de T.]

37

— *Hic* — o capitão continuou. — Na verdade, fui vingado, *hic*, *Siegfried. Há muito tempo venho dizendo que devíamos nos preparar para grandes meteoritos nos atingirem de vez em quando. E foi isso, *hic*, que, *hic*, aconteceu.

— Foi o hospital que explodiu — disse *Siegfried. Para ele, a verdade era essa.

— Nenhum hospital explode assim — retrucou o capitão e, para espanto de *Siegfried, subiu na amurada e preparou-se para pular no cais. Não era uma queda tão impressionante; o fosso tinha apenas cerca de dois metros, mas o homem estava bastante bêbado.

O capitão aterrissou em segurança, caindo sobre os joelhos no cais, os soluços cessando, por ora.

— Tem mais alguém no navio? — perguntou *Siegfried.

— Ninguém, só nós, os cagões — respondeu o capitão, que não fazia a menor ideia de que ele e *Siegfried seriam responsáveis pelo resgate de outras pessoas. Todos no ônibus continuavam agachados no chão. *Siegfried, aliás, tinha confiado o Mandarax a Mary Hepburn, caso ela precisasse se comunicar com Hisako Hiroguchi. Mandarax, como eu já disse, era inútil como intérprete das kanka-bono.

O capitão pôs seu braço em volta dos ombros trêmulos de *Siegfried, dizendo:

— Não tenha medo, irmãozinho. Somos de uma longa linhagem de sobreviventes. O que é uma chuvinha de meteoritos para um Von Kleist?

— Adie… — disse Siegfried. — Será que tem um jeito de aproximarmos o navio da doca? — perguntou, imaginando que as pessoas no ônibus se sentiriam um pouco mais seguras e certamente menos apertadas a bordo.

— Foda-se o navio. Não tem mais nada nele — exclamou o capitão. — Acho que roubaram até mesmo o velho Leon.

Aviso de novo que Leon era eu.

— Adie… — repetiu ⋆Siegfried. — Tem dez pessoas dentro desse ônibus e uma delas teve um ataque cardíaco.

O capitão fitou o veículo com os olhos apertados.

— Elas estão invisíveis? — perguntou, os soluços cessando novamente.

— Estão todas agachadas no chão, mortas de medo — respondeu ⋆Siegfried. — Fique sóbrio logo. Não posso cuidar delas. É você quem vai cuidar. Não estou conseguindo mais controlar meus movimentos, Adie. Que hora para isso acontecer… tenho a doença do papai.

Para o capitão, o tempo parava. Era uma ilusão familiar para ele. Sabia que passaria por essa situação várias vezes por ano — sempre que recebesse notícias negativas. Sabia, também, como fazer o tempo voltar a funcionar, pois bastava negar as más notícias.

— Não é verdade — disse ele. — Não pode ser.

— Acha que estou dançando para me divertir? — perguntou ⋆Siegfried, e se afastou, com movimentos involuntários, do irmão. Depois, ainda dançando, reaproximou-se do capitão e disse: — Minha vida acabou. Provavelmente não deveria nem ter começado. Pelo menos nunca tive filhos, nunca obriguei nenhuma pobre mulher a parir mais uma monstruosidade.

— Estou me sentindo tão impotente… — disse o capitão, e acrescentou, com tristeza, e completamente bêbado: — Jesus… eu não esperava que fosse ter mais nenhuma responsabilidade. Estou tão bêbado que não consigo nem pensar. Me fale o que fazer, Ziggie.

Bêbado demais para ser útil, limitou-se a ficar parado, com a boca aberta e os olhos esbugalhados, enquanto Mary Hepburn, Hisako Hiroguchi e

★Siegfried, nos momentos em que o pobre coitado conseguia parar de dançar, puxaram a popa do navio até o cais, até onde estava o ônibus, e estacionaram o veículo logo embaixo da popa para o usarem como escada até o convés inferior do navio, que, de outro modo, permaneceria inacessível.

Ah, sim, e você pode até dizer: "Não foi engenhoso da parte deles?", e "Eles nunca teriam conseguido se não tivessem um cérebro gigante", ou, ainda, "Pode apostar que hoje ninguém inventaria algo do tipo" etc. Mas vou repetir, aquelas pessoas não teriam sido obrigadas a se comportar com tanta desenvoltura, não estariam passando por tantas dificuldades e situações complicadas, se o planeta não tivesse se tornado quase inabitável por causa das criações e atividades de outras pessoas com cérebro gigante.

Assim disse o Mandarax:

O que perdemos em rodeios, compensamos com jogo de cintura![1]
— PATRICK REGINALD CHALMERS (1872-1942)

As pessoas esperavam que o maior problema fosse ser ★James Wait, que estava inconsciente. Na verdade, seria o capitão, bêbado demais para ser considerado um elo na corrente humana e que só sabia ficar deitado no banco de trás do ônibus, lamentando-se por sua embriaguez.

E os soluços estavam de volta.

Eis como levaram ★James Wait até o navio: ainda havia bastante corda de popa no cais e, com a extremidade livre, Mary Hepburn improvisou um arreio para ele. Foi ideia dela, o arreio. Afinal de contas, era uma alpinista experiente. Então colocaram-no ao lado do ônibus, preso ao arreio. Depois ela, Hisako e ★Siegfried subiram no teto do ônibus e içaram ★Wait com toda a delicadeza. Em seguida, conseguiram passá-lo por cima da amurada e levá-lo até o deque principal. Mais tarde, moveriam o homem para o convés, onde recuperaria brevemente a consciência — só o tempo necessário para ele e Mary Hepburn se tornarem marido e mulher.

★Siegfried, então, voltou para dizer ao capitão que era a vez dele de embarcar. O capitão, sabendo que faria papel de bobo tentando subir no teto, tentou ganhar tempo. Pular bêbado foi fácil. Escalar qualquer coisa um pouquinho mais complicada já era outra história. Continua um curioso mistério a razão para tantos de nós levarmos a nocaute, periodicamente e de propósito, partes tão importantes de nosso cérebro há um milhão de anos. Talvez nossa intenção tenha sido dar à evolução um empurrãozinho na direção certa — cérebros menores.

E o capitão, tentando ganhar tempo e parecer sensato e respeitável, embora mal conseguisse ficar em pé, disse ao irmão:

— Não acho que aquele homem estivesse bem para ser carregado.

★Siegfried, já sem paciência para lidar com o irmão, respondeu:

— Caralho, mas isso é uma pena mesmo, né? E mesmo assim a gente carregou aquele pobre coitado. Talvez devêssemos ter chamado um helicóptero e pedido para levarem-no até a suíte nupcial do Waldorf-Astoria.

E essas foram as últimas palavras que os irmãos Von Kleist trocaram, exceto pelos "Opa!", "Vai, suba logo!", "Oops" etc., enquanto o capitão tentava subir no teto do ônibus, sem sucesso de novo e de novo.

Mas por fim ele conseguiu, embora profundamente humilhado, pular do teto para o navio sem pedir ajuda. E então ★Siegfried disse a Mary que subisse a bordo com os outros passageiros, e também lhe pediu que fizesse o possível por ★Wait, que todos pensavam chamar-se Willard Flemming. Ela obedeceu, imaginando que subir sem qualquer ajuda no teto do ônibus era uma questão de virilidade para ele.

Por fim, ★Siegfried, completamente sozinho no cais, contemplou todos a bordo do navio. Esperavam que o homem se juntasse a eles, mas não foi o que aconteceu. Apenas se sentou no banco do motorista e, apesar dos espasmos que lhe sacudiam os membros para lá e para cá, conseguiu dar a

partida. Pretendia voltar para a cidade a toda velocidade e se matar jogando o ônibus contra alguma coisa.

No entanto, antes de engatar a marcha, uma onda de choque de outra enorme explosão o atordoou. Essa não ocorrera na cidade ou nos arredores. Viera da jusante, de algum lugar do pântano praticamente inabitado.

---

1. *What's lost upon the roundabouts we pulls up on the swings!* (Tradução livre) [N. de T.]

38

A segunda explosão foi similar à primeira, resultante do acasalamento de um míssil com uma antena de radar. A antena, neste caso, estava em cima do pequeno cargueiro colombiano *San Mateo*. Ricardo Cortez, o piloto peruano que dera a centelha da vida ao míssil, imaginou que o fizera se apaixonar pela antena de radar do *Bahía de Darwin*, que já não tinha mais radar e, portanto, na opinião daquele tipo em particular de míssil, não tinha qualquer *sex appeal*.

O major Cortez havia cometido o que chamavam, um milhão de anos atrás, de "erro honesto".

E, diga-se de passagem, o Peru jamais teria ordenado um ataque ao *Bahía de Darwin* se o "Cruzeiro Ambiental do Século" ocorresse, como o planejado, repleto de celebridades. O Peru não teria sido tão insensível à opinião pública. Mas o cancelamento do cruzeiro mudara as coisas de figura, e o navio passara a ser visto como um potencial meio de transporte de tropas, ainda por cima tripulado, como qualquer ser humano razoável podia ver, por pessoas que efetivamente imploravam bombardeio, napalm, metralhadas ou qualquer coisa do tipo, ou seja, o "pessoal da Marinha".

Assim, esses colombianos, no meio do pântano e à luz do luar, rumo ao mar aberto e a suas casas, comiam a primeira refeição decente da semana, e imaginavam que a antena de radar olhava por eles lá de cima, como uma Virgem Maria giratória. Ela jamais permitiria que algum mal os atingisse. Mal sabiam eles.

A propósito, comiam uma velha vaca leiteira que já não dava mais muito leite. Era isso que estava embaixo da lona encerada da balsa que abasteceu o *San Mateo*: a vaca leiteira ainda viva. E ela foi içada a bordo pela margem mais distante do porto, para que as pessoas em terra não conseguissem vê-la. Havia gente desesperada o bastante para cometer um assassinato por ela.

Afinal, era proteína pra caramba saindo do Equador.

Interessante a forma como a içaram. Não usaram uma tela ou uma rede de carga. Fizeram uma coroa de cordas e a enrolaram várias vezes em volta dos chifres do animal. Enterraram o gancho de aço que havia no fim do cabo do guindaste naquela coroa embolada. Depois o operador de guindaste ergueu o cabo bem alto, de maneira que a vaca logo estava suspensa em ar rarefeito — em posição vertical pela primeira vez na vida, com as patas traseiras esticadas, as tetas expostas e as patas dianteiras apontando para a frente, muito semelhante a um canguru.

O processo evolucionário que produzira o enorme mamífero jamais o teria imaginado naquela posição, com o peso do corpo inteiro pendurado no pescoço. Enquanto balançava, o pescoço da vaca começava a parecer o de um patola-de-pés-azuis, um cisne ou um cormorão-das-galápagos.

Para alguns tipos de cérebros gigantes daqueles tempos, a experiência da vaca com a aviação renderia boas risadas. Ela era tudo, menos graciosa.

E quando a depositaram no convés do *San Mateo*, estava tão gravemente ferida que não conseguia mais ficar de pé. Mas isso era esperado, e perfeitamente aceitável. Os marinheiros tinham uma longa experiência com esse tipo de coisa, e sabiam que esse tratamento manteria o gado vivo por uma semana ou mais, e a carne continuaria fresca até o momento de comê-la. O tratamento dispensado à vaca leiteira era uma versão reduzida do que costumavam fazer com as tartarugas-gigantes, na época dos veleiros.

Em ambos os casos, não havia necessidade de refrigeração.

Os alegres colombianos mastigavam e engoliam nacos de carne daquela pobre vaca quando foram reduzidos a pedaços pela última novidade na evolução de explosivos de alto impacto, os chamados "dagonites". Dagonite era filho, por assim dizer, de um explosivo consideravelmente mais fraco, feito pela mesma companhia, chamado "glacco". Glacco gerou dagonite, e ambos descendiam do fogo grego, da pólvora, da dinamite, da cordite e do TNT.

Portanto, aqueles colombianos que haviam tratado a vaca de maneira abominável foram punidos, de modo rápido e terrível, pelos cérebros gigantes dos inventores do dagonite.

Levando em conta o abominável tratamento que os colombianos haviam dispensado à vaca, o major Ricardo Cortez, voando mais rápido que a velocidade do som, poderia ser visto como um virtuoso cavaleiro do passado. Ele também se sentia desse jeito consigo mesmo, embora não soubesse nada sobre a vaca ou os estragos do míssil. Assim, limitou-se a, via rádio, comunicar aos superiores a destruição do *Bahía de Darwin*. Pediu-lhes ainda que transmitissem a seguinte mensagem, em espanhol, a seu melhor amigo, o tenente-coronel Reyes, que estava de volta à base depois de libertar um míssil no aeroporto naquela tarde: *É verdade.*

Reyes entenderia a mensagem: liberar o míssil fora tão excitante quanto sexo. E jamais descobriria que não havia acertado o *Bahía de Darwin*, e os amigos e os parentes dos colombianos transformados em hambúrguer no estuário jamais descobririam o que acontecera com eles.

O míssil que atingiu o aeroporto era certamente muito mais eficaz em termos darwinianos do que o que acertara o *San Mateo*. Matou milhares de pessoas, pássaros, cães, gatos, ratos, camundongos etc., que, do contrário, teriam se reproduzido.

A explosão no pântano matou apenas os catorze tripulantes, cerca de quinhentos ratos que estavam no navio, algumas centenas de pássaros, poucos caranguejos, peixes etc.

Entretanto, e principalmente, o ataque se revelou ineficaz à base mais extrema da cadeia alimentar, os bilhões e bilhões de microrganismos que, juntamente com o próprio excremento e com os cadáveres dos ancestrais, compunham a lama do pântano. A explosão pouco os incomodou, pois não eram tão sensíveis assim a começos e fins súbitos.

Jamais poderiam ter cometido suicídio como ⋆Siegfried von Kleist, com a mão no volante, pretendia fazer, com um fim súbito.

Então, de repente eles só foram transferidos de uma vizinhança para outra. Voaram pelo ar, levando consigo uma boa parte da antiga vizinhança, e depois caíram, respingando água. Muitos inclusive prosperaram bastante como resultado da explosão, banqueteando-se do que havia sobrado da vaca, dos ratos, da tripulação e de outras formas de vida mais evoluídas.

Disse o Mandarax:

É maravilhoso ver como a natureza se contenta com tão pouco.[1]
— MICHEL EYQUEM DE MONTAIGNE (1533-1592)

A detonação de dagonite, filho de glacco, descendente direto da nobre dinamite, causou um maremoto no estuário, com ondas de seis metros de altura que varreram o ônibus estacionado no cais do porto de Guayaquil e afogaram Siegfried von Kleist, que, de qualquer forma, já queria mesmo morrer.

Mais importante ainda: cortou o cordão umbilical de náilon branco que ligava o futuro da humanidade ao continente.

As ondas forçaram o *Bahía de Darwin* um quilômetro rio acima e depois o conduziram gentilmente até um banco de areia ali perto, onde encalhou na

lama. O luar e os focos de incêndio doentios e estrondosos que irrompiam por toda a Guayaquil iluminavam o navio.

O capitão, depois de conseguir chegar à ponte de comando, deu partida nos dois motores gêmeos a diesel, lá embaixo, na escuridão. Engatou as hélices gêmeas e o navio deslizou, saindo do banco de areia. Enfim, livre.

E daí o capitão guiou o navio correnteza abaixo, em direção ao mar aberto.

Assim disse o Mandarax:

O navio, um fragmento separado da terra, seguiu seu curso, solitário e veloz como um pequeno planeta.[2]

— JOSEPH CONRAD (1857-1924)

E o *Bahía de Darwin* não era um navio qualquer. Para a humanidade, representava a nova Arca de Noé.

---

1. *It is wonderful to see with how little nature will be satisfied.* (Tradução livre) [N. de T.]

2. *The ship, a fragment detached from the earth, went on lonely and swift like a small planet.* (Tradução livre) [N. de T.]

Livro dois

E ficou assim

1

E o navio, à noite, ficou assim: uma embarcação a motor branca nova em folha, e que, mesmo sem mapas, bússola ou luzes de navegação, cruzava na velocidade máxima o profundo e frio oceano. Para a humanidade, ela não existia mais. Achavam que o *Bahía de Darwin,* e não o *San Mateo*, explodira em pedacinhos.

Era um navio fantasma distante da terra, que carregava os genes de seu capitão e de sete passageiros, seguindo para oeste em uma aventura que, até agora, dura um milhão de anos.

Eu era o fantasma do navio fantasma. Sou filho de um escritor de ficção científica de cérebro gigante chamado Kilgore Trout.

Fui desertor do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Recebi asilo político e cidadania na Suécia, tornei-me soldador num estaleiro em Malmö. Um dia, de forma indolor, fui decapitado por uma chapa de aço que despencou enquanto eu trabalhava no interior do casco do *Bahía de Darwin*, mas me recusei a pôr os pés no túnel azul que leva ao Pós-vida.

Apesar do poder de me materializar, só fiz isso uma vez, pouco depois de minha morte — durante alguns minutos molhados na borrasca que meu navio enfrentou no Atlântico Norte, na viagem de Malmö a Guayaquil. Apareci no cesto da gávea, onde fui visto por um sueco, membro da tripulação reduzida. Tinha bebido uns tragos. Meu corpo decapitado encarava a popa, os braços erguidos. Nas mãos, como uma bola de basquete, minha cabeça decepada.

Então eu estava invisível ao lado do capitão Adolf von Kleist na ponte de comando do *Bahía de Darwin* enquanto esperávamos o fim de nossa primeira noite ao mar depois da afobada partida de Guayaquil. Ele, que passara a noite toda acordado, estava sóbrio agora, embora com uma terrível dor de cabeça, que descreveu a Mary Hepburn como "… um parafuso dourado cravado entre os olhos".

Von Kleist guardava outros souvenirs da humilhante farra da noite passada: contusões e arranhões das múltiplas quedas enquanto tentava subir no teto do ônibus. Jamais teria ficado tão bêbado se imaginasse as responsabilidades com as quais teria de lidar. Já tinha explicado isso a Mary, que também ficara a noite inteira acordada, bancando a enfermeira de ⋆James Wait no convés principal, atrás das cabines dos oficiais.

⋆Wait fora colocado lá, com a blusa enrolada no colo de Mary servindo como travesseiro, porque o resto do navio estava completamente às escuras. Pelo menos ali ainda tinham a luz das estrelas depois que a lua se fora. Planejavam levá-lo para uma cabine assim que o sol nascesse, para que não fritasse até a morte nas chapas de aço.

Os outros estavam no convés inferior. Selena MacIntosh, no salão principal, usava a cadela como travesseiro, enquanto as seis meninas kanka-bono se ancoravam umas nas outras como travesseiro. Hisako, distante do salão principal, adormecera sentada na privada, a cabeça e os braços apoiados na pia.

O Mandarax, que Mary entregara ao capitão, estava numa gaveta na ponte de comando. Era a única gaveta no navio inteiro que ainda tinha alguma coisa dentro. Como ficara ligeiramente entreaberta, o Mandarax conseguiu ouvir por acaso e traduzir muitas das palavras ditas durante a noite. Graças a uma configuração aleatória, o aparelho traduziu tudo para a língua quirguiz, inclusive o plano de ação do capitão, que era o seguinte: todos iriam direto à ilha de Baltra, em Galápagos, onde havia instalações de acoplagem, um campo

de pouso e um pequeno hospital. Lá também havia uma poderosa estação de rádio, que lhes permitiria saber o que tinham sido as duas explosões, se realmente ocorrera uma chuva de meteoros generalizada, como o mundo estava lidando com isso, ou se, como Mary havia sugerido, a Terceira Guerra Mundial havia começado.

Sim, e daria no mesmo se o plano fosse traduzido para o quirguiz ou para algum outro idioma que praticamente ninguém entendia, pois eles estavam seguindo uma rota que os faria passar bem longe das ilhas Galápagos.

Bastaria a ignorância do capitão para mudar o curso do navio. Mas durante a primeira noite, antes de ficar sóbrio, ele piorou ainda mais a situação ao alterar a rota várias e várias vezes, tentando desviar de prováveis pontos de impacto de estrelas cadentes no oceano. Lembrem-se de que o cérebro gigante dele o fizera acreditar que estava caindo uma chuva de meteoritos. Toda vez que via uma estrela cadente, Von Kleist esperava que ela fosse colidir com o oceano e causar um maremoto.

E ele conduziria o navio assim, enfrentando as ondas com a quina de proa. Quando o sol nasceu, a embarcação poderia estar em praticamente qualquer lugar, graças ao cérebro gigante do capitão, navegando em direção a lugar nenhum.

Enquanto isso, Mary Hepburn, oscilando entre o sono e a vigília ao lado de *James Wait, dedicava-se a algo que as pessoas não conseguem mais fazer por causa do tamanho de seus cérebros. Estava revivendo o passado. Era virgem de novo. Estava em um saco de dormir. Tinha sido despertada, na mais tênue luz do amanhecer, pelo canto de um bacurau. Ela acampava em um parque estadual de Indiana — um museu vivo, uma amostra do que a região costumava ser antes de os europeus decretarem que somente animais e plantas considerados comestíveis ou domesticáveis pelos seres humanos seriam tolerados. Quando a jovem Mary pôs a cabeça para fora de seu casulo, na verdade o saco de dormir, viu troncos apodrecidos e um riacho fluindo

livremente. Deitara-se sobre um aromático húmus formado por eras de morte e descarte. Havia um monte de coisas para comer se você fosse um microrganismo ou se digerisse folhas, mas aquele local não fornecia um farto café da manhã para um ser humano de um milhão de anos atrás.

Era início de junho. Fazia um tempo agradável.

O canto do pássaro vinha de uma moita de roseira-brava e sumagre a uns cinquenta passos dali. Mary se sentiu feliz com o despertador, pois, ao adormecer, desejara mesmo acordar bem cedo e pensar em seu saco de dormir como se fosse um casulo, e sair dele sinuosa e voluptuosamente, como fazia naquele instante, transformada em uma adulta vivaz.

Que alegria!

Que satisfação!

Era perfeito, pois a amiga que a acompanhara continuava dormindo e dormindo.

Mary, então, andou furtivamente pelo solo macio do bosque e foi até a moita para ver o pássaro madrugador, seu companheiro. No entanto, em vez do pássaro, viu um jovem sério, alto e magricela em trajes de marinheiro, assobiando o canto agudo do bacurau: era Roy, seu futuro marido.

Ela ficou incomodada e confusa. Aquele traje de marinheiro ali, tão longe do mar, era um detalhe particularmente bizarro. Mary também se sentiu invadida, e talvez devesse ter temido aquele homem esquisito. Porém, se ele quisesse correr atrás dela, primeiro teria que atravessar um emaranhado de roseiras. Como dormira de roupa, Mary estava inteiramente vestida, a não ser pelas meias.

Ele a ouviu chegando. Tinha ouvidos muito aguçados. Seu pai também. Era um traço de família. E foi o primeiro a falar:

— Olá.

— Olá — retrucou Mary. Mais tarde, ela diria que pensava ser a única pessoa no Jardim do Éden até encontrar aquela criatura vestida de

marinheiro, que agia como se fosse dona de tudo ali. E Roy, por sua vez, replicaria que na verdade ela agira como se fosse a dona do lugar. — O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Eu não sabia que era permitido dormir nesta parte do parque — respondeu ele. Ele estava certo, e Mary sabia disso. Ela e a amiga tinham violado as regras do museu vivo. Estavam numa área permitida apenas a animais inferiores à noite.

— Você é marinheiro? — perguntou ela.

E ele disse que sim, que era — ou fora, pelo menos até pouco tempo atrás. Acabara de ser dispensado da Marinha e estava viajando de carona pelo país antes de voltar para casa, até que um dia descobriu que as pessoas ficavam muito mais propensas a lhe dar carona se usasse uniforme.

Hoje, não faz mais sentido uma pessoa perguntar à outra, como Mary perguntou a Roy, "O que você está fazendo aqui?". As razões para se estar em algum lugar, hoje em dia, são invariavelmente simples e óbvias. Ninguém tem uma história elaborada como a de Roy para contar: que fora dispensado em São Francisco, recebera seu soldo, comprara um saco de dormir e pedira carona até o Grand Canyon, o parque Yellowstone e outros lugares que sempre quisera conhecer. Roy era especialmente fascinado por pássaros e podia conversar com eles nas próprias línguas deles.

Certo dia, ouvira no rádio de um carro que tinham avistado naquele pequeno parque estadual de Indiana um casal de pica-paus-bico-de-marfim, espécie que há tempos se acreditava extinta. E fora direto para lá. Ledo engano. Aqueles grandes e belos habitantes das florestas primitivas estavam realmente extintos, seus habitats naturais destroçados pelos seres humanos. Lá não havia mais madeira podre, paz e tranquilidade para eles.

— Os pássaros precisam de muita paz e tranquilidade — disse Roy —, assim como eu e talvez você também, então me desculpe se a incomodei. Não fiz nada que um pássaro não faria.

Algum dispositivo automático estalou no cérebro gigante de Mary, que sentiu os joelhos bambos, o estômago gelado. Estava apaixonada pelo homem.

Já não existem mais recordações como antigamente.

2

Estas palavras de ★James Wait interromperam o devaneio de Mary Hepburn:

— Eu te amo tanto. Por favor, case comigo. Estou tão sozinho. Estou com tanto medo.

— Poupe suas energias, sr. Flemming — ela disse. ★Wait tinha lhe proposto casamento ininterruptamente, a noite inteira.

— Me dê sua mão — ele pediu.

— Toda vez que faço isso, o senhor não solta mais — ela constatou.

— Prometo que vou soltar — ele disse.

Então, Mary lhe estendeu a mão, logo agarrada debilmente. Ele não estava tendo visões do futuro ou do passado. Era pouco mais que um coração fibrilando, assim como Hisako Hiroguchi, no andar de baixo, encaixada entre a privada que não parava de vibrar e a pia, era pouco mais que um útero e um feto.

Salvo a filha no ventre, Hisako achava que não tinha mais motivos para viver.

As pessoas ainda soluçam como sempre, e ainda acham muito engraçado quando alguém peida. E ainda tentam confortar os doentes em tons de voz tranquilizadores. O tom da voz de Mary, enquanto acompanhava ★James Wait no navio, hoje se ouve com frequência. Com ou sem palavras, esse tom transmite o que uma pessoa doente deseja ouvir, e transmitia o que ★Wait desejava ouvir um milhão de anos atrás.

Mary disse muitas coisas a ★Wait, mas só seu tom de voz já expressava o que queria transmitir:

— Nós te amamos. Você não está sozinho. Vai ficar tudo bem.

Etc.

É óbvio que nenhum consolador de hoje teve uma vida amorosa tão complicada quanto a de Mary Hepburn, e que nenhum sofredor de hoje teve uma vida amorosa tão complicada quanto a de ★James Wait. Hoje, o único conflito nas histórias de amor entre humanos surge da mais simples das perguntas: as pessoas envolvidas estão ou não no cio? Hoje, homens e mulheres interessam-se incontrolavelmente uns pelos outros e pelas saliências em suas nadadeiras etc. apenas duas vezes por ano — ou, em tempos de escassez de peixes, somente uma vez. Tudo depende dos peixes.

A qualquer momento, o bom senso de Mary Hepburn e de ★James Wait poderia ser vencido pelo amor, dadas as circunstâncias específicas de ambos.

Lá naquele convés principal, pouco antes de o sol nascer, ★Wait estava genuinamente apaixonado por Mary, e ela genuinamente apaixonada por ele, ou melhor, por quem ★Wait alegava ser. Durante a noite inteira, ela o chamara de "sr. Flemming", e ele não lhe pedira que o chamasse pelo primeiro nome. Por quê? Porque não conseguia se lembrar de seu suposto primeiro nome.

— Vou te deixar muito rica — disse ★Wait.

— Calma, calma — respondeu Mary. — Tudo bem, tudo bem.

— Juros compostos — afirmou ele.

— Poupe suas forças, sr. Flemming — disse ela.

— Por favor, case comigo — propôs ele.

— Falamos mais sobre isso quando chegarmos a Baltra — afirmou Mary. Ela queria que Baltra representasse para ele uma razão para viver. Havia arrulhado e murmurado a noite inteira sobre as coisas boas que os esperavam

em Baltra, como se lá fosse uma espécie de paraíso. Santos e anjos os receberiam na doca, com comidas variadas e remédios.

★Wait sabia que estava morrendo.

— Você será uma viúva muito rica — disse ele.

— Vamos deixar para falar disso depois — retrucou ela.

Quanto à riqueza que Mary tecnicamente herdaria, considerando-se que de fato iria se casar com ele e depois se tornar viúva, nem os melhores detetives de cérebros gigantes do mundo encontrariam uma pequena fração dela. Comunidade após comunidade, ele criara um cidadão inexistente e cauteloso, cuja riqueza aumentava continuamente, mesmo que o planeta empobrecesse cada vez mais, e cuja segurança era garantida pelos governos dos Estados Unidos ou do Canadá. A conta poupança em pesos de ★Wait, em Guadalajara, no México, já desaparecera neste momento.

Se a fortuna dele tivesse continuado a crescer na proporção que estava crescendo na época, o patrimônio de ★James Wait hoje em dia englobaria o universo inteiro — galáxias, buracos negros, cometas, nuvens de asteroides, meteoros, os meteoritos do capitão e matéria interestelar de todo tipo, ou seja, simplesmente tudo.

Sim, e se a população humana tivesse continuado a crescer na proporção que estava crescendo na época, teria superado, hoje em dia, o patrimônio de ★James Wait, que era simplesmente tudo.

Que sonhos impossíveis de grandeza os seres humanos costumavam ter! E isso foi ontem, apenas um milhão de anos atrás!

3

A propósito, ★Wait tinha procriado. No passado, não tinha só mandado aquele negociante de antiguidades para o túnel azul que leva ao Pós-vida, mas também gerara um herdeiro. Eu diria que, segundo os padrões darwinistas, ele se saíra muito bem tanto como assassino quanto como genitor.

Tornou-se progenitor quando tinha apenas dezesseis anos, o auge sexual de um ser humano do sexo masculino há um milhão de anos:

Ainda morava em Midland, Ohio, onde, numa tarde quente de julho, cortava a grama de Dwayne Hoover, proprietário de uma concessionária de automóveis e de uma rede de fast-food local, um homem fabulosamente rico que, apesar de casado, não tinha filhos. O sr. Hoover viajara para Cincinnati a negócios, e a sra. Hoover, a quem ★Wait nunca vira, embora tivesse cortado sua grama muitas vezes, estava em casa. Era uma reclusa porque, segundo ★Wait ouvira falar, enfrentara problemas com álcool e com os remédios prescritos pelo médico, o que fez com que o cérebro gigante da mulher, de repente, se tornasse muito inconstante para que interagisse com outras pessoas.

Na época, ★Wait era bonito. Sua mãe e seu pai também haviam sido bonitos. Com certeza vinha de uma família de gente bonita. Apesar do dia tão quente, ★Wait não tiraria a camisa porque morria de vergonha das cicatrizes espalhadas pelo corpo, resultantes das punições infligidas por vários pais dos lares adotivos. Mais tarde, quando fosse michê na ilha de Manhattan,

seus clientes achariam muito excitantes as cicatrizes causadas por cigarros, cabides, fivelas de cintos etc.

★Wait não estava procurando por sexo. Acabara de decidir que fugiria para Manhattan e não queria fazer nada que desse uma desculpa para a polícia ir atrás dele. Era bem conhecido dos policiais, que frequentemente o interrogavam sobre esse ou aquele roubo, ou coisas semelhantes, embora nunca tivesse cometido crime algum. De qualquer modo, os policiais continuavam sempre de olho nele. Diziam coisas como:

— Cedo ou tarde, filho, você vai cometer um erro grande.

Então a sra. Hoover apareceu na porta da frente vestindo roupas de banho minúsculas. Havia uma piscina atrás da casa. O rosto dela estava abatido e todo vermelho, os dentes meio estragados, mas a mulher ainda era bonita. Ela perguntou se ele não gostaria de entrar na casa, onde havia ar-condicionado, para se refrescar com um copo de chá gelado ou limonada.

Quando deu por si, ★Wait estava transando com a sra. Hoover dentro da casa, e ela dizia que formavam um par perfeito, que ambos estavam perdidos no mundo, beijava as cicatrizes dele etc.

A sra. Hoover concebeu, e, nove meses depois, deu à luz um filho que o sr. Hoover achou que fosse dele. Era um menino bonito que, ao crescer, seria muito dado à música e um bom dançarino, assim como ★Wait.

★Wait soube do bebê depois de se mudar para Manhattan, mas nunca conseguiu considerá-lo um filho. Passaria anos sem pensar na criança. E às vezes seu cérebro gigante lhe dizia, de repente, sem nenhum motivo aparente, que havia um jovem perambulando por aí, em algum lugar do mundo, que não estaria ali se não fosse por ele. Isso o deixava arrepiado. Sem dúvida, uma consequência muito grande para um acidente tão pequeno.

Por que iria querer um filho naquela época? Era a última coisa que passava pela cabeça dele.

A propósito, hoje os seres humanos do sexo masculino atingem o auge sexual a partir dos seis anos. Quando um menino de seis anos encontra uma fêmea no cio, nada o impede de manter relações sexuais com ela.

E sinto pena deles porque ainda me lembro de como era ter dezesseis anos. Era um inferno ficar excitado daquele jeito! Naquela época, assim como hoje, os orgasmos não aliviavam em nada. Depois de dez minutos de um orgasmo, adivinha só? Só se pensava em ter outro. E ainda tinha lição de casa para fazer!

4

Aquelas pessoas no *Bahía de Darwin* ainda não estavam desconfortavelmente famintas. Os intestinos de todos, incluindo o de ★Kazakh, ainda espremiam o resto das moléculas digeríveis do que haviam comido na tarde anterior. Ninguém estava consumindo ainda partes do próprio corpo, o esquema de sobrevivência das tartarugas das ilhas Galápagos. As meninas kanka-bono sem dúvida sabiam o que era passar fome. Para os outros seria uma descoberta.

E as duas únicas pessoas que precisavam poupar forças e não podiam dormir o tempo inteiro eram Mary Hepburn e o capitão. As garotinhas kanka-bono não entendiam nada sobre o navio ou o oceano e nem sequer compreendiam o que lhes diziam em outra língua que não kanka-bono. Hisako estava catatônica. Selena continuava cega, e ★Wait estava morrendo. Sobravam apenas duas pessoas para guiar a embarcação e cuidar de ★Wait.

Durante a primeira noite, ambos concordaram que Mary deveria pilotar o navio de dia, quando o sol mostrava claramente para que lado era o leste, de onde estavam fugindo, e para que lado era o oeste, que significava a suposta paz e fartura de Baltra. E o capitão navegaria à noite, guiado pelas estrelas.

Quem não estivesse pilotando deveria fazer companhia a ★Wait e, presumidamente, tentar dormir um pouco. Sem dúvida, seriam longas vigílias. Então, de novo, enfrentariam um suplício muito curto, pois, de acordo com os cálculos do capitão, Baltra ficava a apenas mais ou menos quarenta horas de Guayaquil.

Se eles tivessem chegado a Baltra, o que jamais aconteceu, teriam encontrado o lugar devastado e despovoado por outro pacote de dagonite,

entregue via correio aéreo.

Os seres humanos eram tão prolíficos naquela época que mesmo explosões convencionais como aquela tinham pouca — ou até nenhuma — consequência biológica de longo prazo. Mesmo ao fim de guerras prolongadas, ainda parecia restar um monte de gente viva. E havia sempre tantos bebês que os esforços significativos para reduzir a população por meios violentos fadavam-se ao fracasso. Não deixavam mais feridas permanentes, exceto pelos ataques nucleares em Hiroshima e Nagasaki, do que as deixadas pelo *Bahía de Darwin* ao singrar sem vestígios pelo mar.

A humanidade tinha a habilidade de se curar tão rapidamente por meio dos bebês que encorajou muitas pessoas a pensar em explosões como parte da indústria do entretenimento, como formas de autoexpressão altamente teatrais e nada além disso.

O que a humanidade estava prestes a perder, no entanto, exceto pela minúscula colônia de Santa Rosália, era algo que o impassível mar jamais poderia perder, considerando que era feito de água: a habilidade de curar a si mesma.

Quanto à humanidade, todas as feridas logo se tornariam permanentes. E explosivos de alto impacto não seriam mais um ramo da indústria do entretenimento.

Sim, e se a humanidade tivesse continuado a curar os ferimentos autoinfligidos por meio da cópula, então a história sobre a colônia de Santa Rosália seria uma tragicomédia estrelada pelo vaidoso e incompetente capitão Adolf von Kleist. Duraria meses, em vez de um milhão de anos, pois os colonos jamais se tornariam colonos. Acabariam sendo resumidos a pessoas confinadas numa ilha deserta que em pouco tempo seriam encontradas e resgatadas.

E entre elas estaria o capitão envergonhado, o único responsável pelo sofrimento de todos ali.

Depois de só uma noite no mar, porém, o capitão ainda conseguia acreditar que estava tudo bem. Logo seria o momento de trocar de turno com Mary Hepburn no leme, e ele lhe daria as seguintes instruções:

— Mantenha o sol em cima da popa de manhã e embaixo da proa à tarde.

E o capitão percebeu que seu trabalho mais urgente era conquistar o respeito dos passageiros. Eles o tinham visto em seu pior. Imaginava que assim que atracassem em Baltra, todos já teriam esquecido aquela bebedeira e acreditariam que ele os salvara.

Outra coisa que as pessoas costumavam conseguir fazer e que hoje não conseguem mais: apreciar, em suas mentes, eventos que ainda não tinham ocorrido e talvez nunca ocorressem. Minha mãe era boa nisso. Algum dia meu pai desistiria de escrever ficção científica e, em vez disso, acabaria redigindo alguma coisa que um monte de gente ia querer ler. E compraríamos uma casa nova numa cidade linda, roupas bonitas etc. Ela me fazia pensar em por que Deus tinha se dado ao trabalho de criar a realidade.

Assim disse o Mandarax:

A imaginação vale tanto quanto muitas viagens — e é mais barata![1]
— GEORGE WILLIAM CURTIS (1824–1892)

E lá estava o capitão seminu na ponte de comando do *Bahía de Darwin*, enquanto, em sua imaginação, estava na ilha de Manhattan, onde se encontrava a maior parte do seu dinheiro e de seus amigos. Acharia um jeito de sair de Baltra e comprar um belo apartamento na Park Avenue, e foda-se o Equador.

Mas a realidade interrompeu seus pensamentos. Um sol bastante real surgia. E havia um pequeno problema com esse sol. O capitão tinha achado a noite inteira que navegavam em direção ao oeste, o que significava que o sol deveria nascer diretamente sobre a popa. No entanto, aquele sol em particular estava à popa, e até aí tudo bem, mas também muito a estibordo. Então ele virou o navio a bombordo até que o sol atingisse o local certo. O cérebro gigante, responsável pelo erro que o homem corrigiu, garantiu-lhe que fora um equívoco pequeno e rápido, gerado porque as estrelas tinham sido ofuscadas pelo amanhecer. O cérebro gigante dele queria ser respeitado por sua alma assim como o capitão queria conquistar o respeito dos passageiros. O cérebro gigante tinha vida própria, e um dia o capitão sentiria vontade de demiti-lo por tê-lo enganado.

Mas esse dia só viria dali a uma semana.

Ainda confiava em seu cérebro gigante quando caminhou até a popa para ver como "Willard Flemming" estava e para, de acordo com o plano, ajudar Mary a transportá-lo para a sombra da passarela de embarque entre as cabines dos oficiais. Não vou colocar um asterisco diante do nome de Willard Flemming porque, na realidade, esse indivíduo não existia e, portanto, não poderia morrer.

E o capitão se interessava tão pouco por Mary como pessoa que nem sequer sabia o sobrenome da mulher. Achava que era Kaplan, conforme gravado no bolso da jaqueta do uniforme de excedente de guerra, que *Wait agora usava como travesseiro.

*Wait também achava que o sobrenome de Mary fosse Kaplan, independentemente de quantas vezes ela o corrigisse. Durante a noite, dissera à ex-professora:

— Vocês, judeus, são verdadeiros sobreviventes.

E ela respondera:

— Você também é, Willard.

— Bem — dissera ele —, eu costumava achar que era mesmo, sra. Kaplan. Mas agora não tenho mais tanta certeza. Acho que todos que ainda não morreram são sobreviventes.

— Pronto, pronto — dissera ela. — Vamos falar de coisas mais agradáveis. Vamos falar de Baltra.

Mas o suprimento de sangue que seguiu momentaneamente para seu cérebro deve ter sido dos bons, pois ★Wait continuou na mesma linha de raciocínio. Até deu uma risadinha mordaz.

— Tem muita gente por aí se gabando por ser um sobrevivente como se isso fosse muito especial. Mas os únicos que não podem dizer isso são os cadáveres — disse ele.

— Calma, calma — tinha dito ela.

Quando o capitão apareceu na frente de Mary e ★Wait após a alvorada, a mulher tinha acabado de concordar em se casar com ele. Deixara-a exausta. Era como se estivesse implorando por água a noite toda e a ex-professora finalmente resolvesse lhe dar um pouco. Se o homem queria tanto um noivado naquelas circunstâncias, e um noivado fosse tudo que ela tinha a lhe oferecer, então cederia.

Não esperava, porém, ter de honrar o compromisso quase que imediatamente, ou mesmo algum dia. Sem dúvida havia gostado de tudo o que ★Wait lhe contara sobre si mesmo. Durante a noite, ele tinha descoberto que Mary era uma entusiasta de esqui *cross-country*. E respondeu calorosamente que nunca se sentia tão feliz como quando estava esquiando, envolvido pela neve branca e pelo silêncio dos lagos e das florestas congelados. Na verdade, jamais havia esquiado na vida, mas uma vez tinha desposado e arruinado a viúva do proprietário de uma estação de esquis nas White Mountains, em New Hampshire. Ele a cortejara na primavera e a deixara na miséria antes que as folhas verdes se tingissem de laranja, amarelo, vermelho e marrom.

Mary não estava comprometida com um ser humano. Arranjara um pastiche como noivo.

Não que importasse muito a procedência do noivo, o cérebro gigante disse a ela, afinal, certamente não se casariam antes da chegada a Baltra, e "Willard Flemming", se ainda estivesse vivo, teria que ir imediatamente para a unidade de terapia intensiva. Haveria bastante tempo, ela pensou, para voltar atrás e desistir do noivado.

Por isso, não levou muito a sério quando ★Wait disse ao capitão:

— Tenho uma notícia maravilhosa: a sra. Kaplan vai se casar comigo. Sou o homem mais sortudo do mundo.

O destino, então, pregou em Mary uma peça quase tão rápida e inevitável quanto minha decapitação no estaleiro de Malmö.

— Vocês estão com sorte — comentou Kleist. — Como capitão deste navio em águas internacionais, estou autorizado, por lei, a casá-los. Queridos irmãos, estamos aqui reunidos na presença de Deus… — ele começou e, dois minutos depois, "Mary Kaplan" e "Willard Flemming" foram declarados marido e mulher.

---

1. *Imagination is as good as many voyages — and how much cheaper!* (Tradução livre) [N. de T.]

5

Assim disse o Mandarax:

Promessas são apenas palavras, e palavras, vento.[1]
— SAMUEL BUTLER (1612-1680)

E Mary Hepburn, em Santa Rosália, memorizaria essa e centenas de outras citações do Mandarax. Mas, com o passar do tempo, ela levou cada vez mais a sério seu casamento com "Willard Flemming", ainda que o marido tivesse morrido dois minutos depois de o capitão declará-los marido e mulher. Ela diria à peluda Akiko, quando fosse uma mulher muito, muito velha, curvada e desdentada:

— Agradeço a Deus por ter me mandado dois homens bons.

Ela se referia a Roy e a "Willard Flemming". Essa também era sua forma de dizer que não dava a mínima para o capitão, que nessa época seria um homem muito, muito velho, além de pai ou avô de todos os jovens da ilha, salvo Akiko.

Akiko era a única jovem da colônia ávida por histórias, em especial as de amor, sobre a vida no continente. Por isso, Mary lhe pediria desculpas pelas poucas histórias de amor para contar sobre si mesma. Seus pais sem dúvida tinham sido muito apaixonados um pelo outro, disse ela, e Akiko adorou ouvir como eles ainda se beijavam e abraçavam mesmo tão perto do fim.

Akiko gargalharia com o ridículo caso de amor relatado por Mary, se é que podia ser chamado assim, que tivera com um viúvo chamado Robert Wojciehowitz, chefe do Departamento de Inglês da Escola Secundária de Ilium antes de a escola fechar. Ele foi a única pessoa, além de Roy e "Willard Flemming", a lhe propor casamento.

A história era mais ou menos assim:

Robert Wojciehowitz começou a telefonar para Mary convidando-a para sair apenas duas semanas depois do enterro de Roy. Ela negou, deixando bem claro que com certeza era cedo demais para engatar um namoro.

Fez tudo para desencorajá-lo, mas ele foi vê-la mesmo assim certa tarde, embora ela lhe tivesse dito que só queria ficar sozinha. Robert chegou de carro à casa dela, enquanto Mary cortava a grama. Depois de fazê-la desligar o cortador de grama, pediu-a impulsivamente em casamento.

Mary descreveria o carro do homem para Akiko, que morreria de rir, mesmo sem nunca ter visto, ou mesmo nunca vendo na vida, qualquer tipo de automóvel. Robert Wojciehowitz dirigia um Jaguar que antigamente fora muito bonito, mas que na época estava todo riscado e amassado. O carro tinha sido um presente da esposa moribunda. A mulher se chamava *Doris, nome que Akiko daria a uma de suas filhas peludas só por causa da história de Mary.

*Doris Wojciehowitz, depois de herdar uma pequena quantia, comprou o Jaguar para o marido como forma de agradecimento por ter sido tão bom com ela. O casal tinha um filho crescido chamado Joseph, um brutamontes que destruiu o lindo Jaguar enquanto a mãe ainda estava viva. O rapaz foi mandado para a prisão por um ano, condenado por dirigir um veículo motorizado sob efeito de álcool.

Eis novamente nosso velho amigo álcool, o encolhedor de cérebros.

A proposta de casamento de Robert ocorreu no único quintal da vizinhança com grama recém-cortada. Nos outros quintais, restara somente um matagal, pois todos tinham se mudado da cidade. E durante o tempo

inteiro em que Wojciehowitz ficou propondo casamento a Mary, um grande golden retriever latia para eles, fingindo ser perigoso. Era Donald, o cão que servira de grande consolo para Roy nos últimos meses de sua vida. Naquela época, até mesmo os cães tinham nomes. Donald era o cachorro. Robert era o homem. E Donald era inofensivo. Nunca tinha mordido ninguém. Tudo o que ele queria era que jogassem um graveto para ele buscar e trazer de volta, e aí jogassem um graveto para ele buscar e trazer de volta etc. Donald não era muito inteligente, para dizer o mínimo. Certamente não iria compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven. E, quando dormia, gania e sacudia as patas traseiras com frequência. Sonhava que estava buscando gravetos.

Robert tinha medo de cachorros, pois ele, aos cinco anos, e a mãe tinham sido atacados por um doberman pinscher. Sentia-se até que bem perto de cães, contanto que houvesse alguém que os controlasse. Mas sempre que estava sozinho com um, qualquer que fosse o tamanho do animal, suava em bicas, tremia, os cabelos arrepiados. Portanto, evitava com todo o cuidado tais situações.

A proposta de casamento deixou Mary Hepburn tão surpresa que ela rompeu em lágrimas, algo que não acontece mais hoje. Ficou tão constrangida e confusa que pediu desculpas, com a voz embargada, e correu de volta para casa. Não queria se casar com mais ninguém além de Roy. Mesmo com o marido morto, não queria se casar com mais ninguém além dele.

E foi assim que acabou deixando Robert completamente sozinho com Donald no gramado em frente à casa.

Se o cérebro gigante de Robert servisse para alguma coisa, teria feito com que ele andasse deliberadamente até o carro, enquanto ordenava desdenhosamente que Donald calasse a boca, voltasse para casa etc. Mas, em vez disso, fez com que virasse as costas e saísse correndo. O cérebro era tão defeituoso que o fez passar correndo pelo carro, com Donald trotando atrás,

atravessar a rua e subir na macieira em frente ao jardim de uma casa vazia, pertencente a uma família que se mudara para o Alasca.

Então Donald se sentou embaixo da árvore e latiu para ele.

Robert ficou lá em cima durante uma hora, com medo de descer, até que Mary, curiosa para saber por que Donald latia sem parar há tanto tempo, saiu de sua casa e resgatou o sujeito.

Quando Robert desceu, estava nauseado de tanto medo e desprezo por si. Chegou a vomitar mesmo. Depois, com os sapatos e as bainhas da calça salpicados de vômito, disse, com raiva:

— Eu não sou um homem. Simplesmente não sou um homem. Nunca mais vou incomodá-la, é claro. Nunca mais vou incomodar mulher alguma.

E conto novamente essa história de Mary agora porque o capitão Von Kleist teria a mesma opinião negativa de si mesmo após revolver o oceano até levantar espuma por cinco dias e noites, para enfim constatar que fracassara em encontrar qualquer ilha.

Ele estava muito ao norte — muito, muito ao norte. Então *nós* todos estávamos muito ao norte — muito, muito ao norte. É claro que eu não estava com fome, nem James Wait, que jazia congelado no freezer da cozinha do navio. A cozinha, mesmo sem lâmpadas e janelas, ainda podia ser iluminada, embora de maneira diabólica, pelos elementos térmicos dos fogões e fornos elétricos.

Sim, e o encanamento também ainda funcionava. Ainda tinha bastante água saindo das torneiras de todo o navio, tanto quente como fria.

Por isso, ninguém passava sede, muito embora todos estivessem com muita fome. Kazakh, a cadela de Selena, desaparecera, e não coloquei um asterisco em frente ao nome dela porque já estava morta. As meninas kanka-bono tinham-na raptado enquanto Selena dormia, estrangulando-a com as próprias mãos e depois esfolando-a e estripando-a, usando como ferramentas apenas os dentes e as unhas. E assaram-na em um forno. Mas ninguém sabia ainda que elas haviam devorado o animal.

De qualquer maneira, a cadela já estava consumindo o próprio corpo. Quando a mataram, era só pele e osso.

Se tivesse conseguido chegar a Santa Rosália, Kazakh não teria muito futuro, mesmo que por lá houvesse um cachorro, o que era muito improvável. Afinal de contas, era castrada. A única coisa que poderia ter conquistado, e que talvez a fizesse viver mais um pouco, era ocupar o papel de animal de estimação nas lembranças infantis da peluda Akiko, que logo nasceria. Na melhor das hipóteses, Kazakh não teria vivido o bastante para que outras crianças nascidas na ilha a acariciassem, a vissem abanar o rabo etc. E nem sequer registrariam nas lembranças o som de seu latido, pois Kazakh jamais latia.

---

1. *Oaths are but words, and words but wind*. (Tradução livre) [N. de T.]

6

Agora, vou dizer o seguinte sobre a morte prematura de Kazakh, antes que alguém comece a chorar por ela:

— Ah, bem… ela não ia mesmo compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

E digo a mesma coisa sobre a morte de James Wait:

— Ah, bem… ele não ia mesmo compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

Esse comentário mordaz sobre quão pouco a maioria de nós consegue conquistar em vida, não importa quanto tempo ela dure, não é de minha autoria. Eu o ouvi pela primeira vez em sueco, num funeral, quando ainda estava vivo. O cadáver daquele rito de passagem era um obtuso e impopular contramestre do estaleiro chamado Per Olaf Rosenquist. Ele morreu jovem, ou o que consideravam jovem naquela época, porque tinha herdado, assim como James Wait, um coração defeituoso. Fui ao funeral com um colega soldador chamado Hjalmar Arvid Boström, não que o nome das pessoas de um milhão de anos atrás tenha muita importância. Quando saímos da igreja, Boström me disse:

— Ah, bem… ele não ia mesmo compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

Perguntei-lhe se ele mesmo havia inventado essa piada tão mórbida, e o homem respondeu que não, que a ouvira da boca do avô alemão, que havia sido um oficial encarregado de enterrar os mortos na Frente Ocidental, durante a Primeira Guerra Mundial. Era comum que os soldados novatos

naquele tipo de serviço filosofassem sobre um ou outro cadáver, em cujos rostos estavam prestes a jogar um monte de terra, especulando sobre o que o sujeito teria feito na vida se não tivesse morrido tão jovem. Em meio a muitas frases cínicas que um veterano podia dizer aos recrutas reflexivos, uma delas era:

— Não se preocupem. Ele não ia mesmo compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

Quando eu, ainda jovem, fui enterrado em Malmö, a apenas seis metros de Per Olaf Rosenquist, Hjalmar Arvid Boström disse o seguinte enquanto ia embora do cemitério:

— Ah, bem… Leon não ia mesmo compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

Sim, e lembrei-me desse comentário quando o capitão Von Kleist repreendeu Mary por ela chorar a morte do homem que acreditavam ser Willard Flemming. Naquele momento, estavam no mar havia apenas doze horas, e o capitão ainda se sentia bastante superior à mulher, e aliás, a praticamente todo mundo.

E disse, enquanto a ensinava a manter o navio em seu curso ocidental:

— Que perda de tempo chorar pela morte de um completo estranho. Pelo que você me disse, ele não tinha nenhum parente e não fazia nada de muito útil, então por que chorar por ele?

Teria sido um bom momento para dizer, com uma voz incorpórea:

— Ele certamente não ia compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

No entanto, Von Kleist resolveu fazer uma espécie de brincadeira que não soou nem um pouco engraçada:

— Como capitão deste navio — disse ele —, ordeno que você chore só quando houver motivo. Não tem motivo pra chorar agora.

— Ele era meu marido — afirmou Mary. — Resolvi levar muito a sério aquela cerimônia de casamento. Pode rir, se quiser. — Wait, o tema da

conversa, jazia bem atrás deles. Ainda não fora colocado no freezer. — Ele fez muito por esse mundo, e ainda tinha muito o que fazer, se tivéssemos conseguido ao menos salvá-lo.

— O que esse homem fez de tão maravilhoso pelo mundo? — perguntou o capitão.

— Ele sabia mais sobre moinhos de vento do que qualquer pessoa — respondeu ela. — Disse que podíamos fechar todas as minas de carvão e urânio… disse que os moinhos de vento, sozinhos, dariam conta de transformar os lugares mais frios do mundo em regiões quentes como a Flórida. E também era compositor.

— É mesmo? — perguntou o capitão.

— Sim — afirmou ela. — Ele compôs duas sinfonias.

Achei irônico, considerando o que contei neste capítulo, que Wait, em sua última noite na Terra, tenha dito que compusera duas sinfonias. Mary prosseguiu dizendo que, quando voltasse para casa, visitaria Moose Jaw, acharia as sinfonias, que jamais tinham sido executadas, e tentaria encontrar uma orquestra para tocá-las.

— Willard era um homem muito modesto — concluiu Mary.

— Pelo visto, era mesmo — disse o capitão.

Cento e oito horas depois, o capitão se veria competindo diretamente com a reputação daquele modelo modesto de virtude.

— Se Willard ainda estivesse vivo — dizia ela —, saberia exatamente o que fazer.

O capitão havia perdido por completo o respeito por si mesmo e, embora ainda tivesse mais trinta anos de vida, jamais o recuperaria. Você quer uma tragédia da vida real? Ele se sentia desprezível pelas zombarias de Mary.

— Sem dúvidas, estou aberto a sugestões — comentou ele. — Só precisa me dizer o que o maravilhoso Willard teria feito, e farei a mesma coisa com o maior prazer.

Nessa altura, ele já havia demitido o próprio cérebro e navegava por pura intuição, conduzindo o navio de um lado para o outro. Se avistasse uma ilha do tamanho de um lenço de bolso, choraria de alívio. E de novo o sol, ora à sua frente, ora a bombordo, ora na popa e ora a estibordo, ia se pondo.

No convés inferior, Selena MacIntosh chamava a cadela:

— Kaaaaaaazaaaakh! Kaaaaaaazaaaakh! Alguém viu minha cachorra?

Mary gritou em resposta:

— Aqui em cima ela não está!

E então, tentando imaginar o que Willard teria feito, ela lembrou que o Mandarax, além de tradutor, relógio etc., talvez também fosse um rádio. Disse ao capitão para tentar pedir ajuda recorrendo ao aparelho.

O capitão não sabia que aquele instrumento era um Mandarax. Achava que fosse um Gokubi, pois tinha um Gokubi na gaveta da cômoda de sua casa em Quito, juntamente com algumas abotoaduras, botões de pressão e relógios. O irmão havia lhe presenteado com um Gokubi no Natal passado, mas não o achara de grande utilidade. Para ele, significava só mais um brinquedo, do qual sabia uma coisa: certamente não era um rádio.

Então, depois de analisar o que pensava ser um Gokubi, disse a Mary:

— Esta porcaria não é um rádio, aposto com você o meu braço direito. Garanto que nem São Willard Flemming seria capaz de mandar ou receber mensagens com um Gokubi.

— Acho que você tem que parar de ter tanta certeza de tudo! — exclamou Mary.

— Isso já me passou pela cabeça — constatou ele.

— Então mande um SOS — disse Mary. — Que mal pode fazer?

— Nenhum, sem dúvida — respondeu o capitão. — Sra. Flemming, você está absolutamente certa. Com certeza não vai fazer mal algum.

Em seguida, no minúsculo microfone do Mandarax, disse a palavra famosa internacionalmente que significava que um navio estava em perigo há um milhão de anos:

— Mayday. Mayday. Mayday — entoou.

Então virou a tela do Mandarax para que ele e Mary conseguissem ler qualquer resposta que aparecesse ali. No entanto, sem querer, encostaram na parte do aparelho referente ao intelecto, inexistente em Gokubi, a qual conhecia incontáveis citações sobre todos os assuntos possíveis, incluindo sobre o mês de maio.[1] Na pequena tela, apareceram palavras totalmente desconcertantes:

No depravado maio, corniso e castanha, patas-de-vaca em flor,
a serem comidas, bebidas, divididas.
Entre sussurros…[2]
— T. S. ELIOT (1888-1965)

---

1. Em inglês, a palavra "May" significa "maio". [N. de T.]

2. *In depraved May, dogwood and chestnut, flowering Judas,/ To be eaten, to be divided, to be drunk/ Among whispers…* (Tradução livre) [N. de T.]

7

Por um momento, o capitão e Mary acreditaram que haviam estabelecido contato com o mundo exterior, embora nenhuma resposta a um SOS fosse chegar tão rápido e de maneira tão literária.

Então o capitão gritou de novo:

— Mayday! Mayday! Mayday! Aqui é o *Bahía de Darwin* chamando, posição desconhecida. Alguém na escuta?

Ao que o Mandarax respondeu:

Maio será excelente no ano que vem, é provável:
Ah, sim, mas até lá teremos 24 anos.[1]
— A. E. HOUSMAN (1859-1936)

Portanto, ficou evidente que a palavra *maio* levava o próprio aparelho a fazer citações. O capitão ficou intrigado. Ainda acreditava que o objeto em suas mãos era um Gokubi, mas começou a pensar que deveria ser um pouquinho mais sofisticado do que aquele que tinha em casa. Mal sabia ele! Percebendo que o Mandarax estava reagindo à palavra "maio", tentou "junho".

E o Mandarax respondeu:

Junho está vindo com tudo.[2]
— OSCAR HAMMERSTEIN II (1895-1960)

— Outubro! Outubro! — gritou o capitão.

E o Mandarax replicou:

Era o céu de um cinzento funerário,
e a folhagem, fanada, morria,
e a folhagem, crispada, morria,
era noite, no outubro solitário
do ano de que já não me lembraria;[3]
— EDGAR ALLAN POE (1809-1849)

Assim reagiu o Mandarax, que o capitão ainda acreditava ser Gokubi. E Mary disse que voltaria a subir no cesto da gávea para tentar ver alguma coisa lá de cima.

Antes de subir, porém, resolveu dar mais uma alfinetada no capitão. Pediu que ele dissesse o nome da ilha que ela esperava vislumbrar muito em breve. Afinal, naquele terceiro dia que passavam no mar, o capitão nomeava o tempo todo ilhas que supostamente estavam logo ali, no horizonte, bem à frente deles.

— Fique de olho, logo veremos San Cristóbal, ou talvez Genovesa… dependendo de quão ao sul estejamos — dissera ele, acrescentando mais tarde, naquele mesmo dia: — Ah! Agora já sei onde estamos. A qualquer momento veremos a ilha de Española, o único lugar do mundo onde os albatrozes-das-galápagos, as maiores aves do arquipélago, fazem seus ninhos.

Etc.

Aliás, esses albatrozes ainda existem hoje e ainda constroem ninhos em Española. A envergadura das asas alcança dois metros, e tais aves continuam comprometidas como sempre com o futuro da aviação. Ainda acham isso muito promissor.

Porém, no término do quinto dia de navegação, o capitão permaneceu em silêncio quando Mary lhe perguntou o nome da ilha que, segundo ele,

logo avistariam.

Entretanto, ela insistiu na pergunta, e ele respondeu o seguinte:

— Monte Ararat.

Contudo, depois de Mary subir no cesto da gávea, fiquei surpreso por ela não ter gritado de assombro ao ver o que julguei ser um fenômeno climático muito esquisito ocorrendo sobre a popa do navio e depois se espalhando até a retaguarda — na esteira. Parecia de natureza elétrica, embora muito silencioso, talvez um parente próximo do relâmpago globular ou do fogo de Santelmo.

Aquela ex-professora, ainda que olhasse bem na direção do fenômeno, não deu sinais de ter visto nada fora do comum. Então compreendi que somente eu conseguiria ver aquilo, e, portanto, soube o que era: o túnel azul que leva ao Pós-vida. Tinha vindo novamente atrás de mim.

Eu já o vira três vezes antes: no momento da minha decapitação e no cemitério em Malmö, quando o barro sueco despencara, em baques molhados, sobre a tampa do meu caixão, e Hjalmar Arvid Boström, que certamente jamais escreveria a "Nona Sinfonia" de Beethoven, dissera:

— Ah, bem… ele não ia mesmo compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven.

A terceira aparição ocorreu quando eu estava no cesto da gávea — durante a tempestade no Atlântico Norte, no meio do granizo e das rajadas de vento, segurando minha cabeça cortada lá no alto como se fosse uma bola de basquete.

A pergunta sugerida pelo túnel azul só podia ser respondida por mim: minha curiosidade quanto ao significado da vida estava, por fim, saciada? Se sim, bastaria dar um passo à frente e entrar naquela coisa semelhante a um aspirador de pó. Se realmente havia sucção dentro do túnel azul, preenchido por uma luz muito similar à emitida pelos fornos e fogões elétricos do *Bahía de Darwin*, aparentemente não incomodava meu finado pai, o escritor de

ficção científica Kilgore Trout, que conseguia ficar junto ao bocal e conversar comigo.

A primeira coisa que meu pai me disse, em cima da popa do *Bahía de Darwin*, foi:

— Já se cansou de navegar na nau dos insensatos, garoto? Venha já com o papai. Se recusar desta vez, só vai me ver de novo daqui a um milhão de anos.

Um milhão de anos! Meu Deus — um milhão de anos! Ele não estava brincando. Por pior que tivesse sido como pai, sempre mantivera suas promessas e nunca mentira para mim, não que eu soubesse.

Então dei um passo na direção dele, mas não arrisquei um segundo. Eu era como um patola-de-pés-azuis fêmea no começo da dança do acasalamento. Como na dança, meu primeiro passo incerto foi a primeira batida de um relógio que iria se tornar irresistível. Já me sentia tocado, mesmo muito longe do bocal. A vibração do motor do *Bahía de Darwin* enfraqueceu, e o convés principal de aço tornou-se transparente, a tal ponto que eu conseguia ver através do salão principal, no andar de baixo, onde as meninas kanka-bono roíam os ossos de sua inocente semelhante, Kazakh.

O primeiro passo em direção ao meu pai me fez pensar nas meninas indígenas, em Mary, lá no cesto da gávea às minhas costas, em Hisako Hiroguchi e seu feto no lavatório, no desmoralizado capitão, na cega Selena, na ponte de comando e no cadáver no freezer.

— Por que eu me importo com esses estranhos, com esses escravos do medo e da fome? O que eles têm a ver comigo?

Quando hesitei em dar um segundo passo na direção dele, meu pai me disse:

— Continue andando, Leon. Não seja tímido.

— Mas ainda não concluí minha pesquisa — protestei. Eu tinha escolhido ser um fantasma porque o trabalho vinha com benefícios extras, licença para ler mentes, conhecimento total do passado das pessoas, visão através das paredes, possibilidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, aprender a fundo como esta ou aquela situação fora estruturada e ter acesso a todo o conhecimento humano. — Pai… — comecei —, me dê só mais cinco anos.

— Cinco anos! — exclamou. E zombou de mim, citando as três barganhas anteriores que fizera com ele: — "Só mais um dia, pai. Só mais um mês, papai. Só mais seis meses, paiê".

— Estou aprendendo tanto sobre como a vida realmente é, sobre como realmente funciona, sobre o que realmente significa! — falei.

— Não minta para mim — retrucou ele. — Eu já menti para você?

— Não, senhor — respondi.

— Então não minta para mim — disse ele mais uma vez.

— Você é um deus agora? — perguntei-lhe.

— Não — respondeu ele. — Não sou nada a não ser seu pai, Leon… mas não minta para mim. De toda essa sua bisbilhotice, você não acumulou nada a não ser informação. Podia estar colecionando cartões de beisebol ou tampinhas de garrafas que daria no mesmo. Com tanta informação, já podia até ser o Mandarax.

— Só mais cinco anos, papaizinho, papai, pai, paiê — implorei.

— Não é tempo o bastante para que você aprenda o que quer aprender — disse ele. — E por isso, garoto, dou a você minha palavra de honra: se me mandar embora de novo, só vou voltar daqui a um milhão de anos. Leon! Leon! Leon! — implorou ele. — Quanto mais aprender sobre as pessoas, mais indignado ficará. Pensei que ter sido enviado pelo homem supostamente mais sensato do seu país para lutar numa guerra quase interminável, ingrata, hedionda e, por fim, inútil, teria dado a você uma percepção mais aguçada da natureza humana, que duraria por toda a eternidade!

"Será que eu preciso lhe dizer que esses mesmos animais maravilhosos, sobre os quais você aparentemente deseja aprender cada vez mais, estão neste exato momento tão orgulhosos quanto Punch,[4] com armas capazes, comprovadamente, de matar tudo o que existe, prontas para serem disparadas ao menor aviso?

"Será que preciso lhe dizer que este planeta visto de cima, que já foi belo e substancioso, parece agora os órgãos doentes do pobre Roy Hepburn durante a autópsia, e que esses cânceres visíveis, crescendo sem parar simplesmente porque querem, consumindo tudo e envenenando tudo, são justamente as cidades dos seus adorados seres humanos?

"Será que preciso lhe dizer que esses animais causaram tanto estrago que não conseguem nem mais imaginar uma vida decente para os próprios netos, e que inclusive considerarão um milagre se, no ano 2000, daqui a apenas catorze anos, sobrar alguma coisa para comerem ou para desfrutarem?

"As pessoas deste navio amaldiçoado, garoto, são como a humanidade, guiada por capitães sem mapas ou bússolas cuja única preocupação substancial é proteger a todo custo a própria autoestima."

Como em vida, a barba dele ainda estava por fazer. Como em vida, ainda estava pálido e abatido. Como em vida, ainda fumava um cigarro. E achei difícil dar outro passo, basicamente porque, sem dúvida, eu não gostava do meu pai.

Havia fugido de casa aos dezesseis anos porque morria de vergonha dele.

Se um anjo tivesse aparecido na boca do túnel azul, em vez do meu pai, talvez eu tivesse pulado lá pra dentro.

James Wait fugiu de casa porque as pessoas viviam lhe infligindo dores físicas. Tanto que ele podia ter ido da sala de parto direto para uma masmorra da Inquisição Espanhola, dada a engenhosidade de algumas torturas

planejadas pelos cérebros gigantes de seus pais adotivos. Eu fugi do meu pai verdadeiro que, mesmo com raiva, nunca encostou um dedo em mim.

Mas quando eu era jovem demais para entender qualquer coisa, meu pai me tornou cúmplice de sua conspiração para que minha mãe nos abandonasse para sempre. Eu e ele zombávamos dela por querer viajar, fazer amigos e convidá-los para jantar, e ir ao cinema ou a um restaurante de vez em quando. Eu sempre ficava do lado do meu pai. Naquela época, acreditava que ele era o melhor escritor do mundo, o único motivo que consegui encontrar para me orgulhar dele. Não tínhamos amigos, nossa casa era a mais pobre da vizinhança e nem sequer possuíamos televisão ou carro. Então por que eu não iria defendê-lo da minha mãe? De todo modo, devo dizer, a seu favor, que ele nunca alegou ser grande coisa. Porém, como eu ainda era muito inexperiente em julgar as pessoas, achava o máximo aquela existência dele, que insistia em não fazer nada além de escrever e fumar o tempo inteiro — e era o tempo inteiro mesmo.

Ah, sim, e havia mais uma coisa da qual podia me orgulhar, e isso realmente valia alguma coisa em Cohoes: meu pai também tinha servido no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Quando fiz dezesseis anos, porém, cheguei à mesma conclusão de minha mãe e de meus vizinhos tempos atrás: meu pai era um fracassado repulsivo cujo trabalho só aparecia nas publicações mais infames, as quais lhe rendiam uma ninharia. Concluí que ele representava um insulto à própria vida, afinal, limitava-se a escrever e a fumar o tempo inteiro — e era o tempo inteiro mesmo.

Nessa época, eu estava reprovando em todas as matérias, exceto em artes. Ninguém reprovava em artes na Escola Secundária de Cohoes. Era simplesmente impossível. E daí fugi para encontrar minha mãe, mas nunca a achei.

Meu pai tinha publicado mais de cem livros e mil contos, mas em todas as minhas viagens encontrei apenas uma pessoa que ouvira falar dele. Encontrá-la após uma longa busca foi tão confuso para mim, emocionalmente, que acho que fiquei mesmo meio doido por um tempo.

Nunca telefonei para meu pai, nunca lhe enviei nada além de um cartão-postal. Só soube que ele havia morrido quando eu mesmo morri e ele apareceu para mim pela primeira vez na boca do túnel azul que leva ao Pós-vida.

Ainda assim, eu o respeitava pela única coisa que talvez lhe desse algum orgulho: eu também havia servido no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Era uma tradição de família.

E puxa vida, não é que eu também me tornei um escritor, rascunhando que nem meu pai, sem saber se em algum lugar haveria um leitor? E não há. Não pode haver.

Mas nós estávamos agindo como dois patolas-de-pés-azuis na dança do acasalamento, fazendo o que precisávamos fazer, quer alguém estivesse vendo ou, muito provavelmente, não.

E meu pai me disse, lá do bocal:

— Você é igualzinho à sua mãe.

— De que forma? — perguntei.

— Sabe qual era a frase preferida dela?

Claro que eu sabia, e o Mandarax também. É a epígrafe deste livro.

— Você acredita que os seres humanos são animais bons, que eventualmente irão resolver todos os seus problemas e transformar de novo a Terra num Jardim do Éden.

— Posso vê-la, por favor? — Eu sabia que minha mãe estava em algum lugar na outra extremidade do túnel, que estava morta. Foi esta a primeira coisa que perguntei a meu pai quando morri: "Você sabe o que aconteceu com a mamãe?". Eu a tinha procurado em todo lugar antes de me juntar ao Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

— A mamãe está aí atrás de você? — perguntei.

O túnel azul estava num estado inquieto de peristaltismo. Sempre que ele surgia, as contorções me permitiam alguns vislumbres lá de dentro. Vi uma mulher lá dentro, naquela terceira vez em que meu pai apareceu, e pensei que fosse minha mãe, mas não tive essa sorte.

— Sou eu, Naomi Tharp, Leon! — a mulher gritou para mim. Ela era a vizinha que, depois de minha mãe de verdade ir embora, fez o possível para ser minha mãe por um tempo. — Sou a sra. Tharp! — exclamou ela. — Você se lembra de mim, não é, Leon? Entre aqui daquele jeito que costumava entrar na minha cozinha. Seja um bom menino. Você não vai querer ficar largado neste lugar por mais um milhão de anos.

Avancei mais um passo em direção ao bocal. O *Bahía de Darwin* adquiriu o aspecto de uma teia de aranha. O túnel azul pareceu um meio de transporte tão substancial e adequado quanto o bonde de Malmö que eu costumava pegar diariamente para ir e voltar do trabalho no estaleiro.

Mas então, atrás de mim, do alto daquele fio delgado que era o cesto da gávea do *Bahía de Darwin*, ouvi o espectro fosco em que se transformara Mary gritando sem parar. Ela parecia estar passando por algum tipo de agonia, pensei. Não consegui compreender as palavras, mas o tom de voz dela se assemelhava ao de alguém que havia levado um tiro no estômago.

Eu precisava descobrir o que ela dizia, então dei dois passos para trás e me virei para olhar para Mary. Ela chorava, soluçava e ria ao mesmo tempo. Debruçada na borda do cesto de aço, olhando para baixo, gritava para o capitão na ponte de comando:

— Terra à vista! Terra à vista! Graças a Deus! Bendito seja Deus! Terra à vista! Terra à vista!

---

1. *May will be fine next year as like as not:/ Oh ay, but then we shall be twenty-four.* (Tradução livre) [N. de T.]

2. *June is bustin' out all over.* (Tradução livre) [N. de T.]

3. "Ulalume", de Edgar Allan Poe, tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Extraído de *Poemas e ensaios de Edgar Allan Po*e, editora Globo, 2009. [N. de T.]

4. Personagem principal das tradicionais peças de teatro de marionetes inglesas Punch e Judy. [N. de T]

8

Era Santa Rosália que Mary Hepburn havia avistado. O capitão, é claro, seguiria imediatamente para aquele lugar na esperança de encontrá-lo habitado por pessoas — ou pelo menos povoado por animais que eles pudessem cozinhar e comer.

A dúvida que ficou era se eu estaria por perto para assistir aos acontecimentos que se dariam a seguir. O preço que eu teria de pagar para satisfazer minha curiosidade sobre o destino das pessoas no navio era claro: eu continuaria assombrando a Terra, sem a menor chance de liberdade condicional, por um milhão de anos.

A decisão foi tomada em meu lugar por Mary Hepburn, a "sra. Flemming", cuja alegria no cesto da gávea prendeu minha atenção por tanto tempo que, quando olhei para trás, o túnel já havia desaparecido.

Agora já cumpri a sentença de mil milênios. Já paguei minha dívida para com a sociedade, ou seja lá o que for. Portanto, espero, a qualquer momento, rever a entrada do túnel azul. Dessa vez, é claro que passarei de bom grado para o lado de lá. Por aqui não tem mais nada acontecendo que eu já não tenha visto ou ouvido muitas e muitas vezes. Sem dúvida, ninguém vai compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven, contar uma mentira ou começar a Terceira Guerra Mundial.

Minha mãe estava certa: mesmo nos momentos mais sombrios, ainda restava, de fato, esperança para a humanidade.

Na tarde de 1º de dezembro de 1986, segunda-feira, o capitão Adolf von Kleist, conduzindo o *Bahía de Darwin* desprovido de âncora, intencionalmente o encalhou num banco de rocha vulcânica próximo à costa. Na verdade, acreditava que a embarcação conseguiria sair dali com facilidade, como havia feito em Guayaquil, quando fosse a hora de navegar de novo.

E quando o capitão planejava navegar de novo? Tão logo abastecessem as despensas de ovos, patolas, iguanas, pinguins, cormorões, caranguejos e o que mais fosse comestível e fácil de apanhar. Assim que o suprimento de comida se igualasse ao de combustível e água, Von Kleist poderia voltar para o lazer da terra firme, e depois buscar um porto tranquilo que os aceitasse. Iria redescobrir o continente sul-americano.

Então desligou os motores. Seria o fim dessa fidelidade. Por razões que o capitão jamais compreendeu, os motores nunca mais voltaram a funcionar.

Isso significava que os fornos, fogões e refrigeradores também pariariam de funcionar — assim que as baterias acabassem.

Ainda havia dez metros de cabo de popa, do cordão umbilical de náilon branco, preso por um gancho ao convés principal. O capitão e Mary Hepburn, depois de dar alguns nós, usaram-no para descer até o banco de lava e caminhar pela água até a costa, a fim de recolher ovos e matar pequenos animais que não tinham medo deles. Usariam como sacola a blusa de Mary e a camiseta nova de James Wait, que ainda tinha a etiqueta de preço grudada.

Ambos torceram os pescoços dos patolas. Agarraram as iguanas-terrestres-das-galápagos pelos rabos, chocando-as contra as pedras negras até matá-las. E foi durante essa carnificina que Mary se arranhou e um destemido tentilhão-vampiro veio provar sua primeira gota de sangue humano.

Os assassinos deixaram as iguanas-marinhas em paz porque acharam que não eram comestíveis. Dois anos se passariam até descobrirem que as algas marinhas parcialmente digeridas no estômago daquelas criaturas não eram apenas uma refeição saborosa e quente, já pronta, como também curavam a deficiência de vitaminas e minerais que por muito tempo os incomodou. Assim complementariam sua dieta. Porém, como algumas pessoas conseguiam digerir esse purê melhor do que outras, eram mais saudáveis e atraentes — mais desejáveis como parceiras sexuais. Então, com a Lei da Seleção Natural em funcionamento, nos dias de hoje, um milhão de anos depois, os seres humanos conseguem digerir as algas por conta própria, sem a intervenção das iguanas-marinhas, finalmente deixadas em paz.

Um arranjo muito melhor para ambas as partes.

Contudo, as pessoas continuam matando peixes e, em tempos de escassez, ainda comem patolas, que ainda não têm medo delas.

Se eu ficasse aqui mais um milhão de anos, estou certo de que os patolas não aprenderiam que as pessoas são perigosas. Sim, e como eu já disse, eles ainda dançam na época de acasalamento.

Naquela noite, todos desfrutaram de um banquete e tanto no *Bahía de Darwin*. Comeram no convés principal, o próprio deque sendo prato e o capitão sendo chef. Havia iguanas-terrestres assadas, recheadas com carne de caranguejo e picadinho de tentilhão. Havia patolas assados recheados com os próprios ovos e regados a banha derretida de pinguim. Tudo estava perfeitamente delicioso. Todos felizes de novo.

E, à primeira luz da manhã seguinte, o capitão e Mary foram mais uma vez à costa, levando as meninas kanka-bono. Elas finalmente conseguiam entender um pouco do que estava acontecendo. Todos mataram e mataram, e mais tarde acumularam cadáveres e mais cadáveres, até que o freezer do navio contivesse, além de James Wait, aves, iguanas e ovos que, se necessário, abasteceriam as pessoas ali durante um mês. Não apenas possuíam bastante

combustível e água, mas também uma infinidade de comida, e, diga-se de passagem, de qualidade.

O próximo ato do capitão seria ligar os motores. Levaria o navio para o leste em máxima velocidade. Não havia como confundir a América do Sul, a América Central ou a América do Norte, disse o capitão à Mary, o senso de humor voltando:

— … a menos que tenhamos o azar de cruzar o canal do Panamá. Mas se o atravessarmos, posso praticamente garantir que estaremos na Europa, ou de repente na África.

E ele gargalhou, e ela também. Afinal de contas, tudo ia dar certo. Mas aí os motores não ligaram.

9

Quando o *Bahía de Darwin* afundou no calmo oceano, em setembro de 1996, todo mundo, exceto o capitão, chamava o navio por um apelido criado por Mary Hepburn: "a *Grande e Pesada Persiana*".

O nome afrontoso veio de uma canção que Mary aprendera com o Mandarax, que era assim:

Um navio elementar para uma viagem ao mar
Era a Grande e Pesada Persiana*, o gigante.*
Nenhum vendaval ou trovão aborrecia a tripulação
Ou deixava o capitão hesitante.
O homem ao timão foi ensinado de antemão
A desprezar o mais violento aguaceiro
E sempre parecia, quando o tempo se abria,
Que no beliche ele tinha estado o tempo inteiro.[1]
— CHARLES CARRYL (1842-1920)

Hisako Hiroguchi, sua filha peluda, Akiko, e Selena MacIntosh chamavam o navio de "a *Grande e Pesada Persiana*", assim como as mulheres kanka-bono, que adoravam o som das palavras, mesmo sem compreendê-las. E quando as kanka-bono gerassem filhos, o que ainda não acontecera, diriam a eles que tinham vindo do continente num navio mágico, desaparecido muito tempo atrás, chamado "a *Grande e Pesada Persiana*".

Akiko, fluente em kanka-bono, em inglês e em japonês, a única pessoa não kanka-bono que conseguia conversar com as kanka-bono, nunca conseguiu traduzir aquilo de modo adequado para o idioma kanka-bono: "a *Grande e Pesada Persiana*".

As kanka-bono não entenderiam nada do significado do nome e da referência cômica, como qualquer pessoa dos dias de hoje, se eu chegasse de mansinho e sussurrasse no ouvido de tal pessoa, enquanto ela se refestelava em uma praia de areia branca e lagoas azuis: "a *Grande e Pesada Persiana*".

Mary começou seu programa de inseminação artificial logo depois de "a *Grande e Pesada Persiana*" afundar. Tinha 61 anos, na época. Ela era a única parceira sexual do capitão, cujo apetite sexual, aos 66 anos, já não era lá grande coisa. E continuava determinado a não se reproduzir, pois achava que ainda poderia transmitir doença de Huntington a seus herdeiros. Além disso, também era racista, e portanto, de forma alguma se sentia atraído por Hisako ou a filha peluda, e muito menos pelas mulheres indígenas que acabariam, por fim, gerando os filhos dele.

Lembre-se: aquelas pessoas, que esperavam ser resgatadas a qualquer momento, não tinham como saber que representavam a única esperança da raça humana. Assim, ocupavam-se com atividades sexuais simplesmente para passar o tempo de forma agradável, aliviar uma coceira, cair no sono ou o que mais quisessem. Até onde sabiam, a reprodução seria de fato uma baita irresponsabilidade, pois Santa Rosália não era lugar para se criar uma criança. Sem falar que seria uma boca a mais para comer.

Mary sabia disso melhor do que ninguém, antes de "a *Grande e Pesada Persiana*" se juntar à frota de submarinos equatorianos: seria mesmo trágico o nascimento de uma criança.

A alma da mulher continuou com esse mesmo pensamento, mas o cérebro gigante dela começou a imaginar, preguiçosamente, para não a assustar, se o esperma jorrado pelo capitão dentro dela cerca de duas vezes por mês

poderia, de algum modo, ser transferido a uma mulher fértil — resultando, abracadabra, numa gravidez. Akiko, com apenas 10 anos na época, ainda não ovulava. Mas as mulheres kanka-bono, cujas idades variavam de 15 a 19 anos, certamente sim.

O cérebro gigante de Mary lhe disse a mesma coisa que ela dissera tantas vezes a seus alunos: não era ruim, e talvez fosse até muito bom, brincar com todos os tipos de ideias que surgiam em sua mente, ainda que soassem impossíveis, impraticáveis ou completamente malucas. Portanto, Mary garantiu a si mesma lá em Santa Rosália, assim como garantira aos adolescentes de Ilium, que até mesmo os jogos mentais vindos das piores ideias haviam gerado muitas das descobertas científicas mais significativas de uma época que ela, há um milhão de anos, chamava de "tempos modernos".

Então consultou o Mandarax a respeito da curiosidade.

Assim disse o Mandarax:

A curiosidade é uma das mais permanentes e irrefutáveis características de uma mente vigorosa.[2]

— SAMUEL JOHNSON (1709-1784)

Mas o Mandarax não disse a Mary, e evidentemente seu cérebro gigante também não lhe diria, que, se a ideia de um novo experimento tivesse alguma chance de sucesso, o cérebro gigante faria da vida dela um inferno até a coisa toda efetivamente ser colocada em prática.

Na minha opinião, o aspecto mais diabólico daqueles cérebros gigantes de antigamente estava no que eles diziam a seus donos: "Olha só essa coisa doida que a gente poderia fazer, mas que nunca faremos, é claro. É muito divertido pensar nisso, não é?".

E então, como que em transe, as pessoas de fato faziam tais coisas — obrigavam escravos a lutar um contra o outro até a morte no Coliseu,

queimavam pessoas em praça pública por opiniões impopulares, construíam fábricas cujo único propósito era matar gente em escala industrial, explodiam cidades inteiras etc., etc.

Deveria haver em algum lugar do Mandarax, embora não houvesse, um aviso deste tipo: "Nesta época de cérebros gigantes, qualquer coisa que puder ser feita, será feita — então se acostume".

A citação mais próxima que o Mandarax chegou de algo parecido com isso foi quando mostrou esta frase de Thomas Carlyle (1795-1881):

A dúvida, de qualquer espécie, só poderá ser sanada pela ação individual.[3]

As dúvidas de Mary sobre a possibilidade de uma mulher engravidar outra numa ilha deserta, sem nenhuma assistência técnica, levou-a à ação. Como que em transe, ela se viu visitando o acampamento das mulheres kanka-bono, do outro lado da cratera, levando Akiko como intérprete.

E agora me pego lembrando do meu pai, quando ainda era vivo, quando ainda era um escritor miserável em Cohoes. Ele sempre tentava vender alguma história para o cinema para não ter de arrumar empregos estranhos e podermos contratar uma cozinheira e uma faxineira.

Entretanto, por mais que ansiasse vender seus livros para o cinema, ninguém em sã consciência colocaria num filme as cenas principais daqueles contos e romances — não se quisesse um filme famoso.

E agora estou narrando uma história cuja cena principal jamais seria incluída num filme famoso há um milhão de anos. Nele, como que hipnotizada, Mary Hepburn mergulharia o indicador direito dentro de si mesma e depois o colocaria dentro de uma kanka-bono de 18 anos, engravidando-a.

Mais tarde, Mary pensaria numa piada sobre as liberdades completamente insanas, irresponsáveis, inexplicáveis e temerárias que havia tomado com o corpo de não apenas uma, mas de todas as adolescentes kanka-bono. Porém, não estava mais falando com o único colono que teria entendido a piada, ou seja, o capitão, então teve que guardá-la para si mesma. A piada, se articulada, seria mais ou menos assim:

— Se eu tivesse pensado nisso enquanto ainda lecionava na Escola Secundária de Ilium, estaria agora numa prisão feminina confortável do estado de Nova York, em vez de em Santa Rosália, esse lugar esquecido por Deus.

---

1. *A capital ship for an ocean trip / Was the Walloping Window Blind. / No gale that blew dismayed her crew / Or troubled the captain's mind. / The man at the wheel was taught to feel / Contempt for the wildest blow, / And it often appeared, when the weather had cleared / That he'd been in his bunk below.* (Tradução livre) [N. de T.]

2. *Curiosity is one of the permanent and certain characteristics of a vigorous mind.* (Tradução livre) [N. de T.]

3. *Doubt, of whatever kind, can be ended in Action alone.* (Tradução livre) [N. de T.]

10

Quando o navio afundou, naufragaram com ele os ossos de James Wait, que estavam no freezer, misturados aos de répteis e de aves de todo tipo, que ainda existem hoje. Só que ossos como os de Wait são desprovidos de carne atualmente.

Com certeza ele era algum tipo de macaco do sexo masculino, andando ereto e dono de um cérebro extraordinariamente grande, cujo propósito, segundo se poderia imaginar, estava em controlar as mãos engenhosamente articuladas. Talvez tivesse dominado o fogo. Talvez tivesse usado ferramentas.

Talvez tivesse incorporado um vocabulário de uma dúzia de palavras ou mais.

Quando o navio afundou, somente o capitão tinha barba na ilha. Um ano depois, nasceria seu filho, Kamikaze. Treze anos depois, a ilha teria uma segunda barba, a do próprio Kamikaze.

Assim disse o Mandarax:

Havia um velho barbado,
Que disse: "Estou arruinado!
Duas corujas e um pintinho,
Quatro cotovias e um estorninho,
Todos construíram seus ninhos nesse emaranhado!".[1]
— EDWARD LEAR (1812-1888)

Quando o navio afundou e a colônia completou dez anos, o capitão se tornara uma pessoa bastante chata, sem muita coisa para pensar, sem muita coisa para fazer. Passava boa parte do tempo perto da única fonte de água potável da ilha, um riacho na base da cratera. Quando as pessoas iam buscar água, ele as recepcionava como se fosse um mestre da fonte bondoso e sábio, um ajudante e administrador. Até contava às kanka-bono, que não entendiam patavina do que ele falava, como a fonte estava se sentindo naquele dia, caracterizando o gotejar na fenda da rocha como "… muito nervoso hoje", "… muito animado hoje", "… muito preguiçoso hoje" ou qualquer coisa do tipo.

O gotejar, na verdade, era bastante firme, como tinha sido milhares de anos antes dos colonos chegarem ali, e assim permanece até hoje, embora ninguém mais dependa dele atualmente. Eis como funcionava, e não é necessário ter um diploma da Academia Naval dos Estados Unidos para compreender seus mistérios: a cratera era uma enorme tigela que captava água da chuva, mas que se escondia da luz do sol sob uma camada bastante espessa de escombros vulcânicos. Com o lento vazamento na tigela, formava-se a fonte.

O capitão, mesmo com todo o seu tempo livre, jamais conseguiria aprimorar aquela fonte. A água já escorria de maneira bastante satisfatória de uma rachadura na rocha vulcânica, captada por uma bacia natural, dez centímetros abaixo. Aquela bacia era, e ainda continua, do tamanho aproximado do lavatório do salão principal de "a *Grande e Pesada Persiana*". Se fosse esvaziada, com ou sem incentivo do capitão, se encheria novamente em 23 minutos e onze segundos, conforme cronometrado pelo Mandarax.

Como descrever os últimos anos do capitão? Devo dizer que ele sentia um silencioso desespero inundando-o. Mas sem dúvida não precisava ter ficado ilhado em Santa Rosália para se sentir desse jeito.

Assim disse o Mandarax:

A grande maioria dos homens leva uma vida de calado desespero.[2]
— HENRY DAVID THOREAU (1817-1862)

E por que o calado desespero era uma doença tão comum naquela época, especialmente entre os homens? Mais uma vez trago ao palco o único vilão real desta história: o cérebro desproporcional dos seres humanos.

Hoje em dia, ninguém mais leva uma vida de calado desespero. A maioria dos homens, um milhão de anos atrás, vivia em calado desespero porque os computadores infernais alojados nos crânios se mostravam incapazes de qualquer comedimento ou ociosidade; estavam sempre exigindo mais e mais problemas desafiadores que a vida não podia fornecer.

Já relatei até agora quase todos os eventos e circunstâncias cruciais, na minha opinião, para a milagrosa sobrevivência da humanidade até os dias de hoje. Lembro-me desses eventos como chaves de formatos estranhos para muitas portas trancadas, sendo que a última delas se abriria para a felicidade perfeita.

Uma dessas chaves, sem dúvida, era a ausência de ferramentas em Santa Rosália, salvo por frágeis combinações de ossos, galhos, pedras, entranhas de peixes — e também entranhas de aves.

Se o capitão dispusesse de alguma ferramenta decente, como um pé de cabra, uma picareta, pá etc., certamente encontraria uma forma, em nome da ciência e do progresso, de obstruir a fonte, ou de fazê-la vomitar todo o conteúdo da cratera em apenas uma ou duas semanas.

Quanto ao equilíbrio que os colonos estabeleceram entre eles mesmos e o suprimento de comida: devo dizer que envolvia mais uma questão de sorte

que de inteligência.

A natureza escolheu ser generosa, e, portanto, havia alimento suficiente. As aves de outras ilhas, vivendo um bom momento, enviavam imigrantes de viveiros superlotados a Santa Rosália para que assumissem os ninhos dos pássaros que tinham sido devorados pelas pessoas. No entanto, as iguanas-marinhas não tiveram a sorte de usufruir de um esquema semelhante de reposição natural, considerando que não nadavam grandes distâncias. Mas a aparência repugnante desses répteis escrofulosos e o conteúdo de seus intestinos fez com que as pessoas os comessem apenas quando enfrentavam escassez extrema de qualquer outro tipo de alimento.

Todos concordavam que um ovo cozido por horas ao sol numa boa e velha pedra achatada era a comida mais satisfatória. Não havia fogo em Santa Rosália. Depois vinha o peixe, que as pessoas roubavam de algum pássaro. E depois, o próprio pássaro. E por fim, a polpa verde de dentro do estômago da iguana-marinha.

A natureza, de fato, era tão abundante que fornecera até um suprimento reserva de comida conhecido pelos colonos, ainda que nunca o tivessem provado. Havia lobos-marinhos e leões-marinhos de idades variadas, nenhum com aparência suspeita ou feroz, exceto os machos na época do acasalamento. Esses animais ficavam deitados por toda a parte, olhando para os seres humanos que passavam com olhos pidões. E eram comestíveis à beça.

O fato de os colonos matarem quase que imediatamente todas as iguanas-terrestres poderia ter sido fatal — mas acabou não se revelando tão desastroso. Poderia ter sido um problemão. Na verdade, não fez a menor diferença. As tartarugas-gigantes nunca viveram em Santa Rosália e, se vivessem, provavelmente os colonos também as teriam exterminado. Mas isso também não faria a menor diferença.

Enquanto isso, em outras partes do mundo, em particular na África, as pessoas morriam aos milhões por pura falta de sorte. Não chovia havia

muitos anos. Costumava chover um bocado lá, mas parecia que jamais choveria de novo.

Pelo menos os africanos tinham parado de se reproduzir. Isso já era uma coisa boa. Já ajudava um pouco. Significava que havia mais montes de nada para partilhar.

O capitão só percebeu a gravidez de uma das mulheres kanka-bono um mês antes de a primeira delas dar à luz — deu à luz o primeiro homem nativo da ilha, que veio a ser conhecido pelo apelido que a peluda Akiko lhe dera ao manifestar sua alegria pela masculinidade dele. O apelido era "Kamikaze", que em japonês quer dizer "vento sagrado".

Os colonos originais jamais formaram uma família que incluísse a todos. As gerações seguintes, porém, depois que o último velho morreu, tornou-se uma família que incluía a todos. Compartilhavam da mesma língua, da mesma religião, algumas mesmas brincadeiras, danças e canções etc., quase tudo kanka-bono. E quando foi a vez de Kamikaze envelhecer, muito, muito, ele se tornou o que o capitão nunca tinha sido: um venerável patriarca. E Akiko, uma venerável matriarca.

Aconteceu rápido demais — materiais genéticos totalmente aleatórios formaram uma família humana perfeitamente coesa. Era bonito de se ver. Quase me fez amar as pessoas do jeito que elas eram naquela época, com cérebros gigantes e tudo.

---

1. *There was an Old Man with a beard,/ Who said: "It is just as I feared! Two owls and a hen,/ Four larks and a wren/ Have all built their nests in my beard."* (Tradução livre) [N. de T.]

2. *The mass off men lead lives of quiet desperation*. (Tradução livre) [N. de T.]

11

O capitão descobriu tarde demais que uma kanka-bono estava grávida não só porque com certeza ninguém queria lhe contar, mas também porque as mulheres kanka-bono o odiavam tanto, mas tanto, principalmente por causa de seus argumentos racistas, que ele raramente via uma delas. Limitavam-se a buscar água no lado dele da cratera tarde da noite, quando geralmente ele estava dormindo pesado, para evitar encontrá-lo. Continuariam odiando o capitão profundamente até o fim da vida dele, mesmo sabendo que ele era o pai de todas as crianças que tanto amavam.

Contudo, certa noite, um mês antes de Kamikaze nascer, o capitão não conseguiu pregar os olhos no colchão de penas que dividia com Mary. O cérebro gigante o deixou ansioso, contorcendo-se sem parar, o pensamento fixo num esquema para escavar o topo da cratera, onde ficava a reserva de água, até localizar o vazamento, controlando sozinho, assim, uma coisa da qual ninguém tinha motivos para reclamar: o fluxo de água da fonte.

A propósito, o projeto de engenharia da fonte era tão modesto quanto o da Grande Pirâmide de Khufu ou o do canal do Panamá.

Então o capitão se levantou e foi dar uma caminhada no meio da noite. A lua estava cheia e bem acima da cabeça dele. Quando chegou à fonte, encontrou as seis kanka-bono afagando a bacia transbordante como se ela fosse um animal simpático, salpicando-a umas nas outras etc. Divertiam-se a valer, e sentiam-se especialmente felizes porque em breve todas teriam bebês.

Mas pararam de se divertir assim que viram o capitão. Achavam que ele fosse mau. Mas o capitão também ficou consternado — porque estava

pelado. Não esperava encontrar ninguém ali. Nem sequer se preocupara em vestir sua tanga de pele de iguana. E só agora, depois de dez anos em Santa Rosália, as kanka-bono viam pela primeira vez a genitália dele. Sentiram muita vontade de rir e não conseguiram mais parar.

O capitão bateu em retirada para sua casa, onde Mary dormia a sono alto. Não levou a sério as risadas porque achava as kanka-bono simplórias. Achou também que uma delas tinha um tumor, um parasita ou alguma infecção na barriga, e que, apesar de toda aquela euforia, provavelmente morreria logo.

Mencionou o inchaço a Mary na manhã seguinte, e ela deu um sorriso estranho.

— O que é tão engraçado? — perguntou ele.

— Eu estava rindo? — respondeu ela. — Meu Deus… sem dúvida não é nada engraçado.

— Um inchaço daqueles… — começou ele — só pode ser uma doença grave.

— Concordo plenamente — retrucou ela. — Precisamos observar e esperar. O que mais podemos fazer?

— Ela estava tão feliz — admirou-se ele. — Não parecia dar a mínima para aquele inchaço medonho.

— Como você disse tantas vezes — disse Mary —, elas não são como nós. Pensam de modo muito primitivo. Tentam tirar o melhor da situação. Como acham que não podem mudar nada mesmo, aceitam a vida como ela é.

Mary estava na cama, agarrada ao Mandarax. Ela e a peluda Akiko, que tinha apenas 10 anos, eram os únicos colonos que ainda se divertiam com o instrumento. Se não fosse por elas, pessoas como o capitão, Selena ou Hisako, que achavam que o instrumento zombava de todos ali com conselhos inúteis, sabedoria absurda ou esforços ponderados de ser engraçado, já o teriam atirado ao mar há muito tempo.

O capitão, de fato, sentira-se pessoalmente insultado pelo Mandarax desde que no aparelho surgira aquele poema sobre o capitão ridículo e "a *Grande e Pesada Persiana*".

Mary, então, mostrou-lhe um comentário bastante perspicaz sobre a suposta ignorância da mulher kanka-bono, que aparentava tanta felicidade apesar do tumor na barriga:

A ignorância faz da vida mais feliz,

Antes que se aprenda a sofrer e se alegrar.[1]
— SÓFOCLES (496-406 a.C.)

Mary brincava com ele de uma maneira que eu, como ex-colega homem do capitão, achava arrogante e mesquinha. Se em vida eu tivesse sido mulher, talvez pensasse diferente. Se eu tivesse sido mulher, talvez ficasse exultante pelo escárnio secreto de Mary quanto ao limitado papel dos machos na reprodução naquela época, como ocorre ainda hoje. Nesse aspecto, isso não mudou. Ainda existem imbecis que só servem para esguichar esperma na época do acasalamento.

O escárnio secreto de Mary estava prestes a se escancarar em toda a sua crueldade também. Após Kamikaze nascer, o capitão descobriria que o menino era seu próprio filho e gaguejaria que deveria ter sido consultado.

E Mary responderia:

— Você não teve que carregar essa criança por nove meses e lutar para fazê-la passar pelo meio de suas pernas. Não poderia amamentá-la, mesmo que quisesse, e duvido muito que desejasse. E ninguém espera que você ajude a criá-la. Na verdade, esperamos mesmo é que você não queira ter absolutamente nada a ver com ela!

— Ainda assim… — protestou ele.

— Ah, Deus… — disse ela. — Se pudéssemos ter feito um bebê com saliva de iguana-marinha, não acha que teríamos feito isso em vez de

perturbar Vossa Majestade?

---

1. *The happiest life consists in ignorance, / Before you learn to grieve and to rejoice.* (Tradução livre) [N. de T.]

12

Depois das palavras dela ao capitão, não tinha mais condições de o relacionamento entre ambos continuar como era. Há um milhão de anos, os cérebros gigantes criaram um monte de teorias para impedir que os casais humanos se separassem, e havia pelo menos uma forma de Mary continuar vivendo com o capitão por mais um tempinho, se de fato quisesse. Poderia ter dito a ele que as mulheres kanka-bono tinham se relacionado sexualmente com leões-marinhos e lobos-marinhos. O capitão teria acreditado, não apenas pela péssima opinião que tinha sobre a moral daquelas mulheres, mas também por jamais imaginar a possibilidade de uma inseminação artificial. Não teria considerado isso possível, embora o procedimento fosse, na realidade, muito fácil, brincadeira de criança, facinho.

Assim disse o Mandarax:

Tem algo aqui que não gosta de um muro.[1]
— ROBERT FROST (1874-1963)

Ao que eu acrescento:

É, mas tem algo aqui que adora uma membrana mucosa.
— LEON TROTSKY TROUT (1946-1.001.986)

Assim, Mary poderia ter salvado o relacionamento recorrendo a uma mentira, embora ainda tivesse que explicar os olhos azuis de Kamikaze. Aliás, hoje, a cada grupo de doze pessoas, uma tem os olhos azuis como os do

capitão e os mesmos cabelos loiros encaracolados. Às vezes, brinco com esses espécimes dizendo:

— *Guten morgen, Herr* Von Kleist. — Ou ainda: — *Wie geht es Ihnen, Fräulein* Von Kleist?[2]

Isso é tudo o que eu sei falar em alemão.

Hoje em dia, é mais do que o suficiente.

Mary Hepburn deveria ter salvado seu relacionamento com o capitão recorrendo a uma mentira? Essa pergunta permanece em debate após todo esse tempo. Ambos nunca formaram um casal ideal. Ficaram presos um ao outro depois que Selena e Hisako se uniram e criaram Akiko, e as mulheres kanka-bono mudaram-se para o lado mais distante da cratera, preservando a pureza das crenças, dos costumes e das atitudes do povo kanka-bono.

Aliás, um deles implicava manter seu nome em segredo de qualquer um que não fosse kanka-bono. Eu guardava esse segredo, assim como guardava os segredos de todos os outros, mas acredito que não há mal algum em revelar, hoje, que a primeira a ter um bebê do capitão se chamava Sinka; a segunda, Lor; a terceira, Lira; a quarta, Dirno; a quinta, Nanno; e a sexta, Keel.

Depois de Mary se afastar do capitão e montar uma tenda e uma cama de penas para si mesma, diria a Akiko que não era mais solitária do que quando morava com Von Kleist. Tinha várias reclamações específicas sobre o capitão, defeitos que ele teria consertado facilmente se estivesse mesmo interessado em fazer com que o relacionamento deles desse certo.

— As duas pessoas devem cuidar de um relacionamento — ela aconselhava Akiko. — Se só uma resolver cuidar, é melhor esquecer. Não adianta nada, e quem tiver cuidado sozinho vai acabar como eu, sentindo-se uma idiota o tempo todo. Fui feliz de verdade no meu primeiro casamento,

Akiko, e teria sido feliz de novo no meu segundo casamento se Willard não tivesse morrido, então sei bem como essas coisas funcionam.

E estes são os quatro piores defeitos do capitão que Mary enumerou, os quais ele conseguiria consertar facilmente, mas não quis:

1. Quando ele falava sobre a vida depois que fossem resgatados, nunca a incluía em seus planos.
2. Ria de Willard Flemming o tempo todo, mesmo sabendo quanto isso a magoava, sempre duvidando que ele havia composto duas sinfonias, que sabia alguma coisa sobre moinhos de vento ou até mesmo que conseguia esquiar.
3. Reclamava constantemente dos bipes do Mandarax quando ela apertava botões diferentes, mesmo num tom bem baixinho, e isso mesmo sabendo que o aparelho servia para ela aperfeiçoar a mente, memorizar citações famosas, aprender novos idiomas etc.
4. Ele preferia morrer engasgado a dizer "Eu te amo".

— E esses são só os quatro piores — constatou ela.

Então, um bocado de ressentimento acumulado aflorou quando Mary falou com o capitão sobre a saliva da iguana-marinha.

Não consigo pensar no rompimento como trágico, pois não havia filhos dependentes envolvidos, e nenhuma das partes achava absolutamente insuportável viver sozinho. Akiko visitava ambos regularmente, e, depois que nasceu barba em Kamikaze, ela tinha seus próprios filhinhos peludos para acompanhá-la nas visitas.

As mulheres kanka-bono não dedicavam a Mary qualquer tratamento especial, embora ela tivesse possibilitado que elas gerassem bebês. As indígenas, e depois seus filhos, tinham tanto medo dela quanto do capitão, e acreditavam que ela era capaz de fazer muito mal, assim como fazia o bem.

E vinte anos se passaram. Hisako e Selena haviam se suicidado por afogamento oito anos antes. Akiko, na época uma matrona de 39 anos, tornara-se mãe de sete crianças peludas geradas com Kamikaze — dois

meninos e cinco meninas. Era fluente em três idiomas sem a ajuda do Mandarax: inglês, japonês e kanka-bono. Os filhos, porém, falavam apenas kanka-bono, exceto por duas palavras em inglês: *vovô* e *vovó*. Era assim que ela os fazia chamar o capitão e Mary Hepburn. E era assim que ela mesma os chamava.

Às sete e meia da manhã do dia 9 de maio de 2016, segundo o *Mandarax, Akiko acordou *Mary e disse-lhe que deveria fazer as pazes com o *capitão, que estava tão doente que provavelmente não duraria até o fim do dia. Akiko o visitara na noite anterior e mandara seus filhos para casa, a fim de ela mesma zelar pela saúde dele durante a madrugada, ainda que pudesse fazer muito pouco.

Então *Mary foi até lá, embora não fosse mais nenhum brotinho. Estava com 80 anos — e completamente banguela. A coluna da mulher parecia um ponto de interrogação, graças, segundo o *Mandarax, aos danos causados pela osteoporose. Mas ela nem precisou que o *Mandarax lhe desse o diagnóstico. Os ossos da mãe e da avó de *Mary, antes de morrerem, também estavam fragilizados como uma vareta por causa da osteoporose. Esse é outro defeito hereditário desconhecido hoje.

Quanto ao problema do *capitão, o *Mandarax dera o educado palpite de que se tratava da doença de Alzheimer. O pobre velhote já não conseguia cuidar de si mesmo, e mal sabia onde estava. Teria morrido de fome se Akiko não lhe levasse comida todos os dias e, de um jeito ou de outro, o fizesse engolir pelo menos alguma coisa. Estava com 86 anos.

Assim disse o *Mandarax:

A última cena de todas,
Que termina essa estranha e acidentada história,
É a segunda infância e o mero esquecimento,
Sem dentes, sem mais visão, sem gosto, sem coisa alguma.[3]

— WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

Então ★Mary, curvada e arrastando os pés, entrou na tenda de penas do ★capitão, a qual antigamente compartilhavam. Não pisava lá havia vinte anos. O local fora reformado muitas vezes desde que ela partira, e é claro, os postes e estacas feitos com plantas do mangue que o sustentavam também, assim como a cama de penas. Mas a arquitetura não se alterara, com uma janela improvisada que dava para o manguezal ali na beira da água, e emoldurava o banco de areia onde "a *Grande e Pesada Persiana*" encalhara tanto tempo atrás.

A propósito, o navio só se livrara do banco de areia em razão de um acúmulo de água da chuva e água do mar na popa. A água do mar penetrou no eixo de transmissão de uma das poderosas hélices. À noite, o *Bahía de Darwin* deslizou pelo banco de areia. Ninguém o viu começar a última etapa do "Cruzeiro Ambiental do Século", três quilômetros abaixo da superfície, direto para o baú de Davy Jones.[4]

---

1. *Something there is that doesn't love a wall.* (Tradução livre) [N. de T.]

2. "Bom dia, sr. Von Kleist" e "Como vai, srta. Von Kleist?". [N. de T.]

3. *Last scene of all, / That ends this strange eventful history, / Is second childishness and mere oblivion, / Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans everything.* (Tradução livre) [N. de T.]

4. Expressão que se refere ao fundo do mar, local de descanso eterno de marinheiros que morreram em alto-mar. Faz referência ao pirata do século 18 que, segundo a lenda, tinha um baú (por vezes, um armário) que continha o purgatório, o céu e o inferno. [N. de T.]

13

Aquele banco de areia do lado de fora da tenda do *capitão sem dúvida formava uma paisagem histórica bastante lúgubre de ser contemplada! Eu me surpreendia por ele querer vê-la diariamente. Foi nesse mesmo lugar, perto daquela mesma corcova meio submersa, que *Hisako Hiroguchi e a cega *Selena MacIntosh caminharam de mãos dadas pela água, procurando e encontrando juntas o túnel azul que leva ao Pós-vida. *Selena tinha 48 anos e ainda era fértil. *Hisako, aos 56, não ovulava havia um bom tempo.

A visão do banco de areia ainda transtornava Akiko. Continuava sentindo-se responsável pelo suicídio das duas mulheres que a tinham criado, embora o *Mandarax dissesse que certamente fora a depressão unipolar, intratável e provavelmente hereditária que matara ambas.

No entanto, havia o fato, incontestável para Akiko, de que *Hisako e *Selena tinham se suicidado logo após ela resolver construir um canto para si mesma.

Na época, tinha 22 anos. Como Kamikaze ainda não chegara à puberdade, ele não teve nada a ver com aquela decisão. Simplesmente estava morando sozinha, e adorando cada momento. Akiko já passara da idade em que a maioria das pessoas voa do ninho, e eu era completamente a favor dessa mudança. Afinal, havia visto como ela ficava magoada por *Hisako e *Selena continuarem referindo-se a ela como um bebê, mesmo depois de ter virado uma mulher tão robusta e competente. Ainda acho que Akiko suportou essa situação por tempo demais porque se sentia muito grata por tudo que as duas tinham feito por ela quando era tão genuinamente indefesa.

Quando Akiko partiu, as mulheres ainda cortavam a carne de patola para ela, dá para acreditar?

Um mês depois, ainda guardavam um lugar para a jovem a cada refeição, com a carne previamente cortada, e, mesmo na ausência de Akiko, falavam e brincavam amorosamente com ela.

E então, um dia simplesmente acharam que não valia mais a pena viver.

*Mary Hepburn, apesar das enfermidades, ainda era autossuficiente quando foi visitar o *capitão em seu leito de morte. Ainda apanhava e preparava a própria comida e mantinha o lar imaculadamente limpo. Orgulhava-se disso, e com razão. O *capitão era um fardo para a comunidade, ou seja, um fardo para Akiko. *Mary certamente não. Ela dizia com frequência que, se um dia virasse um fardo para alguém, seguiria o exemplo de Selena e Hisako, afundando no banco de areia e juntando-se ao segundo marido no fundo do oceano.

O contraste entre os pés dela e os do *capitão era gritante. Os pés de cada um certamente tinham histórias muito diferentes para contar. Os dele eram brancos e macios. Os dela, duros e curtidos como as botas de escalada que levara a Guayaquil tanto tempo atrás.

Ela, então, disse ao homem com quem não falava havia vinte anos:

— Me disseram que você está muito doente.

Na verdade, ele continuava bem bonito e estava inteiraço. Vivia limpo e apresentável, pois Akiko o banhava todos os dias, lavando e penteando o cabelo e a barba do homem. Usava um sabão fabricado pelas kanka-bono, uma composição de ossos triturados e banha de pinguim.

Uma das coisas mais exasperantes da doença do *capitão era que o corpo ainda era perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo. Ele era muito mais forte que *Mary. No entanto, o cérebro gigante danificado o fazia passar muito tempo na cama, sujar-se todo, recusar-se a comer etc.

De novo: sua condição não se restringia a Santa Rosália. Lá no continente, jovens compassivos como Akiko cuidavam de milhões de idosos indefesos como bebês. Graças aos tubarões e às baleias orcas, hoje tais problemas referentes à velhice são inimagináveis.

— Quem é essa bruxa? — o *capitão perguntou a Akiko. — Detesto mulher feia. E essa é a mais feia que já vi.

— É a *Mary Hepburn… a sra. Flemming, vovô — respondeu Akiko. Uma lágrima escorreu por sua bochecha peluda. — É a vovó — completou ela.

— Nunca vi essa mulher na minha vida — disse ele. — Por favor, tire-a daqui. Vou fechar os olhos. Quando abri-los de novo, não quero mais vê-la aqui.

Ele fechou os olhos e começou a contar em voz alta, depois numa voz inaudível.

Akiko foi até *Mary e amparou-a pelo braço direito frágil.

— Ah, vovó… — disse ela. — Eu não tinha ideia de que seria assim.

E *Mary lhe disse, bem alto:

— Ele não está pior do que antes.

O *capitão continuou contando.

Nos arredores da fonte, a meio quilômetro de distância, ouviu-se um grito de triunfo masculino e gargalhadas femininas. O grito masculino era constante na ilha. Era de Kamikaze, que costumeiramente anunciava a todos que havia agarrado alguma fêmea e iria copular com ela. Estava com 19 anos na época, mal atingira o auge sexual e, como o único macho viril da ilha, sentia-se disposto a copular com qualquer um ou com qualquer coisa quando bem entendesse. Com certeza, esse era outro sofrimento que Akiko precisava suportar — as infidelidades escancaradas de seu companheiro. Sem dúvidas, uma mulher santa.

A fêmea agarrada por Kamikaze na fonte era a própria tia, Dirno, que na época já passara há muito da idade de engravidar. Ele não ligava. Iam copular mesmo assim. Havia copulado até mesmo com leões-marinhos e lobos-marinhos quando mais jovem, até Akiko convencê-lo a parar com isso, se não pelo bem dele, pelo menos pelo dela.

Nenhum leão-marinho ou lobo-marinho engravidou de Kamikaze, o que, de certa forma, foi uma pena. Se tivesse conseguido engravidar um desses bichos, a evolução da humanidade moderna teria levado bem menos tempo que um milhão de anos.

Mas aí eu te pergunto de novo: qual é a pressa?

O *capitão abriu os olhos e disse a *Mary:

— Por que você ainda não foi embora?

Ela respondeu:

— Ah, não ligue para mim. Sou só uma mulher com quem você viveu por dez anos.

Naquele momento, Lira, uma das mulheres kanka-bono, disse a Akiko, em kanka-bono, que Orlon, o filho de 4 anos, havia quebrado o braço, e que, portanto, precisavam dela imediatamente em casa. Lira não se atrevia a chegar mais perto da tenda do *capitão, a qual, segundo pensava, estava impregnada de magia ruim.

Então Akiko pediu a *Mary que ficasse de olho no *capitão enquanto ia para casa. Prometeu voltar o mais rápido possível.

— Seja bonzinho, tá? — disse ao *capitão. — Promete?

Ele concordou, mal-humorado.

*Mary levara consigo o *Mandarax a pedido de Akiko, na esperança de usá-lo para diagnosticar a causa dos vários comas quase mortais do *capitão no dia e na noite anteriores.

Mas quando ela lhe mostrou o instrumento, e antes que fizesse a primeira pergunta, o *capitão fez uma coisa absolutamente inesperada: arrancou a máquina de *Mary e ficou de pé como se não houvesse nada de errado com ele.

— Odeio essa coisinha filha da puta mais do que tudo nesta vida — disse, e foi cambaleando até a costa. Com movimentos bruscos, chapinhou em direção ao banco de areia, os joelhos cobertos pela água.

A pobre *Mary foi atrás dele, mas sem dúvida não estava em condições de conter um homem daquele tamanho. Assim, impotente, observou-o atirar o *Mandarax na água a uma profundidade de cerca de três metros, bem no declive do banco de areia. O banco de areia se inclinava abruptamente, como o dorso de uma iguana-marinha.

A velhinha capenga conseguia vislumbrar o *Mandarax. Lá estava ele — a relíquia inestimável que prometera deixar a Akiko quando morresse. E aquela velhinha capenga foi buscá-lo. Chegou até a segurá-lo entre as mãos, mas um imenso tubarão-branco engoliu ambos, Mary e Mandarax.

O *capitão teve um lapso de memória, e por isso não sabia o que fazia aquela água estar sangrenta. Não sabia nem em que parte do mundo estava. Aterrorizou-se com um possível ataque de pássaros. Eram somente os inofensivos tentilhões vampiros, uma das mais aves mais comuns da ilha, indo atrás das escaras do *capitão. Mas, para ele, eram algo novo e aterrorizante.

Começou a espantá-los com tapas e a gritar por socorro. Entretanto, mais e mais tentilhões vampiros continuaram chegando, e ele, absolutamente convencido de que queriam matá-lo, pulou na água, onde foi engolido por um tubarão-martelo. Esse animal possuía uma haste no lugar da cabeça, os olhos em cada uma das extremidades, uma anatomia aperfeiçoada pela Lei da Seleção Natural muitos e muitos milhões de anos atrás. Era uma peça perfeita no mecanismo do universo. Não tinha um defeito que não houvesse sido modificado. Sem dúvida, não precisava de um cérebro maior.

O que iria fazer com um cérebro maior? Compor a "Nona Sinfonia" de Beethoven?

Ou, talvez, escrever estes versos:

O mundo inteiro é um palco,
E todos os homens e mulheres, meros atores.
Eles entram e saem de cena;
E cada um, em seu tempo, representa muitos papéis?…[1]
— WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

---

1. *All the world's a stage,/ And all the men and women merely players./ They have their exits and their entrances;/ And one man in his time plays many partsparts…?* (Tradução livre) [N. de T.]

14

Escrevi essas palavras no ar — com a ponta do dedo indicador de minha mão esquerda, também feita de ar. Minha mãe era canhota, e eu também sou. Hoje, não existem mais seres humanos canhotos. As pessoas exercitam suas nadadeiras em perfeita simetria. Minha mãe era ruiva, assim como Andrew MacIntosh, embora seus respectivos filhos — eu e Selena — não tenham herdado os cachos cor de ferrugem — e nem a humanidade herdou, e nem tinha como a humanidade herdar. Não existem mais ruivos. Nunca conheci um albino pessoalmente, mas também não existem mais albinos. Entre os lobos-marinhos, de vez em quando ainda aparece algum albino. A sua peliça seria muito apreciada, um milhão de anos atrás, em casacos para senhoras exibirem em óperas e bailes de caridade.

E a peliça das pessoas de hoje, será que daria um belo casaco para os ancestrais de antigamente? Não vejo por que não.

Se me incomoda escrever de forma tão incorpórea, com ar e no ar? Bem, minhas palavras serão tão duradouras quanto aquelas que meu pai escreveu, que Shakespeare escreveu, que Beethoven escreveu ou que Darwin escreveu. Acontece que todos eles escreveram com ar e no ar, e agora colho este pensamento de Darwin neste ambiente agradável:

O progresso tem sido muito mais difundido que o retrocesso.

Verdade, verdade.

Quando minha história começou, parecia que a parte terráquea do mecanismo do universo estava em sério perigo, já que muitas de suas peças, isto é, as pessoas, além de não mais se encaixarem em lugar algum, danificavam as outras partes ao redor delas tanto quanto a si mesmas. Naquela época, eu teria dito que o dano era irreparável.

Mas não!

Graças a certas modificações na anatomia dos seres humanos, não vejo razão para que a parte terráquea do mecanismo interrompa o tique-taque eterno que soa neste exato momento.

Se foram seres sobrenaturais de algum tipo ou o pessoal dos discos voadores, os queridinhos do meu pai, que fizeram a humanidade viver em harmonia consigo mesma e com o resto da natureza, não os vi. Posso jurar solenemente que a Lei da Seleção Natural fez esse reparo sem qualquer ajuda externa.

Foram os melhores pescadores que sobreviveram em maior número no ambiente aquoso do arquipélago de Galápagos. Aqueles com mãos e pés com formato mais semelhante a pés de pato eram os melhores nadadores. Maxilares inferiores projetados constituíam uma ferramenta mais adequada para apanhar e reter peixes do que as mãos jamais seriam. E qualquer pescador, passando cada vez mais tempo submerso, podia, sem dúvida, pegar mais peixes se tivesse um corpo mais aerodinâmico, em formato de bala — e um crânio menor.

E assim contei minha história, exceto por alguns detalhes pouco relevantes que posso ter esquecido de mencionar. Mas vou mencioná-los sem obedecer a uma ordem específica porque agora preciso escrever às pressas. Meu pai e o túnel azul virão me buscar a qualquer momento.

Se as pessoas ainda sabem que cedo ou tarde vão morrer? Não. Felizmente, na minha humilde opinião, elas se esqueceram desse detalhe.

Se procriei quando ainda estava vivo? Engravidei uma colegial por acidente em Santa Fé pouco antes de me juntar ao Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. O pai da jovem era diretor da escola em que ela estudava, e nós nem nos gostávamos muito. Estávamos só nos pegando, como a garotada costuma fazer. Ela abortou, o pai dela pagou pelo procedimento. Nunca descobrimos se teria sido menina ou menino.

Isso certamente me ensinou uma lição. Depois do ocorrido, sempre me certifiquei de que eu ou minha parceira estivesse usando um método anticoncepcional. Nunca me casei.

E agora me pego rindo ao imaginar como seria indigno e feio se uma pessoa moderna tivesse de se munir de um típico dispositivo anticoncepcional de um milhão de anos atrás antes de fazer amor. E mais: imagine só a pessoa tendo que fazer isso com nadadeiras, em vez das mãos!

Se jangadas naturais de matéria vegetal, com ou sem passageiros, chegaram enquanto estive aqui? Não. Se algum tipo de espécime do continente alcançou as ilhas desde que o *Bahía de Darwin* encalhou? Não.

Mas vou repetir que só estive aqui por um milhão de anos — um tempo realmente insignificante.

Como saí do Vietnã e fui parar na Suécia?

Depois que atirei na velha que havia matado meu melhor amigo e meu pior inimigo com uma granada, e depois que o que restou do nosso pelotão reduziu a cinzas o vilarejo dela, fui hospitalizado com o que chamaram de "esgotamento nervoso". Cuidaram de mim com muito amor e carinho.

Também fui visitado por oficiais que frisaram quão importante era que eu não contasse a ninguém o que havia acontecido no vilarejo. Só nesse momento eu soube que nosso pelotão matara 59 aldeões de todas as idades. Alguém tinha contado os corpos mais tarde.

Depois que tive alta, um dia, bêbado e chapado de maconha, contraí sífilis de uma prostituta de Saigon. Mas a primeira lesão da doença, também desconhecida hoje, só apareceu quando cheguei a Bangcoc, na Tailândia, para onde fui enviado com muitos outros para o chamado "Descanso e Recreação".[1] Na verdade, um eufemismo que todos conheciam para designar mais prostitutas, álcool e drogas. Na época, a prostituição era o melhor negócio para arranjar dinheiro estrangeiro na Tailândia, perdendo apenas para o arroz.

Depois vinha a borracha.

Depois vinha a madeira teca.

Depois vinha o estanho.

Não queria que o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos soubesse que eu tinha sífilis. Se descobrissem, descontariam do meu soldo o tempo em que eu estivesse em tratamento. Além disso, o período de tratamento não seria descontado do tempo que ainda me faltava servir no Vietnã.

Então procurei os serviços de um médico particular em Bangcoc. Um colega fuzileiro havia me recomendado um jovem doutor sueco que tratava casos como o meu, uma pessoa que fazia pesquisa na Faculdade de Ciências Médicas de lá.

Durante minha primeira visita, ele me questionou sobre a guerra. E me vi contando a ele a matança que nosso pelotão fizera no vilarejo com os aldeões. O médico quis saber o que eu havia sentido, e respondi que a parte mais terrível da experiência era não ter sentido muita coisa.

— Você chorou, depois disso, ou teve problemas para dormir? — perguntou ele.

— Não, senhor — respondi. — Na verdade, fui hospitalizado porque só queria dormir.

Nem cheguei perto de chorar. Eu podia ser qualquer coisa, mas nunca um bebê chorão, um coração mole. E antes mesmo de o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos ter me transformado num homem, eu já não era de chorar. Não chorei nem quando minha mãe, ruiva e canhota, abandonou a mim e ao meu pai.

Mas então aquele sueco falou uma coisa que me fez chorar como um bebê — até que enfim, até que enfim. Ele ficou tão surpreso quanto eu quando me viu chorando sem parar.

Eis o que o doutor disse:

— Notei que seu sobrenome é Trout. Por acaso você é parente do maravilhoso escritor de ficção científica Kilgore Trout?

Esse médico foi a única pessoa que conheci fora de Cohoes, Nova York, que ouvira falar do meu pai.

Tive que ir até Bangcoc, na Tailândia, para saber que pelo menos aos olhos de alguém meu pai desesperadamente escrevinhador não vivera em vão.

Chorei tanto que tive de ser sedado. Quando acordei, estava numa cama dobrável no consultório do médico, ele me observava. Estávamos sozinhos.

— Está se sentindo melhor? — perguntou.

— Não — respondi. — Ou talvez. É difícil dizer.

— Enquanto você dormia, fiquei pensando no seu caso — disse ele. — Tem um remédio muito forte que eu poderia prescrever, mas fica a seu critério tentar tomá-lo ou não. Preciso que esteja totalmente ciente dos efeitos colaterais.

Achei que ele se referia ao quanto os organismos da sífilis haviam se tornado resistentes a antibióticos graças à Lei da Seleção Natural. Meu cérebro gigante, mais uma vez, estava enganado.

O médico disse que tinha amigos que podiam dar um jeito de me levar de Bangcoc à Suécia, se eu quisesse tentar asilo político lá.

— Mas eu não sei falar sueco — comentei.

— Você vai aprender — disse ele. — Você vai aprender, você vai aprender mesmo.

---

1. No original, "Rest and Recreation", termo militar usado para quando os soldados estão fora de serviço. [N. de T.]

Galápagos

TÍTULO ORIGINAL:
Galápagos

COPIDESQUE:
Tássia Carvalho

REVISÃO:
Hebe Ester Lucas
Ana Luiza Candido
André Caniato

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO:
IO Design

ILUSTRAÇÃO:
Guilherme Manzi

CAPA:
Pedro Fracchetta

DIAGRAMAÇÃO DE E-BOOK E REVISÃO DA VERSÃO ELETRÔNICA:
Calil Mello Serviços Editoriais

COPYRIGHT © KURT VONNEGUT, 1985
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2025

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS SEM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO.

Aleph

Rua Bento Freitas, 306 – Conj. 71 – São Paulo/SP
CEP 01220-000 • TEL 11 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V947g Vonnegut Jr., Kurt
Galápagos [recurso eletrônico] / Kurt Vonnegut Jr. ; traduzido por Livia Koeppl. - 2. ed. - São Paulo : Aleph, 2025.
304 p. : ePUB ; 2,5 MB.

Tradução de: Galapagos
ISBN: 978-85-7657-705-8 (Ebook)

1. Literatura americana. 2. Ficção científica. I. Koeppl, Livia. II. Título.

2024-3864

CDD 813.0876
CDU 821.111(73)-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura americana : Ficção científica 813.0876
2. Literatura americana : Ficção científica 821.111(73)-3



Gostou leitura?

Acesse o QR code (ou este link) e confira um mapa exclusivo da viagem do *Bahía de Darwin*, o Cruzeiro Ambiental do Século.